This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

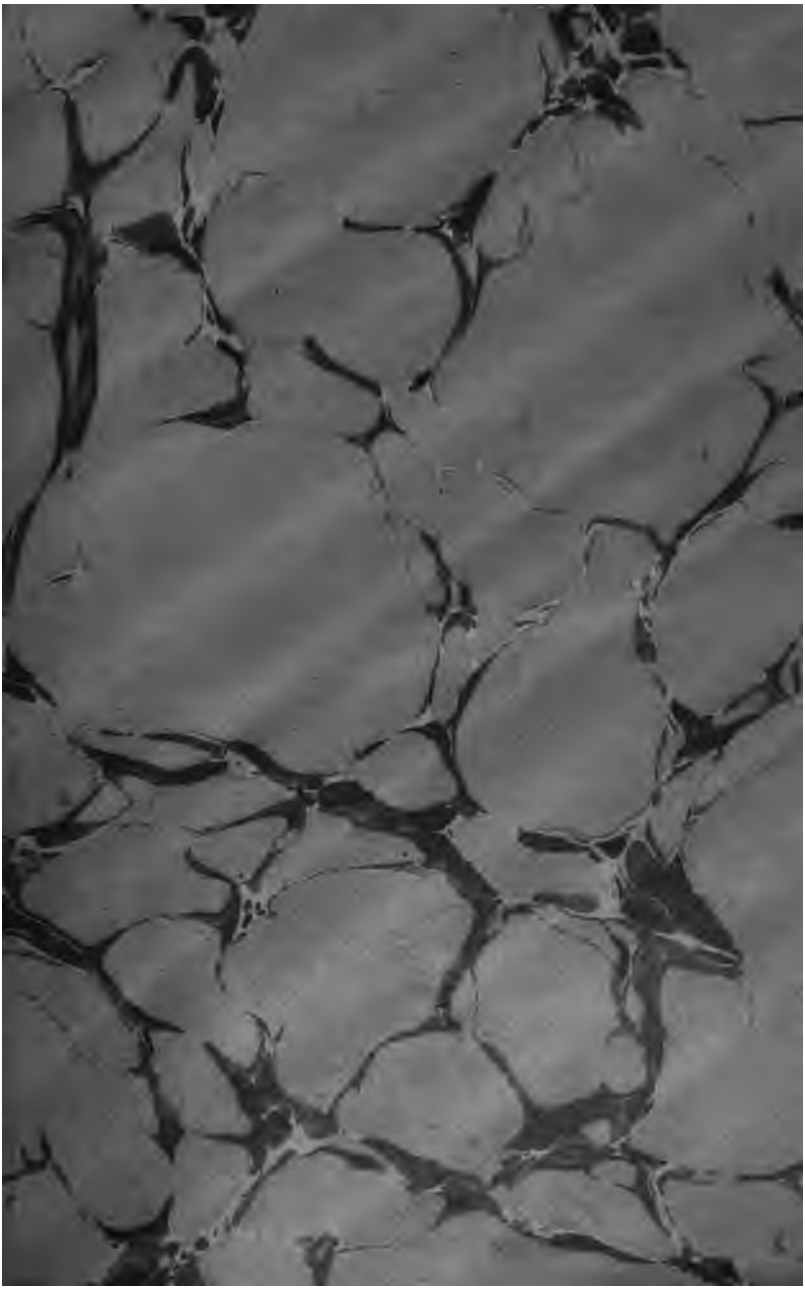
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
M53fe
1875

A 860,416

PROPERTY OF THE
University of Michigan Libraries
1917
SCIENTIA VERITAS



FEIRA DOS ANEXINS

OBRA POSTHUMA

DE

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

Agora dada á luz pela primeira vez

EDIÇÃO DIRIGIDA E REVISTA

POR

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA—EDITOR
50 - Rua Augusta— 52
1875

869.8
M53 f.
167

1875

LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA.

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

63-268485

«A outra (obra inedita de D. Francisco Manuel) que lemos, e de que possuimos uma copia, é a *Feira dos Anexins*, livro curioso, em que estão lançadas methodicamente as metaphoras e locuções populares da lingua portugueza, e que seria quasi um manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quizessem fazer falar as suas personagens com phrase conveniente, e com as graças e toque proprio da nossa lingua portugueza e do verdadeiro estylo dramatico, cousa a mais difficil, talvez, n'este genero de litteratura, e de que tão arredios andam os que ora o começam a cultivar entre nós, embuidos dos destemperos, escaracéos e expressões falsissimas, que aprendem pelos livros do visconde d'Arlincourt, e ainda dos grandes auctores dramaticos francezes, etc., etc.»

(Sr. A. Herculano, em o *Panorama*, vol. IV, 1840, a pag. 296).

I

Tal era o conceito que, ha trinta e cinco annos, julgador tão competente e auctorisado formulava ácerca do livro, que até agora conhecido de poucos, passa hoje, por beneficio do prelo, do recatado gabinete d'um ou outro curioso para o dominio do publico.

Não sabemos se algum critico moderno, dos que estão sempre em permanente contradicção com todos e comsigo

proprios, pretenderia achar exaggeração no juizo francamente expendido n'aquellas expressivas clausulas por penna tão esclarecida. Quanto a nós, affigura-se-nos que a conveniencia, ou melhor a necessidade da vulgarisação d'esta e de outras obras de indole similhante, longe de diminuir, como que tende progressivamente a crescer de dia para dia. Augmenta de vez á medida que se multiplica a ninhada, não só dos traductores de officio, empenhados (salvo uma ou outra excepção honrosa) em enriquecer-nos com as suas tapeçarias vistas pelo avêsso, mas ainda de escriptores, que blasonam de *originaes,* e que embhora dotados de talento, consideram assumpto mui rasteiro e improprio das altas concepções *scientificas,* em que andam engolfados, o estudo e previo conhecimento da lingua de seus maiores.

É facto incontroverso, e que muito

dóe aos que por espirito de nacionalidade ou amor patrio zelam de coração a pureza de um idioma, que no dizer d'entendidos não conhece superior entre os neo-latinos [1], vêl-o cada dia mais deturpado pelo neologismo, que sem ordem nem escolha vai invadindo tudo. Podem a este mal assignar-se duas causas; uma a ignorancia, resultado da inconveniente direcção dada aos estudos primarios; outra o prurido de certos, que querem a todo o custo ser havidos por mestres, quando ainda não transcenderam a categoria de discipulos. Desejosos de ostentar sapiencia encyclopedica, como que os vemos apostados a introduzir vocabulos forasteiros, a forjal-os de invenção propria e a repro-

[1] Veja-se a este respeito as eruditas notas do nosso philologo-poeta Francisco Dias Gomes á sua ode em louvor da lingua portugueza. *Obras*, publicadas pela Academia Real das Sciencias, 1799, de pag. 283 a 318.

duzir na elocução as reminiscencias da linguagem alheia, cujos auctores são os unicos por elles versados ou conhecidos.

Com quanta mais razão se lastimaria agora, se lhe fosse dado vêr como as cousas vão correndo n'esta parte, o judicioso auctor da *Côrte na Aldêa,* que já no seu tempo levantava sentidas queixas contra os que esfarrapavam então a nossa bella lingua, e a traziàm, como diz, *mais remendada que capa de pedinte!*

Oh como se havia mister que da campa se erguesse o bom velho Filinto, para azurragar novamente com o latego da satyra chistosa esses tarelos, dignos successores dos que elle em seus dias fulminou com tão mal recompensado zelo!

Como protesto, pois, contra esses innovadores mal amanhados, e a ser pos-

sivel, como efficaz preservativo para os ainda não contaminados, sáia á luz a *Feira de Anexins*, e resuscitem embhora outras producções de nossos avoengos, onde os que se não pejam de aprender estudem e apreciem a genuina phrase da linguagem vernacula, e sintam quanto lhes convém aprofundar esse estudo como unico remedio

«Contra o francez ozagre, que nos gafa[1]»

II

De longos annos data este nosso empenho de prestar ás lettras patrias mais um pequeno (e talvez será o ultimo) serviço; que por tal havemos a publicação da *Feira de Anexins*[2]. Circumstancias porém, que tantas vezes contrariaram a nossa vontade, impediram por muito

[1] Francisco Manuel do Nascimento, *Obras*, tomo I (edição de Paris) pag. 237.

[2] Veja-se no *Diccionario bibliographico portuguez* o tomo II, pag. 444, e tomo IX, pag. 330 e 332.

tempo a realisação do desejo, que ainda agora não lograra execução, se o benemerito editor, que de principio perfilhára a nossa idéa, não se deliberasse em fim a metter hombros á empreza, sem curar das eventualidades a que em nosso exiguo mercado anda sujeito este genero de publicações.

E não parava aqui o nosso commettimento. Tencionavamos que a *Feira de Anexins* fosse acompanhada na íntegra do *Memorial ou justificação offerecida a el-rei D. João IV*, por D. Francisco Manuel em sua defeza, precioso inedito, que na opinião do sr. Herculano «é tal«vez o mais eloquente arrazoado escri«pto na lingua portugueza, modelo de «vehemencia, sentimento e estylo [1].» Desistimos agora d'esse proposito á vista

[1] *Panorama*, volume citado, pag. 180, onde, e a pag. 294, appareceram pela primeira vez impressos dous trechos d'esse notabilissimo documento.

da recente publicação, que d'aquella importante peça acaba de fazer o nosso prezado amigo e honrador Camillo Castello-branco, antecipando-se a dar-lhe logar á frente da novissima e acurada edição, que da *Carta de guia de casados* se imprimiu no Porto em 1873.

Algum mais feliz que nós, poderá ampliar a nossa tentativa, dando egualmente ao prelo o *Tacito portuguez, vida d'el-rei D. João IV* (notavel fragmento de que ha em Lisboa algumas copias) — *O Theodosio segundo,* e outros ineditos que do insigne polygrapho venham a descobrir-se; sem esquecer uma edição, que muito conviria fazer das *Epanaphoras,* que tão incorrectas andam nas duas existentes, servindo para ella de auxiliar o manuscripto que se conserva na Bibliotheca d'Evora [1], e que

[1] Veja-se *Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca eborense,* tomo III, pag. 231.

se affirma differir consideravelmente do impresso.

Fôra desejo do editor e nosso, que a presente edição viesse a lume elaborada sobre o texto ou original primitivo; porém quanto a este ponto sairam baldadas todas as pesquizas e diligencias, que um e outro empregámos. Destruido provavelmente pelas vicissitudes dos annos, não podemos d'esse original achar memoria ou vestigio em parte alguma. Restava o recurso dos transumptos e com elle tivemos de contentar-nos. Recorreu-se em primeiro logar ao sr. A. Herculano, que para logo annuiu do melhor grado á sollicitação, facultando benevola e liberalmente a copia que possuia, pelo que devemos consignar-lhe aqui um voto de agradecimento. Essa copia comtudo comprehendia apenas a primeira parte da *Feira,* faltando-lhe por conseguinte a segunda e ter-

ceira. Quanto a esta ultima, poderia de algum modo supprir-se com os excerptos que d'ella publicou o padre João Baptista de Castro na sua *Hora de recreio* [1].

No entretanto quiz a sorte d'esta vez favorecer-nos, deparando-nos a acquisição de outra copia (esta completa com as tres partes) que anteriormente pertencera ao finado conselheiro d'estado Fernando Luis Pereira de Sousa Barradas. E ultimamente fomos encontrar na Bibliotheca Nacional mais duas copias, uma tambem completa pertencente á livraria do celebre bibliophilo D. Francisco de Mello Manuel da Camara (vulgo o *Cabrinha)*; outra só da primeira parte e assás incorrecta, que fôra com-

[1] Livro já hoje pouco vulgar, com quanto d'elle se fizessem, no seculo passado, em Lisboa duas edições; a primeira (1742-1743) em dous tomos; a segunda, 1750, em um só volume; ambas no formato de 8.°

prada aos herdeiros de Manuel Thomas Pinheiro de Aragão. Todas (bem como a do sr. Herculano) são de lettra do seculo XVIII, e parece-nos ser a nossa a mais antiga entre todas. Diz-se ainda haver uma copia na Bibliotheca Eborense; porém quanto a esta faltou o meio de examinal-a.

As que estavam ao nosso alcance foram todas confrontadas, e conferidas tão minuciosamente quanto o permittiu o estado deteriorado da nossa vista, hoje pouco menos que extincta, aproveitando em cada uma as variantes, que mais genuinas nos pareceram. Cumpre ainda assim declarar que em alguns passos, apezar de conformes entre si, as julgamos todas viciadas: mas preferimos deixal-os taes quaes, a introduzir de lavra propria quaesquer emendas arbitrarias.

Da mesma sorte não julgámos que nos fosse licito alterar ou modificar a

lettra do texto, ainda n'aquelles logares em que o auctor, deixando correr a penna com maior liberdade da que talvez empregaria se destinasse elle proprio a obra para o prelo, usou de vocabulos ou phrases, hoje estranhaveis por ventura á delicadeza affectada dos ouvidos do nosso seculo.

As imperfeições ou faltas que se notarem devem merecer desculpa, e para ella sollicitamos a indulgencia do leitor sensato. Quanto aos sabios balofos e eruditos presumidos; a fazedores de livros de empreitada, e a censores arrevesados, maldizentes por officio, pouco poderão já molestar-nos com suas criticas sandias ou reparos parvos.

Assás nos habituámos a soffrel-os; e oxalá que ainda nos não faleçam de todo tempo e vista para saldar certas contas, que com alguns conservamos em aberto!

III

Entre os escriptores portuguezes, cujas obras universalmente apreciadas e applaudidas por consenso unanime de nacionaes e estranhos, deveriam andar nas mãos de todos, cabe de certo um dos primeiros logares ao auctor da *Feira de Anexins*.

Não menos celebre pelo seu talento que por sua má fortuna, e reunindo ao nascimento illustre uma instrucção tão copiosa quanto variada, D. Francisco Manuel de Mello achou em seu animo varonil um verdadeiro escudo, contra o qual resvalaram sem effeito os golpes da adversidade. Ninguem como elle soube conciliar para si a plenitude dos suffragios de estima e admiração; e merecer de contemporaneos os gabos que, confirmados pela voz imparcial da pos-

teridade, vieram collocal-o definitivamente na primeira plana dos nossos classicos; accrescendo-lhe a essa gloria outra, que muito deve lisonjear-nos; a de ser egualmente contado tal entre os nossos visinhos hespanhoes, attentos os muitos livros que na lingua castelhana sairam da sua fecunda e sempre limada penna, os quaes não pouco concorreram para dilatar-lhe a fama.

Poeta, historiador, moralista, epistolar, e até ascetico, sempre ameno e sentencioso no estylo e fluente na dicção, cultivou tão diversos generos com reconhecida vantagem, revelando mais ou menos em todos, os elevados quilates do seu ingenho, e deixando-nos, em alguns, modelos acabados para imitação e estudo.

Em graça dos que ainda não renegaram o principio d'auctoridade, e para que saibam como os que podem tel-a

pensaram ácerca d'este nosso abalisado patricio, esboçaremos aqui uma resenha bem que succinta, dos testimunhos que a seu respeito encontrámos, e que abonam de verdadeiras as nossas asserções. Incitou-nos á diligencia de os colligir o desejo de appensal-os ao que n'essa parte achámos já consignado no tomo II da *Bibliotheca lusitana* do abbade Barbosa. Limitar-nos-hemos comtudo á transcripção de alguns: que seria tarefa como que interminavel e talvez fastidiosa a enumeração de todos.

O trecho que em primeiro logar apresentamos é a expressão genuina e conscienciosa do que no assumpto pensava um nosso douto e intelligente philologo do seculo passado, o laborioso professor Pedro José da Fonseca, a quem as lettras portuguezas devem tão attendiveis quão mal remunerados serviços [1].

[1] Veja-se o opusculo *Agradecimento de um homem á*

Eil-o ahi, extractado do *Catalogo dos auctores*, que antecede o *Diccionario da lingua portugueza*, começado a publicar pela nossa Academia; livro que por moda tão chasqueado ha sido dos que nunca o abriram, mas no qual muito e muito ha que aproveitar. Diz assim (pag. CII):

«A applicação infatigavel (de D. Francisco Manuel) ao estudo, sem a qual os melhores dotes da natureza se costumam mallograr, fez que os seus assás extraordinarios honrassem o nascimento, que teve illustre, e a profissão das armas, que exercitou valeroso. Cooperáram da mesma sorte para aperfeiçoal-os, o commercio dos sabios de differentes nações acquirido em suas viagens, o serviço da guerra, com que se fortifi-

memoria de outro homem virtuoso, sabio e philosopho, descripto no *Diccionario bibliographico portuguez*, tomo II, pag. 365.

cam e elevam os bons engenhos, e o manejo de alguns negocios publicos, de que foi encarregado. Ultimamente o retiro, a que o obrigou uma dilatada prisão, lhe deu motivo de se conhecer a si e aos homens, e o constituiu um profundo observador dos costumes do seu tempo, os quaes representa com jocosidade, pinta com energia, e censura com vehemencia em muitas das suas obras. Abrangem estas varios ramos de litteratura, e em todas ellas, ou sejam historicas ou moraes, se deixa bem vêr um assiduo trabalho, larga erudição, e a felicidade de se exprimir com conveniencia e elegancia, conforme sempre ás materias, que tratava. Sem embargo de haver escripto muito em castelhano, não deixa por isso de ser tambem um dos mais fecundos e polidos escriptores, que temos em portuguez, maiormente no genero dialogico e epistolar.

A dextreza em se servir com propriedade dos nossos adagios, o uso dos termos e locuções familiares, feito a proposito, e o restabelecimento de vozes e fórmulas antigas, sem affectação, dão ao seu estylo, que não carece de muitas outras bellezas, particular graça e novidade para ser, qual é, elegante, variado e deleitavel. Os seus versos porém são inferiores á sua prosa, pois seguindo o gosto d'aquella idade, prefere n'elles o agudo e brilhante ao simples e natural. A desgraça, que se apostou a perseguil-o por quasi todo o decurso da vida, não foi todavia com elle tão iniqua, que chegasse a prival-o da estimação que logrou com geral applauso dos contemporaneos, privilegio que de ordinario nega aos infelizes. O padre Manuel Godinho na *Relação da sua viagem,* cap. xxx, referindo o encontro, que em Julho de 1663 teve com elle

em Marselha, assim diz: — «Fui logo «visitado do senhor D. Francisco Ma- «nuel: o qual, com nome supposto de «Monsieur Chevalier de S. Clement, «passava a Roma recommendado a to- «dos os principes, e republicas amigas «por cartas patentes dos senhores reis «de Inglaterra e França. Não é crivel «o gosto, que me causou a visita d'este «fidalgo: só o póde considerar quem «souber estimar suas estimaveis pren- «das, quem tiver gosado de sua admi- «ravel conversação, quem fôr lido em «seus engenhosos livros, quem de seu «singular juizo formar aquelle conceito, «que d'elle tem feito o mundo todo; «quem de seu primor estiver obrigado, «como eu o estou: porque todas estas «cousas juntas foram os motivos do «meu gosto n'aquella visita.»

Contemporaneo do antecedente, outro escriptor egualmente benemerito das

nossas lettras, o padre Francisco José Freire, posto que nas suas *Reflexões sobre a lingua portugueza* (parte I, pag. 13) se não mostre em demasia affeiçoado a D. Francisco Manuel, accusando-lhe nimia propensão para os archaismos, modifica e attenua comtudo essa pecha nas seguintes honrosas clausulas: «É auctor pelo qual se deve estudar, porque é um d'aquelles em quem se acham vocabulos exquisitos, proprios da lingua; e n'este ponto como os outros classicos raras vezes usam (ou talvez nunca) de similhantes vozes, faz este escriptor a mesma auctoridade que fariam os primeiros mestres. Os seus dialogos, os seus versos e cartas servirão muito n'esta materia ao leitor pouco instruido nas delicadezas da nossa linguagem familiar.»

Venhamos porém ao seculo actual, e daremos a prioridade, sequer na ordem

chronologica, a João Bernardo da Rocha, de quem e de suas cousas já tivemos opportunidade para occupar-nos com maior detença em o nosso *Diccionario bibliographico* [1]. No seu *Portuguez* publicado em Londres (vol. v a pag. 24) este zeloso amador dos quinhentistas alludindo incidentemente a D. Francisco Manuel, ahi o qualifica como «um dos maiores sabios, que no seu tempo havia na Europa», dando ao seu nome o epitheto de «immortal» e ás suas obras o de «preciosas». E já no vol. IV (pag. 307 e 308) não só nos dá noticia de haverem sido recentemente traduzidos e impressos na lingua ingleza alguns fragmentos do *Melodino* (nome poetico de D. Francisco

[1] No tomo III, pag. 326 a 330, artigo ao qual temos de fazer algumas leves rectificações e muitos addimentos no tomo X, se ainda nos fôr dado trazel-o a lume, com os restantes que devem completar este espinhoso trabalho.

Manuel); mas chama a este «grande capitão, grande historiador, famoso poeta, um dos nossos melhores classicos, e tambem um dos melhores da lingua hespanhola, agora lembrado entre inglezes (1815) e quasi de todo esquecido entre os seus naturaes!»

No *Epitome biographico,* que precede a bella edição da *Carta de guia de casados* estampada em Londres, 1820, a pag. xxv é o nosso auctor exaltado nos seguintes honrosos termos: «Em verdade parece prodigio que um varão de vida tão attribulada e tormentosa, sempre occupado em pretenções de côrte, e nas fadigas dos negocios d'estado e vida militar, escrevesse tantos volumes quantos são os impressos, afóra os muitos que nunca o foram, tractando em suas varias obras com successo egual a prosa e a poesia, já em moral, já em politica, mathematica, historia e arte

militar, sendo-lhe todos os assumptos familiares, e todas as linguas como a sua propria natural, escrevendo com a mesma graça e elegancia na castelhana e portugueza, de maneira que em ambas é classico. D'elle se póde dizer «que bem se parece ás terras de qualidade e humor, que tudo podem produzir.»

A opinião de José Maria da Costa e Silva em nada dissente das anteriores. Para elle D. Francisco Manuel é o «homem de erudição profunda, que tanta honra faz á litteratura das duas linguas da peninsula hispana [1].

O nosso illustre consocio na Academia das Sciencias, Antonio da Silva Tullio, antecipando-se-nos a transcrever pela primeira vez no *Archivo pittoresco* (vol. VII) varios trechos escolhidos da primeira parte da *Feira,* preambulou essa transcripção com algumas linhas

[1] *Ensaio biographico-critico,* tomo VIII.

em que se reporta ao juizo já emittido do sr. A. Herculano, accrescentando de propria conta o que se segue: «Todas as obras d'este notavel e fecundo escriptor fazem auctoridade na lingua portugueza, e tambem na hespanhola, em cujo idioma publicou muitos livros.»

Registraremos ainda os votos de tres outros distinctos academicos. Um d'elles, o pranteado Rebello da Silva, não duvida proclamar D. Francisco Manuel como «um dos primeiros eruditos do seu tempo, e talvez o prosador mais substancial e conciso da lingua portugueza [1]» adduzindo para prova o *Memorial de serviços,* ou *Justificação apologetica,* a que acima nos referimos.

Outro, o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, emprehendendo ácerca da litteratura castelhana um *Ensaio d'estudos* de que ha annos publicou os pri-

[1] *Historia de Portugal,* tomo IV, pag. 198.

meiros capitulos [1] nos quaes tomou por assumpto D. Francisco Manuel e a sua preconisada *Historia de la guerra de Cataluña,* diz com justa ufania: «É summamente glorioso para os portuguezes, que um portuguez (grande homem, e politico illustre) seja considerado como escriptor admiravel na lingua castelhana.»

O terceiro, o sr. conselheiro Antonio José Viale, exprime-se nos termos seguintes [2]: «As obras de D. Francisco Manuel por muito varias, moraes e repassadas do mais fino atticismo, são maravilhosamente adaptadas para a leitura util e agradavel de mais de uma qualidade de leitores, nas mais diversas situações da vida. Consolam no infortunio, recreiam na prosperidade.»

[1] No periodico *O Conimbricense,* n.os 2:426 a 2:428 (outubro e novembro de 1870).

[2] *Bosquejo metrico,* a pag. 224 da quarta edição.

E isto baste, quanto a nacionaes. Pelo que respeita a estrangeiros, omittiremos aqui, por ser em demasia extenso, posto que mui significativo e honroso para o escriptor portuguez, o juizo critico que d'elle faz o laureado poeta e assisado critico hespanhol D. Manuel José Quintana [1]. Com elle quasi coincide o de outro, formulado em termos mais breves pelo egualmente poeta illustre e afamado litterato D. Antonio Gil de Zárate. No seu *Manual de la Literatura española,* 2.ª parte (a pag. 116 e 555 da edição de 1862) preconisa o nosso D. Francisco Manuel como «o mais celebre de todos os portuguezes que escreveram em hespanhol.» Diz que talvez se lhe deva dar o primeiro logar entre os historiadores; e que o merecido como poeta não deixa de ser tam-

[1] Póde vêr-se reproduzido no *Diccionario bibliographico portuguez,* tomo II.

bem avantajado. Que o seu livro *Da guerra de Cataluña,* se bem de escassa importancia como monumento historico, tem alta valia como obra litteraria, pois que o auctor conseguiu realisar o que Furtado de Mendonça havia procurado em vão, isto é, emparelhar devidamente as fórmas latinas com a indole da lingua castelhana. Que póde bem ser considerado como o Tacito hespanhol, e o livro como o modelo que mais devem ter presente os que desejarem aperfeiçoar-se no estylo historico; modelo tanto mais facil de estudar, quanto por sua curta extensão se presta a ser lido e relido muitas vezes.

IV

De que provém, pois, que apezar de tantos e tão encomiasticos louvores prodigalisados á sua memoria, os escriptos

d'este varão benemerito (sequer os impressos, para não falar dos ineditos) continuem a ser pela raridade possuidos de poucos, e ainda lidos por menos? Em qualquer outro paiz, que não fosse o nosso, onde a incuria e menospreço na conservação dos seus brazões litterarios como que se tornaram proverbiaes, as obras de D. Francisco Manuel teriam tido diversa sorte, e Portugal lograria, desde muito tempo, quando menos uma edição completa e aprimorada de tudo o que lhe resta de um dos seus principaes classicos. Nem lhe ficaria mal seguir n'esse ponto o exemplo das nações cultas, já que em outros tão cegamente as imita, chegando por isso a merecer os apodos d'aquelle ingenhoso poeta Simão Machado, que assim lh'o lançou em rosto:

Se um estranho á terra vem,
Dizeis todos em geral

Nunca aqui chegou ninguem,
E do vosso natural
Nada vos parece bem.

Emfim, que por natureza
E costolação do clima,
Esta nação portugueza
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seus despreza. [1]

Vê-se que a enfermidade é antiga, e já incuravel. Temos o enigma decifrado e a pergunta respondida. Nem é para admirar que, excepção feita da *Carta de guia de casados,* que os nossos prelos tornaram popular [2], e da *Historia de*

[1] *Comedias portuguezas*, fol. 72 na edição de 1631.

[2] D'ella conhecemos até agora as seguintes edições: Lisboa, na officina Craesbeckiana, 1651, in 12.º de VIII — 176 fol. numeradas pela frente, tendo este livrinho a singularidade de ser o primeiro que o auctor publicou em portuguez, sendo todos os anteriores impressos em castelhano — ibi, por Antonio Craesbeck, 1665, 12.º — ibi, por Diogo Soares de Bulhões, 1670, 16.º — ibi, por Antonio Craesbeck, 1678, 16.º (Esta se declara quarta edição, emendada de muitos erros das passadas) — ibi, por Bernardo da Costa, 1714 — ibi, por Antonio Pedroso Galrão, 1746, 12.º — Coimbra, por Francisco de Oliveira, 1747, 12.º — Lisboa, 1765 e 1809, as quaes não podémos vêr — Londres, por T. C. Hansard, 1820, 12.º

Cataluña, cuja ampla vulgarisação tomaram a cargo os visinhos hespanhoes [1], todos os outros escriptos de D. Francisco Manuel tenham, quando muito, duas edições realisadas na maior parte ainda em sua vida, e que outros não passassem até hoje da primeira! Com isso nos contentamos! Um livreiro editor Mathias Pereira da Silva com louvavel diligencia começou no primeiro quartel do seculo passado a dar á luz

gr. de XXVIII — 184 pag. (sem duvida a mais nitida de todas) — Lisboa, na typ. Rollandiana, 1827, 8.°, de XII — 210 pag. E ultimamente Porto, typ. Ferreira da Silva, 1873, 16.° gr. de 204 pag. *com um prefacio biographico enriquecido de documentos ineditos* pelo sr. Camillo Castello-branco. E talvez haverá ainda mais algumas de que não alcançámos noticia.

[1] Apezar das tres edições que d'esta *Historia* se fizeram em Lisboa nos annos de 1645, 1692 e 1696, este livro era em Hespanha pouco menos que desconhecido até o principio do seculo actual, em que o erudito e laborioso philologo D. Antonio Capmany, possuidor de um exemplar, o communicou aos seus patricios, promovendo assim a primeira reimpressão que d'ella se fez em Madrid no anno de 1808, in 8.° gr. — Seguiram-se a esta outras, taes como de Pa-

algumas obras posthumas; porém cançou na carreira, publicando apenas a *Aula politica*, o *Tratado da Cabala* e os *Apologos dialogaes*. Provavelmente desanimou na empreza porque o acolhimento do publico não correspondeu á sua expectativa [1]. E o mesmo aconteceria, talvez, ao editor da *Carta de guia* que em 1746 promettia continuar a impressão das obras portuguezas do auctor.

Bem fôra (e ardentemente o desejamos, posto que sem vislumbre de esperan-

ris, por Firmin Didot, 1827, 2 tomos in 32.° — de Barcelona, por Juan Olivares, 1842, 12.°, etc. Anda tambem incluída na collecção Baudry, fazendo parte do tomo XVIII, que se intitula *Tesoro de Historiadores españoles*, Paris, 1840, 8.° gr. — E na *Biblioteca de Escritores españoles* de Ribadeneyra, no volume que tem por titulo *Historiadores de sucesos particulares*, Madrid, 1852, 8.° max.

[1] Ou talvez por outra razão, que bem póde colligir-se do que a respeito d'elle nos diz Francisco Xavier de Oliveira nas suas *Memoires historiques, politiques et litteraires de Portugal*, no tomo II, pag. 377.

ça de que tal se realise em nossos dias) que se constituisse n'esta terra uma Associação organisada, não com a mira em lucros pecuniarios, ou em lisonjear as paixões de bibliomaniacos abastados, mas com o intuito puro, simples, e exclusivamente patriotico de prestar ao paiz um attendivel serviço litterario.

Fundada sob taes auspicios, e do modo porque a concebemos, esta Associação em vez de despender os seus cabedaes em edições luxuosas de algum auctor estrangeiro, ou de pretender crear competencias de rivalidade com os monumentos já existentes e consagrados por mão generosa á gloria dos nacionaes, empregaria de preferencia os seus cuidados em trabalhos (ao que nos parece) mais uteis para as lettras patrias e de maior proveito para os seus cultores, já reproduzindo alguns livros menos vulgares e de merito incontestavel,

já dando a estampa outros ineditos, escolhidos d'entre os muitos que jazem servindo de pasto á traça no pó das livrarias publicas e particulares; já finalmente fornecendo aos bibliophilos estudiosos edições completas, correctas, e annotadas ou commentadas (como usam lá por fóra) em que a nitidez se ligasse á economia, de todos os nossos auctores que de tal honra fossem julgados dignos. Seriam ellas outros tantos padrões erguidos á memoria dos que por seus escriptos illustraram a patria, não menos que valiosos auxiliares para todos que se dedicam ao estudo das cousas nacionaes.

Certo que a Sociedade que assim procedesse, crédora da gratidão dos presentes e das bençãos dos vindouros, não choraria perdido o capital que despendesse em similhantes publicações, embhora de extracção demorada, mas

segura, e talvez crescente á medida que se generalisasse o gosto d'ellas, e o conhecimento das suas vantagens.

Se tal projecto fosse admissivel, temos para nós que as obras de D. Francisco Manuel de Mello mereciam bem, entre outras, a primasia; commettida a sua coordenação e revisão a pessoa intelligente, em quem concorressem as circumstancias necessarias para bem desempenhar essa, alias não muito facil tarefa.

Pela nossa parte, no estado de inanição a que nos vão reduzindo os annos e os achaques, nada poderiamos fazer; e tanto mais que ainda ha pouco por sentença de juiz integerrimo fomos irremissivelmente condemnado «a não sair dos limites modestos da *catalogia.*» [1] E damos-lhe graças pela bran-

[1] Não cause estranheza o vocabulo. Cremol-o invenção de um sabio da *actualidade*, despido de *pre-*

* * *

dura com que se houve, que maior e mais severa pena mereciam os nossos desconcertos!

Impossibilitado como nos sentimos até de concluir um tal qual estudo ácerca da vida e feitos de D. Francisco Manuel, emprehendido de longo tempo, mas que apezar de já adiantado, depende para o seu complemento de investigações e exames, que mal comportam nossas deterioradas forças, aproveitamos aqui a opportunidade que se nos depara de nos desligarmos para com o publico da especie de compromisso a esse respeito como que tomado a pag. 330 do tomo IX do *Diccionario bibliographico*.

occupações odientas, e iniciador entre nós de *processos scientificos*, pelos quaes sobre tantos e tão felizes achados, acaba de descobrir que um Ayres Telles de Menezes, captivo em 1578 na batalha de Alcacer, é o proprio que em 1495 escrevera em linguagem do seculo XVIII uma elegia á morte d'el-rei D. João II. — *Risum teneatis?*

Sirva comtudo essa mesma opportunidade para não levantarmos mão d'este prefacio sem tocar n'elle alguns pontos em que nos parece necessario insistir, restabelecendo a exactidão e chronologia dos factos. Com isso evitar-se-ha a futuros biographos o perigo de incorrerem em novas equivocações; mormente aos que pretendessem conciliar entre si as encontradas narrativas de seus predecessores no que diz respeito á ultima quadra da vida de D. Francisco Manuel. [1]

Começaremos procurando fixar a duração do seu encarceramento. Diz elle no fim da epistola aos leitores, que ser-

[1] Referimo-nos principalmente ao que no assumpto escreveram os srs. A. Herculano nos artigos do *Panorama* já por vezes alludidos, e o sr. Camillo Castello-branco no prefacio-biographico á nova edição da *Guia de casados*. São de sobra esclarecidos e cordatos os dous illustres escriptores, para que possam dar-se, nem ainda levemente, por offendidos de nossos humildes e comedidos reparos.

ve de introducção ás *Cartas familiares*, haver estado doze annos preso. Isto se tem repetido, e vai correndo de plano: todavia nàda ha menos conforme á verdade. Ninguem duvida de que a prisão se effectuou a 19 de Novembro de 1644. É egualmente indubitavel que já estava solto a 29 de Agosto de 1653, pois n'esse dia fecha do sitio da Luz a conclusão e remate da sua *Aula politica*.[1] Logo, por boa arithmetica, entre essas duas datas decorrem apenas nove annos incompletos, e não os doze que se tem querido suppôr.

Que intervallo mediou entre a soltura (cremos que do Castello de Lisboa, para onde viera removido em Março ou Abril de 1650, e d'onde parece haver escripto já em 1653 a *Epistola declamatoria ao principe D. Theodosio*) e o seu embarque para o Brasil? Não

[1] Vej. na edição unica de 1720, pag. 107.

sabemos determinal-o ao certo: só sim que a dedicatoria do *primeiro Apologo dialogal* ao dr. Antonio de Sousa Tavares é datada *d'esta aldêa* (?) a 20 de Septembro de 1654; e que a do *segundo* a Nuno da Cunha d'Eça é escripta da Bahia a 13 de Novembro de 1655. Vem depois a do *terceiro Apologo* datada das Minas-novas (que elle diz, note-se bem, serem «desterro de desterro») a...? de 1657: e finalmente a do *quarto* a Daniel Pinario é escripta *de um leito* a 10 de Septembro de 1657.

Que em 3 de Dezembro de 1659 estava de volta em Lisboa, prova-se da *Epanaphora quinta,* pois a vemos datada de Alcantara no dia referido.

De tudo isto nos parece dever inferir-se, que a partida para a America realisar-se-ia ainda em fins de 1653, para assim se prefazerem (até 1659) «os seis annos de desterro» taes como

elle os conta; se é que ainda n'esta parte não padeceu segundo lapso de memoria.

Ao que não podemos assentir de modo algum, é a que «depois do seu regresso do Brasil a Lisboa não mais tornasse a sahir d'esta cidade» [1]. Que n'ella permanecesse durante os annos de 1660 a 1662, temol-o por certissimo: pois que n'esse periodo não só frequentou as sessões da Academia dos Generosos, mas foi d'ella eleito presidente não menos de cinco vezes, como se vê das orações que n'essa qualidade recitou, e que andam incluidas na segunda parte das suas *Obras metricas*. Porém já o sabemos em França no mez de Julho de 1663, onde se avistou com elle em Marselha o padre Manuel Godinho, segundo consta do logar que acima dei-

[1] *Panorama*, vol. citado, pag. 180, no fim da columna 2.ª

xamos transcripto. Estava então de passagem para Roma, e ahi effectivamente residiu por tempo, que não temos meio de assignar com precisão, mas que em caso nenhum poderia computar-se nos sete annos, que em sua affirmativa lhe marca o biographo mais recente. [1] Essa residencia alongar-se-ia, quando muito, a um anno e alguns mezes. E senão veja-se: É datada de Roma em Junho de 1664 a carta ultima da centuria quinta (a mesma que de costume falta em quasi todos os exemplares da primeira edição das *Cartas familiares*). Da mesma cidade é tambem datada a 6 de Septembro d'esse anno a carta dedicatoria das *Obras morales* á rainha de Inglaterra D. Catharina. Mas em 2 de Abril do anno seguinte já D. Francisco estava em Lyão de França, fechando ahi n'essa data o prologo das suas *Obras*

[1] *Prefação* á *Carta de guia* (1873) a pag. 50.

metricas, bem como a 1 de Maio seguinte conclue a protestação final do seu livro. De que posteriormente voltasse a Roma não apparece memoria, nem ha fundamento que induza sequer a presumil-o. Assim é para nós mais que provavel que de França viria directamente para Lisboa, indo talvez estacionar-se em Alcantara, onde parece já estivera em 1659, e que ahi falecesse a 13 de Outubro de 1666, segundo a opinião tida por melhor averiguada. [1]

Quanto á causa occulta e determinativa da perseguição contra elle movida, achamos nas *Memorias do bispo do Pará D. Fr. João de S. José Queiroz* (interessante inedito, publicado pelo sr. Camillo Castello-branco em 1868) a pag. 50 e 51 um trecho, que a dar-lhe assen-

[1] *A Historia genealogica da C. R.*, tomo I, pag. CXIV, dá-o falecido em 1667. Essa data porém é emendada para 1666 por Barbosa, na *Bibliotheca lusitana,* tomo II.

so, lança sobre o caso uma luz inteiramente nova. Diz assim: «A Condessa de Villa-nova e Figueiró foi o objecto das affeições de D. Francisco Manuel de Mello. Allude a ella quando diz: *Nuevo la vi*. D. João IV querendo provar a fidelidade de D. Francisco, persuadiu á Condessa que o tentasse. D. Francisco Manuel para lisonjeal-a disse que seguiria o partido de Castella. Foi preso. Assim m'o revelou o Conde de S. Lourenço.»

Se é esta a verdade, fica para decidir qual importa maior labéo para a memoria do rei: se o encontro nocturno e fortuito nas escadas, se esta premeditada insidia por elle traçada contra o seu servidor e proximo parente. [1] Re-

[1] O proprio D. Francisco Manuel nos diz (na *Epistola declamatoria*, pag. 126) que seu bisavô paterno, Gomes de Mello, fôra neto de D. Francisco de Faro, sobrinho do duque de Bragança D. Fernando I.

solva quem quizer o problema: nós não fazemos mais que consignar o facto.

Passemos a outro ponto, e será por agora o ultimo.

V

Já no *Diccionario bibliographico* (tomo IX, impresso em 1870, a pag. 331) crêmos ter levado á evidencia o erro manifesto em que laboraram todos os biographos de D. Francisco Manuel [1] (e em que tambem por falta de reflexão nós tropeçámos n'outro tempo) suppondo dictada ou escripta por Luis XIII de França, cinco annos depois de falecido a 14 de Maio de 1643, uma carta de intercessão dirigida em favor do preso a el-rei D. João IV, a qual tem a data

[1] Com a unica excepção do sr. Camillo Castello-branco, que perpassou esse ponto no seu prefacio-biographico, a que temos alludido.

de 6 de Novembro de 1648. Parece que em negocio de tão simples e clara intuição ficavam de uma vez desfeitas todas as duvidas, e não haveria margem para novas repetições do mesmo erro.

Aconteceu porém mui diversamente.

Certo fabricador de missangas litterarias, que de alguns annos a esta parte com fervoroso afan trabalha nas horas vagas em descobrir no *Diccionario bibliographico* falhas e inexactidões, por elle pomposamente assoalhadas em nome proprio ou alheio, revelando não poucas vezes em seus pretendidos reparos ora ignorancia supina, ora requintada má fé [1]: este, que seria digno competidor do celebre Macedo capucho em conclusões de *Omni scibili*, acaba de

[1] Talvez não tarde muito que isso se patenteie por modo irrecusavel. As *cem rectificações*, miudamente analysadas e rectificadas, ficarão reduzidas ao seu justo valor.

fornecer-nos mais um exemplo frisante do muito que são custosas de desarraigar preoccupações inveteradas.

Em uma folha de provincia, que redige com a corrente e vã presteza que lhe é peculiar, comprazeu-se ha mezes em communicar aos seus amabilissimos leitores a noticia da proxima apparição da *Feira de Anexins*. Por certo que ignorava ainda a parte que na empreza nos cabia; de contrario teria poupado os applausos que houve por bem dispensar-lhe!... Abriu, como de costume, os diques ao rio caudaloso da sua erudição, e deixou-o correr livremente por tres estiradas columnas de logares communs e transcripções, para que achou a materia disposta e comesinha no artigo *D. Francisco Manuel* do tomo II do *Diccionario;* porém como se não lembrasse de recorrer tambem ao IX, lá nos illustra pela vigesima vez com

a sédiça repetição *das sollicitações de Luiz XIII de França ante o nosso rei D. João IV* em favor do preso, que só o foi passados bons dezoito mezes depois da morte d'aquelle! E isto se escreve a 5 de Março de 1875!!!

Para não abusar da paciencia dos leitores cortaremos por aqui estas digressões, que se a alguns parecerem intempestivas, não serão julgadas taes dos que attenderem á sua connexão com o assumpto sujeito, e á conveniencia de obstar a que sejam tomados á conta de factos certos os que não passam de equivocações palpaveis ou erros evidentes.

24 de Agosto de 1875.

J. F. da Silva.

METAPHORAS

OU

FEIRA DE ANEXINS

A QUE A VULGATA NESCIA APPLAUDE POR EQUIVOCOS,
TRAZIDOS A PUBLICO
PARA DESENGANO DA DISCRIÇÃO PRUDENTE

PELO

DR. TUDO ESQUADRINHA

QUARE?

METAPHORAS OU FEIRA DE ANEXINS

PARTE PRIMEIRA

DIALOGO PRIMEIRO

Em metaphora de cabellos

— Meus amigos, digo que me *pello* por ouvir quatro equivocos.

— Se elles caem a *pello*, têem sua galanteria; não já como muitos, que vêm pelos *cabellos*.

— *Apello* eu, que os dissesse, sem cairem como anneis por entre os dedos: os equivocos hão de ter *crespo* natural, pois que equivocos de memoria não *encrespam* a prosa.

— Ainda assim, metter de *monete* para *annelar* a rhetorica, não é defeito.

— Senhores, os que com poucas *ripas* querem fazer *matta*, que hão de fazer?

— Isso me mata, que, não tendo miolo, mettam as mãos na massa, ponham de em-

pada os equivocos, dando tratos ao juizo, apertando os cordeis ás metaphoras, e no cabo ás duas palavradas se estiram!

— Certo que há de *pentear cans* de noticioso quem houver de *espiolhar* antigos adagios e anexins, sobre qualquer allegoria; se não, será vir por *lã* de discreto e ir *tosquiado*.

— Quem o é logo o mostra; se eu quero saber se o burro é preto, olho-lhe para o *cabello*.

— Alguns vão *catar*, não sei onde, os chistes, e têem tanta *lendea*, que embaraçando rifões por equivocos, *empoam* os agrados, e dão com os *pós* nas attenções.

— Com esses sou eu mal *encabellado*; em os ouvindo tudo vae em uma poeira; sou capaz de andar com elles ás *guedelhas*.

— Tambem eu com esses nunca fiz boa farinha; e se me *arripiam os cabellos* em cuidar que hei de dizer equivocos, que não sejam tão subtis como os *cabellos* da cabeça, e que venham ali tirados pela fieira, seguindo o fio da metaphora.

— Eu tenho ouvido alguns como um fio de ouro; mas esses fazem suar o *topete*.

— Homem, nem tão *calvo*; que os equivocos, ainda que *postiços*, pareça que na mesma conversação tiveram as *raizes*.

— Certo equivoquista ouvi eu estar dizendo mares d'anexins, e uma *onda* se me vinha, e

outra se me ia, de vêr como se espraiava; sem que um *cabellinho* tocasse de equivoco, que *ondeasse* a prosa metaphorica em que se envolveu. Estava-me eu *arrepellando*, se não quando (porque elle outra vez se não mettesse com *carecas* ao mar) sáio com alguns, que me *entrançavam* melhor ao intento; e fica o triste mettido nas voltas d'Andreza, como Absalão pelos *cabellos*.

—Bom *calvario* lhe pregou!

—Finalmente, fez mil Magdalenas porque não tirasse em outra occasião pela navalhinha.

—Agora! É que não corta a tesoura?

§ 1.°

Em metaphora de cabeça

—Pois vossês cuidam, que tudo o que é seguir metaphoras, é saber dizer equivocos? É dizer anexins sem pés, nem *cabeça?* Nem aos metaphoristas da moda lhes póde cair na *cabeça*, que cousa seja metaphora ou allegoria. Eu dou com a *cabeça* pelas paredes, de vêr trazer pelo *cabeção* anexins sem proposito.

—Homem, o entendimento não é fazenda que ande em *cabeça* de morgado: quem não tem *cabeça* sempre é mais *cabeçudo*.

—Não repara em *cabeçadas*.

—Dizem despropositos, e quebram-nos as

cabeças com se quererem metter na *cabeceira* do rol dos discretos.

— Os que estão em a posse, e *cabeça* de casal de faladores, são *cabeça* de motim das metaphoras; e da *cabeça* até aos pés, são uns meros anexiristas, que tudo o que por *cabeça* alhêa dizem, o trazem de *cabeça*, sem tirar nada de sua *cabeça*.

— Lá lhes *cabe essa* nos *cascos;* tanto que se lhes *encasqueta* dizer equivocos, já cuidam comer as papas na *cabeça* a todo o discreto.

— Quem lhes *cascára* na *cabeça*, para andarem mais debaixo dos *cabeções!*

— São duros dos *cascos*, e ainda que souberam, que lhes *cascâveis*, elles trazem cascaveis nas orelhas, que lhes soam, e aos equivocos subtis dão á *cabeça*. Em a *Cabeça*-secca de noticias (qual a de alguns *cabeças* de vento) só se acha dizer anexins, porque todo o seu cabedal trazem em cabos de alhos sem *cabeças*.

— Elles imaginam, que seguir metaphoras, é *descabeçar* adagios; e tudo enleiam por equivocos, misturando alhos com bugalhos: e chegando ao atar dos negalhos, nem todas as linhas, que põem de casa, são de *cabeça*.

— Bem! Se elles não sabem nas allegorias, se é bico ou *cabeça;* como ha de haver quem os tenha pelos pés, ou pela *cabeça?* Nas practicas vendem anexins por lebre como gato; e

rabo, e *cabeça* a quatro vintens: que dos verdadeiros chistes, a *cabeça* é do caçador.

— Deixal-os; que essa mesma presumpção lhes virá a dar na *cabeça*: que a nenhum subiram similhantes fumos á *cabeça*, que não viesse a ser tido por vão da *cabeça*.

— Bem está: não nos dôa a nós entre tanto a *cabeça*. Eu sei, que elles campam e campêam por discretos; e não ha quem tire ao vulgo da *cabeça*, que o são, e senhor é Deus.

— Cubra a *cabeça*, não seja *cabeçudo*.

— Tantas *cabeças*, tantas sentenças.

— Mas os discretos, escarmentados na *cabeça* alhêa, não se querem sevandijar d'equivoquistas.

§ 2.°

Em metaphora de testa

— Tambem não falta quem, não tendo cabedal de que *testar*, por não mostrar que tem pouco de noticias, morre por dizer um equivoco, e fica sem fala.

— Eu d'isso sou testemunha *contesta*.

— E eu, alguns vi *atestados* de noticias, que as não diziam por não quererem: d'onde não posso crêr, que haja quem batendo com a mão na *testa*, não se atreva a dizer seu pouco, ou seu muito.

— E já que estamos com as mãos na massa,

não a façamos tão *testa*, que nos dê em que *entender*.

— Diga vossê alguma cousa.

— Vossê *entesta* comigo?

— Sim; e não nos franza a *testa;* porque vossê é o papa equivocos.

— Pouco *testa* está a massa, que se faz em papas.

— Aquillo é *testamento:* salvo o senhor me elegeu palpando-me os *testiculos*.

— E elles, que devem ser algum bico de *testo*.

— Taes os tivera vossê na *testa*.

— Eu a tudo o que vossês dizem, *contésto* por negação.

— Isso é falar com os *textos*.

— Não lhe digo graças, que o senhor é *testo*, póde desconfiar.

— E com razão; que a quantas parvoices vossês têem dito, de riso já eu batia com a mão na *testa;* e os homens, para se conhecerem por discretos, o lettreiro, que hão de trazer na *testa*, é a sesudeza.

— Lá cabe isso na *testa* a quem diz equivocos.

§ 3.°

Em metaphora de cara

— O senhor ainda não viu a *cara* ás meta-

phoras: assente em uma cousa, que se quizer metter-se a equivoquista, ha de ser *descarado*.

— Isso é velho.

— Vão brincar com a maçã do escaravelho: antes *descarado*, que ter duas *caras*.

— Sim, mas sempre *cara* de galhofa, ás vezes custa caro; e *cara* de aço nunca é boa.

— Não o nego, que para *careta* só *cara* de frade, e frade *carola*.

— Pois a minha *cara* defende a minha pousada: *cara* deslavada nunca a tive: equivocos, eu! qual *carapuça!*

— Vossê, para defender a sua *cára*, fez do pousadeiro *máscara*.

— Não ha *caracol* com melhor rodeio!

— Que cousa é pousadeiro? Diga, sô-*carinha* de cithara?

— Essa *cara* beije vossê.

— Olhe sô-*cara* de asno, não leve um *carolo*.

— E vossê, qual quer ter: *cara* de asno? ou de judeu?

— Essa questão tem rugas na *cara*.

— O equivoco está que nem um *caramelo*.

— Como os seus são todos assucarados, não quer que os outros gastem a sua *cará*.

— Não me tracte com *caricias*.

— Devagar, que elle já *córa*, e a esses ditos fez *cara*.

— Que têm?

— Cuidava que o requebrava?

— Pois lindo *carão* logra para fêmea.

— E vossê com essa *cara*, ha de apparecer diante do Padre Eterno?

— Que diz vossê áquelle anexim?

— Eu cantar-lhe-hei: «Oh homem da *caravella.*» Sabe lá a glosa?

— Se não ha outra, essa é muito velha.

— Não o era o author.

— Isto, senhor, é que são metaphoras?

— São satiras, que vale o mesmo; todas têem uma *cara*.

— Eu a volto á rectaguarda, e me vou metter *caramujo*.

— Espere; contar-lhe-hei uma historia.

— Que tal?

— A da «Carochinha.»

— Não buscará outra mais *cara*, que essa é mui barata?

— Pois digo-lhe, que ainda com a carocha, é esta historia o feitiço das creanças.

— Adeus, meus amigos.

— Não diga tal, que vossê é *cara* de poucos amigos.

— Não mo disse na *cara;* mas vossê é que os não sabe grangear: que é mais secco que um *carapau;* e a *cara* póde desmammar meninos.

— Baila *carapêta*.

§ 4.º

Em metaphora de rosto

— Logo vossês deitam tudo em *rosto?*

— *Rostos*, deitam-nos os remendões.

— Ora vire para cá o *rosto*, que falta o resto da metaphora.

— Vossê tem trazido n'ella os equivocos de rastos.

— Isso, é il-os assim *rostindo* ás marchadellas.

— Pois o assumpto tem muito bom *rosto*.

— Que importa, que me dê de *rosto* a fortuna em não lhes contentar a v. m.ces quanto digo?

— Agora não! Antes o temos ouvido com *rosto* alegre.

— Pois, senhores, que falta n'esta metaphora?

— As *faces*.

§ 5.º

Em metaphora de faces

— Já a mim se me faz a *face* vermelha de tanta parvoiçada.

— Olhem o *faceira*, mettido a discreto! Não sabe que equivocos são as discrições da moda? Que sejam ou não asneiras, o ponto é dizel-os.

— Isso *faz-se?* Chamar asneiras aos equivocos? Logo assim se dizem nas *bochechas* as cousas?

— Se como o senhor os diz, são todos, não ha duvida que as discrições são como os seus *focinhos*.

— Eu, não me posso ter; que o mal e o bem á *face* vem.

— E isso o que é, só-*bochecha* de cu d'alcaide? É anexim, ou equivoco?

— Aquelle bem á *face* está. Não sejam *facetos*.

— Olhe não faça com que lhe encham as *bochechas* de *bochechões*.

§ 6.º

Em metaphora de olhos

— Aquelle equivoco me encheu o *olho*.

— Que! Alegrou-se-lhe o *olho?* Pois não ha de ser este só, que estou d'elles cheio até os *olhos*, e lh'os hei de ahi pregar na menina d'um *olho*, só por lhe quebrar os *olhos*.

— Cuida que assim a *olhos* fechados nos *pisca?*

— Eis ahi! Até agora, não ousava levantar os *olhos* nas metaphoras: já agora nos *arregala* o *olho*.

— Isso me regala, porque a vossês, estava-

lhes saltando o *olho* por me ouvirem, e agora digo, que os hei de dizer a botar pelos *olhos* fóra.

— Ai, meu senhor! com os *olhos* d'alma! Diga, que logo nos *olhos* se vê quem tem lombrigas; e sempre suppozemos, que vossê estava de meio *olho*, e de quando em quando, por disfarce botava o rabo do *olho*.

— Deixe-o dizer, não lhe dê *olhado*.

— *Ou-lho* dê, *ou-lho* não dê, não tem remedio: ha de dizer quantos anéxins souber em quanto tiver lume no *olho*.

— Bom *olho!* Agora lhes digo, que me hão de vêr com o *olho* e comer com a testa.

— Não ponha os *olhos* em alvo, que no botar do *olho* vejo que está com as lagrimas nos *olhos*.

— Quem tanto vê, um só *olho* lhe basta.

— Vossê é que tem *olheiras* de cuidar que ha outro melhor anexirista; e está com os *olhos* de gato guloso por me ouvir.

— Pois bis.

— Ora creae lá o corvo! Até aqui não havia quem pozesse os *olhos* n'elle: agora, que já o temos em *olho*, já nos vem mettendo os dedos pelos *olhos:* é o pago de o trazer nas meninas d'elles.

— Bem sei o que vossês me querem, que me não podem tirar os *olhos:* isso está tão claro como o *olho* do sol: porém, eu estou *lobrigando* o logro com um *olho* de goraz.

—Ninguem vê a trave no seu *olho*.

—Vossê é o que até agora nos lograva.

—Isso é trocar os *olhos*; e n'isso aggrava vossê os meus, que sempre o *olhei* com bons *olhos*.

—Não desconfie de meus *olhos*.

—Pois com que *olhos* quer vossê que veja um ingrato?

—Ora tome *olhos* d'agua.

—Deu-lhe dôr de *olhos* com a magoa. Receite-lhe tutia.

—Que tem minha tia com isso?

—Lá lhe tirará umas sôpas do *olho*, ou da *olha*, com que cale o menino.

—Elle é grillo; não gosta senão de *olhos* d'alfaces.

—Esperem; que já engrilla os *olhos*.

—Sim, senhor, de alface; que como os *olhos* do senhor são de mijà-vinagre, com um *olho* d'azeite temos salada.

—Os seus servirão d'ovos, que se têem claras nas *alvas*, nos *bugalhos* com a dôr têem gemmas.

—Singular merenda para Corcovado: falta o peixe frito.

—Não faltará, que em *olhos* tão azevieiros, nos *sobram celhas* d'elles para frigir.

—Eis ahi uns equivocos, em que se me vão os *olhos*.

—Sabem vossês a *olhos* cerrados, mais que

outros com elles abertos, ainda que os tenham bem *rasgados*.

— Se se dissera isso sem *pestanejar*.

— Que sempre me seja necessario andar com o *olho* sobre o hombro!

— Certo, que é acerto um *olho* atraz, e outro adiante.

— Isso de *olho* trazeiro, não me cheira; porque os malvistos têem cinco *olhos;* e os que enxergam bem, com os *olhos* que têem na cara, terão tres: mas ter no trazeiro um *olho*, e outro no rosto, é ser Polyphemo a torto e a direito.

— Digo-lhe, que já me custa os *olhos* da cara ouvir esta metaphora, mais cheia de *olhos*, que um collete de *ilhozes*.

— Argos é um cominho.

— Querem vossês uma cousa? Vamos a Sancta Luzia, que eu fico lhe enchamos a egreja d'offertas, e a capella de *olhos*.

§ 7.º

Em metaphora de narizes

— Oh! Lá vem Fabio com o *nariz* no ar, todo senhor do seu *nariz*.

— É homem, que sempre lhe *fede* o mundo.

— Dous dias ha, que elle era um *fedelho*,

e já hoje, com a honra posta na ponta do *nariz*, presume de gente.

— Já quer metter o seu *nariz*, etc.

— Cá estão vossês? Logo me deu o *faro*.

— De Faro vem, meu senhor? Cuidei, que do Perú, pelo *monco*.

— Não sou tão *ranhoso* como elle.

— Já lhe chegou a mostarda?

— Sim, e olhe não lhe dê nos *narizes*.

— Vossê metta-me aqui o *nariz*.

— Não falemos em mostarda em materia de equivocos.

— Antes ao intento é adubo.

— Não me *cheira*.

— Não; mas por mostardilha, bem póde gostar-se.

— Senhores, a metaphora está picante, venha *tabaco*, melhor anexirista para cheiro.

— Elle o disse como os seus *narizes*.

— Isso é mais velho que *narizes*.

— Boa está a *tabaqueação*.

— *Tabaqueação?* Nem fumos d'isso.

— Deixemos satiras; senão irá tudo em uma poeira.

— Escusado disfarce; que tambem vossê é uma boa caixa, sem ser d'oculos.

— Sou melhor do que na amostra.

— Bem sabemos, que na cidade não ha outro.

— Assim como sou faço *assim-monte*.

—Bom equivoco! Cousas *aventa!*

—Ora *assôe-se* lá com aquelle.

—Limpe-lhe vossê lá o *pingo.*

—Por bom estylo me chama alambique: emfim, são lambisqueiros da pinga.

—Pouco falar em alambique, que o seu *nariz* por ser raro, parecerá soldado.

—Elle é muito captivo de vossa mercê.

—Antes de negro, que de *cavallete.*

—Agora se faz elle como o sangue do *nariz.*

—Não temos nada de cavalleiro do Calvario; e logo se vê em não ser o *nariz* tanto de fila.

—Frio como o *nariz* de cão esteve o equivoco.

—Aquelle não tem que temer aos almotaceis.

—Porque?

—Porque está *afilado,* como os seus *narizes.*

—«*Pastores de Maçanares,* etc.»

—Se não fôra tão *fanhoso,* era façanhoso musico.

—Mas a que proposito vem a cantiguinha?

—Vossê não repara, que fala em *nariz?* Os equivoquistas hão de ir atraz d'um equivoco, mas que dêem com os *narizes* em uma esquina.

—Longe o foi buscar.

—Pois que? Sempre havemos de ir em direito do *nariz?*

—Pois o mais, é querer quebrar os *narizes.*

§ 8.°

Em metaphora de boca

—Nem todos os equivocos podem logo ahi vir a pedir de *boca*.

—Não se mette a dizel-os quem não sabe abrir a *boca* nas metaphoras.

—É verdade, que os noticiosos estão *boca* que queres, etc.

—Pois quem não tiver noticia, esteja *boca* calada.

—Será quem poder: que muito lhes custa os *bocados* da *boca* deixar de serem *desbocados*.

—A esses, que aonde lhes cabe o pão lhes não cabe o mais, déra eu dous cábes.

—Sim; e se elles lhe pozerem as botas em cabos?

—Já começa a *boca* de praga.

—Pois se vossê fala á *boca* cheia, sem advertir, que pela *boca* morre o peixe; assim pela *boca* se aquenta o forno.

—Homem, os equivoquistas querem á força andar nas *bocas* do mundo: como hei de dar dous pontos na *boca?* Elles a dizerem parvoices, e eu a *boca* calada?

—Não: melhor será estar com a *boca* aberta, para elles imaginarem, que dizem *bocados* de ouro.

— Comam-se a *bocados*, que eu hei de mostrar, que me não mettem o dedo na *boca*.

— E se me chamarem *boca* de praga, dê-me aqui com um sacco roto; que eu nunca fui de tão boa *boca*, que mostre *boca* de riso ao que me não contenta; e mais vale parecer *boca* de praga, que *boca* de favas; nem eu sei falar pela *boca* pequena.

— Senhores, isto é já *boca* da noute; e eu tenho de ir buscar um pouco de *bocachim*.

— Bom caminho buscou para introduzir o equivoco.

— Eu desejava metter o *bocal;* mas parece-me borracheira trazer *bocaes* postiços contra toda a moda da metaphora.

— Esta é de *boca* de poço sem fundo.

— E vem-lhe o *bocal* a proposito.

— Já *Bocarro* o tinha dito, em seu tempo.

— E a folha está tão cheia de *bocas*, que parece uma *serra*.

— Passemos com a metaphora a levantar-lhe os dentes da *boca*.

§ 9.°

Em metaphora de dentes

— Vossê traz entre *dentes* os anexins; e ás unhas e *dentes*, é contra elles.

— Pois não?

— Se as metaphoras é cousa, que têem tanto *dente* de coelho; não ha quem lhes não queira metter *dente!*

— Quanto em os presentes dialogos bem os temos *mordido;* e elles quiçá estão esgravatando os *dentes.*

— Quem lhes quebrára os *dentes!*

— O que mais me faz bater o *dente*, é que haja quem os ouça, e lhe arreganhe os *dentes.*

— Pois ha ouvintes, que aos outros fazem mostrar os *dentes* com parvoices da sua necedade!

— A quem doe o *dente*, deve doer a *dentuça.*

— Homem, de quem vos *queixais?* Deixai-os dizer, não vos mettais em emprezas similhantes.

— Falem elles até lhes cairem os *dentes.*

— Eu não sei falar por entre os *dentes:* o que me parece mal, logo o hei de reprehender a *dente* fechado.

— E que vos parece mal?

— Dizer asneiras.

— Oh! Olhai não vos cáiam os *dentes* com alguma discrição.

— Tambem vós mereceis um *lavadente.*

— Pois dá-lh'o, amigo.

— Tambem tu parece, que queres que te *dente?*

— Olhem quem me ameaça! Quem nas pendencias é o primeiro, que as *amol-a.*

—Bom equivoco! Para aquillo esteve aguçando os *dentes:* no cabo veio a dar *dente* com *dente!*

—Homem, a mim ainda me não vieram os do siso; mas vós, que penteais discrições d'ancião, tereis *dentes* de cavallo marinho.

—Isso é velho; que o senhor é já *cerrado.*

—Elle cerra comigo.

—Temol-a travada! Pois as minhas armas são os *dentes.*

—Boa armação!

—Senhores, sejamos *prudentes,* já que nos mettemos a elephantes.

—Vossês têem feito a metaphora peior que Cadmo.

—Bem cademo é vossê! Porque lhe vão faltando os *dentes,* já os quer *mudar,* por parecer menino.

—Não é, senão, que têem os *dentes* abalados, e haverá carradas de *dentes* se Sancta Apollonia nos não acode; que somos grandissimos sacamolas d'equivocos; e das *raizes* d'uns, nos nascerão outros ás carradas.

—Muito de *dente* botado está vossê!

—Tenho *accidentes* de discreto; e enfadam-me homens, que não sabem antes ferrar os *dentes* em uma pedra, que dar de comer a maldizentes.

—Elles folgam, riem, e galhofeam, e talvez vivem de dizer graças.

— E que têem, que vos *mordam?* Primeiro estão *dentes*, que parentes.

— A isso ferrarei eu os *dentes* no beiço.

§ 10.°

Em metaphora de beiços

— Sim: vossê tudo é fazer *beiço* aos equivocos, e dizel-os.

— Eu confesso, que sou namorado das metaphoras, ainda que sejam negras de *beiço* tamanho assim.

— Mas a vossê têem ellas posto o mel pelos *beiços*.

— Não tenha *cieiro*, que lhe darão pelos *beiços* com o remedio: que eu não galanteio allegorias, como vossê, que lhe lambe os *beiços*.

— Homem, elle quer-lhe tirar pelo *beiço*.

— Bem sei, que no bulir dos *beiços* o entendo: porém estou-lhe ouvindo a *lábia*, que se os anexins foram farelos, só elle tinha *beiços* para os apanhar no ar, como palha.

— Que? E' alambre!

— Lá se avenham: eu não quero andar com a metaphora dos *beiços* qual debaixo e qual de cima, e digo que trampa para ambos.

— Ambos que?

— Os seus *beiços*.

— Olhem o *beiço* d'alguidar, com que se saiu! Só para aquillo tem elle lingua.

§ 11.°

Em metaphora de lingua

— Porém não me dirá: trampa na sua *lingua* o que quer dizer, já que sabe todas as *linguas?*

— Para isso tem vossê melhor ponta de *lingua*.

— A vossê, n'essas cousas, não se lhe embaraça tanto a *lingua*.

— Ora calem-se, *linguas* de trapos, senão pôr-lhes-hão pimenta nas *linguas*.

— Olhe quem! Quem não tem mais que *lingua*.

— Não [illegible] *lingua;* que por cá e por lá, com *lingua* de palmo o hei de fazer confessar, que tem muito má *lingua*.

— Elle bota-lhe a *lingua* fóra.

— Não desconfie, que tudo o que lhe disse, foi por lhe tirar pela *lingua*.

— Eu sei-lhe a *lingua;* e como lhe tenho tomado a *lingua*, bem conheço que é falto d'ella; e digo, que a ha mister cortada, para que não dê tanto com a *lingua* nos dentes.

— Ai, que tomou fogo! Com pouco aquece!

Para a sua cholera, que é fogo viste *linguiça*, pouca cousa ou qualquer cousa basta.

— Pois eu de mêdo, estou borrado.

— E eu *lambaes* nem menos.

— Isso é meia *lingua*.

— Qual é a cousa, que tem *lingua* e meia?

— E' o que a vossê lhe deu com os *linguados* no cú.

— Grave pesar tive n'essa occasião: estive abalançado a fazer uma do diabo, se não fôra dizerem, que por me tomar da gota, me tremia o queixo.

§ 12.º

Em metaphora de queixo

— D'isso é que eu me *queixo*.

— A esse equivoco, fiquei eu de *queixo* caido.

— Agora estava eu, para lhe dizer que? Xó, bom pinote!

— Já de rir me doem os *queixos*, porque equivocos tão mal mastigados, fazem-me remoer de raiva e moer a paciencia.

— Vamos marchando a outra metaphora; que falta para o primeiro dialogo, a barba.

§ 13.º

Em metaphora de barba

— Para essa metaphora venho eu de *barba* feita.

— Bom anexim para um homem com *barbas* no rosto!

— Antes aquelle foi de *bigode*.

— Por estas, que *Barbosa* não diria outro tanto.

— N'esses ditos é vossa mercê *barbato*.

— Nem me vi ainda tão *abarbado* como vossa mercê.

— Sim, tem lido *Barbuda*.

— Não; os seus equivocos são de Cancer.

— Podiam ser de Calderon nos papeis de *barbas*, se as deitar de *remolho*.

— Ao menos tiro-as melhor de vergonha.

— *Barbas* tem vossê para isso! O outro, que escapou por innocente a Herodes.

— Que tem Herodes com as *barbas?*

— Os *bigodes*.

— Famoso *barbarismo!*

— Dê-lhe ali a *barbella*.

— O sabonete está bello para a *barba!*

— Não: é que corta a navalha.

— Venha um *barbante*, que temos de fazer pinceis.

— *Sancta Barbara!* Não ha um raio?

— Essa *barbacan* não corre risco com coriscos.

— *Barbacan* é a sua.

— Pois não! Se é mais branca c'agua.

— Será como a sua, que é mais amarella q'-n'ella.

— Olhe não desconfie, que é o valente *Barba-roxa*.

— Bem sabe o gato, cujas *barbas* lambe.

— Já elle estava com a *barba* no ar: mas vossê tem a culpa.

— Sim, bote-me a mim o gato nas *barbas*.

— Vossês desculpam-se um com outro, e a ambos hei de eu arrepellar as *barbas*.

— Vossê é *barba léda;* não hade fazer tal, ainda que fôra ao *Barbado* de Leça.

— Pois untem-me a *barba*.

— Ai, quer ser santintrudo?

— Isso é pulha.

— Pois que máo é metter a *barba* no calix sem dizer missa?

— Ainda assim, mais vale barriga cheia, que *barbas* untadas.

— Agora me capou.

— Ponhamo-nos de *bigodeira*.

— Homem, ali o amigo está caindo com lazeira: não tem mais que *barbas* no rosto, se tendes alguns guisadilhos em casa, dai-lh'os.

— Bom equivoco! Esse *deu-lhe* agua pela *barba*.

— Orelha, amigo.

— Ai! Que essa metaphora faltava ainda.

§ 14.º

Em metaphora de orelhas

— N'esta metaphora de *orelha*, têem muita parte os equivoquistas; porque para dizer, de-

vem tractar d'ouvir; e quem maior *orelha* tem, caber-lhe-ha mais.

—Antes aos de grande *orelha*, lhes entra isso por um *ouvido*, e lhes sae pelo outro; que se elles souberam dar *ouvidos* ao que os mais discretos dizem, e aprenderem d'elles, elles não abanariam as *orelhas* a quanto ouvem.

—De eu não ter dado *orelhas* ao que tenho ouvido, torço a *orelha* e não me deita sangue; que se eu soubera, que me havia de chegar até as *orelhas* o presente empenho em que estou, eu arribitaria as *orelhas* a repentes, e a chistes, que por *brincos* podiam trazer-se nas *orelhas*.

—Isso que importa? Homem, diga vossê equivocos, ainda que venham pelas *orelhas*, que esse é o empenho dos equivocantes da moda.

—Esses merecem quatro *orelhadas*.

—A isso fazem elles *orelhas* de mercador.

—Affirmo-lhe, que a poder que eu possa, nenhum me ha de fazer ninho atraz da *orelha*; que em eu lhe ouvindo despropositos, mais que me arranquem as *orelhas*, hei de cair-lhes.

—Eu não quero dizer mal, que as paredes têem *ouvidos*.

—Que tem vossê com nenhum?

—Eu cortarei as *orelhas* se elles desconfiarem; que os anexiristas têem *orelhas* d'abada, e não fazem caso de que os satyrisem.

—São animaes de *orelha* como a burra de Balaão, que a quanto lhe dizem abaixam as *ore-*

lhas: se não é, que falam pela boca alhêa, sem ser pela boca de anjo.

— Eu o que digo é, que sendo por curiosidade grande ouvidor de chistes, em me toando na *orelha*, que são anexiristas, já lhes não dou audiencia.

— Ora ainda assim hão de ser *ouvidos*, ou hão de se *ouvir* as partes: elles têem razão de se metterem a faladores; que quem não fala não o ouve Deus.

DIALOGO SEGUNDO

Em metaphora de corpo

— Ora senhores meus, já o nosso gigante metaphorico tem cabeça: formemos-lhe *corpo*, e sairá na procissão de *Corpus*, com todas as mais figurilhas, que em tal dia fazem o *corpo* da procissão: mas receio que seja o *corpo* de palha; porque todas as metaphoras da moda, são uma palhada.

— Antes sairá gentil-homem, sendo o *corpo* d'odre; por serem os equivocos cousa de vento; e o dizel-os é flato, em que têem dado muitos.

— Quem ha de carregar com elle?

— Já eu estava com o judeu no *corpo*, receiando essa pergunta.

— Vossê, que tem bom *corpo*, e está empe-

nhado na presente festa, com que não tem que fugir com o *corpo*.

— O mesmo assentamos todos feitos em um *corpo*.

— Vossês pela amisade, ja se sabe, que são duas almas mettidas em um *corpo*, sendo *corpos* sem almas.

— Porém eu tenho o *corpo* moido d'alguns disvelos sobre o presente empenho: levem-no vossês por ora.

— Não, não.

— Ha de ser de *corpo* presente o officio, já que o tomou a seu cargo.

— Com que vossê arma o *corpo* de noute, para contender comnosco de dia?

— Quem o duvida?

— Cuidei que sahia *corpo* a *corpo*.

— Qual é o anexirista, que a *corpo* descoberto sáia a desafio?

— Todos vem armados de chistes.

— Ora vossê carrega com o gigante?

— Já vossês m'o arrimam? E se eu der com o *corpo* do demo no chão de Deus?

— Qual é o *corpo* do demo?

— O d'esse gigante allegorico.

— Cuidei que o seu, que não é *corpo* sancto: pois lá se avenha; não se faça *corpo* morto.

— Devéras, que o gigantinho lhe vinha justo no *corpo*.

— E que máo é andar um homem na côrte feito *corpo* invisivel com capa de metaphora?

— *Corpo* bemfeito, não ha mister capa.

— Senhores, não me empurrem o gigante: o *corpo* mystico dos nossos dialogos, somos nós mesmos: levemol-o entre todos.

— Está bem suado na cara, como eu pelo *corpo!*

— Olhem o *corpo*, ou equivoco com que se descartou!

— Tambem o anagramma vai direito como rabo de *porco*.

— Andar, em equivocos tudo passa.

§ 1.º

Em metaphora de pescoço

— Já que n'este empenho estamos atolados até ao *pescoço*, que fazemos?

— Atolado seja vossê.

— Ora estendamos o *pescoço*, e carreguemos com a metaphora.

— Dê vossê cá o *pescoço*, pois tem mettido o *pescoço* de dentro.

— Eu aqui tenho o *pescoço* ao talho; porém n'este mar d'anexins não *pésco-só:* vossês hão de me ajudar, principalmente o senhor, que está todo anacoreta com as contas ao *pescoço*.

— Melhor fôra a borracha.

— Olhe não leve uma *pescoçada*, que eu não entendo com ninguem, meu mal me basta.

— Que tem, senhor? Apure as frieiras, mãos e *pescoço*.

— Não quero metter-me onde fique pelo *pescoço*.

— Tenha vossê o *pescoço* torto.

— O seu, por ser planta direita, escusa *alporcado*.

— Bom equivoco! Agora lhe lanço eu os braços ao *pescoço*.

— Tão boa coleira não acceito.

— Pois é o melhor *colar* de Colares.

— Será; mas não está são como um pero.

— Nem vossê é o sancto, que tira as maleitas.

— Estou reparando no *colloquio* dos dois: tratam-se como irmãos: serão *collaços?*

— Meu *collaço* Solis é o senhor no tamanho.

— Ali me colheu *co'laço*.

— Andar, regeita beneficios.

— Quereis trazer ao *cóllo* esse beneficio: sim, para vos *colares* n'elle, não escoeis a *colleira*.

— Não me entram contras com essa facilidade, porque trago *colete*.

— Falo devéras, que pelos seus equivocos não sei aonde o *collocasse* melhor que nos braços,

— Bem sei que fala atravessado, porque os

meus ditos lhe não passam da *garganta*. Ponde candeinhas a São Braz, amigo, que eu ainda que esteja com a soga na *garganta*, hei de dizer o que me vier á boca, apesar da tosse, que me tendes.

— Ponha-as vossê, que é lambedor de torcidas; e para a *garganta*, escusa de mais *gargalejos*.

— Esse equivoco póde queixar-se, que vossê lhe tem violado o decóro: com a sogra na *garganta*, disse elle?

— As sogras são más de tragar.

— Aturae lá essas parvoices: andar, paciencia, e *non grunhate:* em metaphora tudo se soffre.

— Acabe a copla, que faz ao caso acabar em *gasnate*.

— Elle isso quiz dizer, mas *engasgou-se*.

— Batalhe no *cachaço*.

— O seu é melhor para isso, por ser de Bernardo.

— No seu ferrem elles os dentes.

— A isso me calo eu; porque no *cachaço* não faltará quem tenha callo d'isso.

— Agora déra eu em ambos duas *cachaçadas*.

— Esse é o pago? Sou por ventura villão ruim de *cachaço?*

— Ora vão-se esconder vossês com a sua metaphora.

— Aonde?

—Na cova do ladrão.

—Aposto eu que com aquelle equivocosinho se lhe seccaram os *gorgomillos?*

—Antes não sei como lhe não cairam as *campainhas* com as badaladas.

§ 2.°

Em metaphora de hombros

—Agora sim, que póde a metaphora ir ao *hombro*.

—Pois leve-a vossê, que tem bons *hombros:* não esteja ahi com a cabeça entre os *hombros*.

—Lá se avenham; a tudo encolho os *hombros*.

—*Mira hombre, que te alabas:* não tem remedio: vossê é que ha de carregar com ella.

—Senhores, sigamos outro methodo; que este de carregar, é muito amariolado.

—Antes é muito de homens.

—Com vossê, é necessario andar sempre com o olho sobre o *hombro*.

—De que se pica vossê? Pois nós não somos Atlantes das allegorias, sobre cujos *hombros* descança a machina dos anexins?

§ 3.°

Em metaphora de braços

—Eu aqui estou com os *braços* cruzados: pois tenho *bracejado* bastante por não dar o

meu *braço* a torcer: e vossês me atam os *braços* com o empenho. Venham já quantas metaphoras vierem, todas acceito com os *braços* abertos.

—Vossê é *braço* forte: não *s'embaraça* com a força dos chistes.

—Agora lhe darei eu os *braços:* se bem que para o tomar nos *braços,* sou inimigo d'*abraços;* comtudo quero mostrar o meu agradecimento á custa do meu *braço.*

—O que se póde receiar, são *abraços* de frade.

—Temos pulha *me fecit:* elle não poderia valer-se do *braço* secular.

—A esses quebrar-lhe os *braços.*

—Ora, não se vão mettendo pela terra dentro, como *braços* de mar; que serão as parvoices tantas, que se medirão ás *braças.*

—Postos nos da balança, e ponderado bem que cousa seja metaphora, por força se ha de inclinar a lingua a dizer parvoices.

—Eu já lhe tenho tomado o pulso; e acho que todos com o calor dão em tresvalios.

—Não me dê conselho; que bem sabemos, que por desmanchar os *braços* á metaphora, ia o senhor levantando o *braço* ao assumpto: diga que lhe falta o cabedal.

—Não falta por certo, que esse é *braço* de prata, e muito cabido.

—Não, não: se me valer do *braço* real, posso em toda a materia lêr de cadeira, cujos *braços* são o throno de quem é mestre.

— Digo-lhe, que é lagarto de *braços*, que nem os da cadeira lhe escaparam.

— Estes equivocos de *braços*, são canas ou-vil-os.

§ 4.°

Em metaphora de mãos

— Pois tenha *mão*, que peiores são os *de mãos*.

— Antes n'essa metaphora serão elles ás *mãos* cheias.

— Vá de metaphora de *mãos*; que agora lhe hei de pôr as *mãos*, e a boa vontade.

— Não tem vossê *mãos?*

— Não? Se o quer vêr, dê cá essa *mão*, e será a primeira de porco, em que eu hoje peguei.

— Vossê com uma *mão*, e eu com duas.

— Serão de rabãos?

— Eil-os mettidos em pulhas.

— Isto são *mãos* perdidas.

— O senhor, se lhe dão o pé, toma a *mão*.

— Pois se vossê me caiu na *mão*.

— Muitas vezes deve uma pessoa dar de *mão* a certas palavras.

— Agora mettidas as *mãos* na massa, não tem remedio: hão de se encher *mãos* de papel, mas que seja o que fôr.

— O que fôr nosso, á *mão* nos ha de vir.

— E eu, que estou de *mão* posta, apostado

a metter *mão* á espada, e encher a folha de chistes, como se fóra de bocas.

—Sou seu captivo, meu senhor: vossemecê que é *mamposteiro*, ahi ás *mãos* lavadas dirá o que quizer, que tem privilegio.

—Não dirá, pelas *mãos* sagradas, que lhe assentarei os mandamentos.

—Olhem o *manaças*, botando as *mãos* de fóra, na valentia! Metta a *mão* no seio, que nem tudo o que diz, são discrições: tambem *manqueja* mui bem.

—Se vossê disser melhores anexins que eu, corto as *mãos*.

—Manso, que n'esse jogo sou eu *mão* só, e nenhum de vossês me ganha por *mão*.

—Vossê entrou n'estes dialogos com uma *mão* atraz, e outra adiante: todo o seu cabedal de chistes se podia apertar em uma *mão*.

—Que importa, que já os diz ás *manadas*; e aquillo é ter *mão* para tudo.

—Para mim não terá elle *mão*; que eu hei de ter *mão* pela minha parte.

—Mas que equivocos diz elle, que tomado o caso ás *mãos*, não sejam tambem asneiras?

—Senhores, com as *mãos* erguidas lhes peço não brinquemos de *mãos*; que ás vezes das *mãos* escapa uma, que é bofetada sem *mão*; e a pedra, tanto que vai fóra da *mão*, não tem remedio.

—Não aponte o senhor como *mão* do relo-

gio para o que os outros dizem, não ouvirá badaladas.

— Assim é: diga cada um o que tiver mais á *mão;* e quem se prezar de *mãos* rotas n'esta materia, bom e mau, tudo ha de pôr ali na palma da *mão.*

— Quem o duvida? Os equivocos gastam-se aqui ás punhadas; e ainda que se dê rijo não offendem com a *mão* fechada.

— *Manos blancas, nó offenden, pero duelen.*

— Na lei de duello, não entram metaphoras: nem para ellas ha bofetada, que não seja a *mão* cortada.

— Bem está: os equivoquistas trazem *mão* de enforcado: roubam os agrados, de sorte que atam as *mãos.*

— Os burlescos têem essa graça de não offenderem: não é assim o sério.

— Que cousa é sério? Que logo ouço aos anexiristas dizer, que falam sério? Acaso é cousa de cerieiros?

— Está bem serodia a pergunta!

— Homem, sério é falar devagar, porque *sero* significa tarde.

— Cerol diz vossê?

— Chiton, que o homem calça baixo; não entende d'essas seriedades.

— Eu cuidava, que o falar com promptidão era cousa discreta: porém o sério pelo contrario, é tardar nas respostas.

— Não se chama sério, porque as respostas não se digam tarde, mal e nunca: mas porque sejam consideradas, cousa que os repentes não admittem: por isso têem mais galanteria.

— Senhores, acabe-se a metaphora; que n'isto, não sabe o senhor, qual é a sua *mão* direita.

§ 5.°

Em metaphora de dedos

— Ora diga; não seja tudo obra de *dedo*.

— Diga vossê, que tem *dedo* para tudo.

— Não me venha metter os *dedos* pelos olhos.

— Tire lá os *arenques;* que estou exposto a não falar mais ao burlesco.

— Erga o *dedo* para o ar.

— Alguma burla lhe ha de escorregar por entre os *dedos*.

— Que! Eu não tenho cinco *dedos* em cada mão, como os cerieiros, para não dizer burlas?

— Se não as disser, logo se lhe ha de acabar o cabedal.

— Acabe embora: vão-se os anneis, fiquem os *dedos*.

— Esse anexim póde apontar-se com o *dedo*.

— Eu sei, que vossês lhe lamberão os *dedos;* e ficarão de o ouvir ehuchando no *dedo*.

— Olhe lá se disse burla? Torne o dito a seu dono, senão...

— Põem-me o *dedo* no nariz?

— *De dô*, que tenho d'elle, o não ponho agora á curta.

— Deixemos comprimentos, que vossê dos nós é curto.

— Não são eguaes os *dedos* das mãos.

— O senhor aqui é o *maior* de todos.

— Cuidei que era o *matapiolhos*.

— A' vista de vossemecê sou o *meminho*.

— E eu o seu *visinho*.

— Pois eu serei o *fura-bolos*.

— Ora bem temos *dedelhado!*

— Eu, senhores, aprendo, e ainda não sei pôr os *dedos:* mas n'este cantochão não sou tão rude, que conte os *dedos* da mão.

§ 6.°

Em metaphora de unhas

— Aquella estocada foi *d'unhas* abaixo, ácerca dos cinco dedos em cada mão.

— Colheu-me entre as *unhas*.

— Elle agarrou-o a *unhas*, e a dentes.

— Pois que? Havia d'escapar-me das *unhas?*

— De raiva estou roendo as *unhas*.

— Antes será de fome, que em chistes é vossê um *unhas* de fome.

— Custa muito tirar-lhe um anexim das *unhas*.

— É por me não achar alcançado n'elles: por isso fujo de os dizer, a *unhas* de cavallo.

— Qual de cavallo? De gran besta, que é besta maior.

— Agora, por uma *unha* negra, que não desconfiou.

— Não fôra elle de *Unhos!*

— Devagar; que o senhor é dos de *Unhão;* nobre por nascimento, fidalgo nas prendas; pois dos seus instrumentos consta ser harpista famoso de chistes alheios.

— Se eu me assanho, hão de levar duas *unhadas.*

— Duas *unhadas?* Tó! Não me dirá, doze duzias de gatos quantas *unhas* têem?

— Vigie-se, não lhe metta a *unha* na cabeça.

— Nas cabeças dos dedos estão as *unhas.*

— E os sabugos na sua.

— Irra! Não o digo eu? Pulha *me fecit.*

— Burlas *autem.*

— Pois que temos nós cá com sério? Ou que somos equivoquistas, ou que o não somos.

§ 7.°

Em metaphora de peito

— Como vossê tinha tomado a *peito* dizer burlas!

—Agora, já tenho o *peito* posto á bala, e a *peito* descoberto hei de dizer o que succeder.

—Eu quizera descobrir o meu *peito* n'esse particular.

—A vossê, ninguem lhe punha o punhal aos *peitos* para que falasse sério: vossê se offereceu sem *peito*.

—Admiravel equivoco.

—Aqui o creámos aos *peitos;* e já *peito* a *peito* compete comnosco.

—Não *topei* mais agudo ingenho.

—Esse anagramma de—*topei*,—é que esteve admiravel. D'esses, gosto eu muito.

—E eu dos *peitos* das perdizes.

—Vigie o *peito* d'aquella bala.

—Não: eu tenho o *peito* d'aço.

—Não se lhe dá, que o senhor lhe atire ao *peito;* pois faria *parapeito* da sua discrição de vossê, que é *peitoral* e de substancia.

—Elle se fez agora como bico de *peito* mui vermelhinho.

—Com tão pouco não faço bico, vossê é que é menino de *peito*, creado aos nossos, como diz o senhor; em lhe faltando o leite do *peito*, facilmente chora.

—Não nos fale rouco, como quem tem o *peito* cerrado, que nos não faz medo.

§ 8.°

Em metaphora de mama

—Por certo, que a cara póde *desmamar* creanças.

—Eu, sem o ser, fiquei agora *mamado.*

—Sem o ser? Vossê é de *mama.*

—Mas eu não sou *mamote* como elle.

—Falemos com brandura; que a ovelha mansa, *mama* a sua *mama*, e mais a alheia; e estes despiques não são bons entre amigos.

—Tu és meu amigo, homem; basta que *m'amas?* Não o posso crêr: pois se nos tirarem a consequencia, tiram-nos a melhor *mama* das metaphoras.

—Vossê n'ellas tem boa *mama.*

—Para o crear a vossê, escuso *mamadeiras:* o ponto é, aproveitar-se das *apojaduras*, sô *mamote.*

—Irrorum!

§ 9.°

Em metaphora de barriga

—Forte *barrigada* de riso tomei agora!

—Vossê, o descanço o faz crear *barriga.*

—Não serei enfadado das *barrigas* das pernas, como vossê?

—Pois que? Tudo ha de ser encher-se a *barriga*, e fazer-se homem *barriga* de bichos, sem mais cuidados?

—Quem o duvida? *Barriga* lisa, não ha mister camisa; que o contrario é andar co'a *barriga* pelo chão.

—Por isso vossê anda sempre com a sella na *barriga*.

—Agora farei dar á *barriga* horas, como relogio.

—Que dôr de *barriga* tem vossê com isso?

—Deixe-o ser come em vão.

—Elle queria, que eu trouxesse a *barriga* á boca, como elle? Ora creado, sr. Lopo *Barriga*.

§ 10.°

Em metaphora d'estomago

—Confesso-lhes, que já estou bem *estomagado*.

—Pois a mim, com pouco se me embrulha o *estomago*, e similhantes chascos não me fazem bom cosimento n'elle.

—Senhor, vomite; não padeça empachamentos d'*estomago*.

—Vossês têem bom *estomago*: nada os enjôa.

—Ao menos não padecemos cruezas d'*estomago*; porque não podemos ter nada no *esto-*

mago; e por isso se diz, que o *estomago* tem boca para despejar.

§ 11.°

Em metaphora de pernas

—Não faltará quem lhes caia á *perna.*

—Não será vossê; que eu basto para o *espernegar.*

—Olhem o senhor *echando su pierna!* É bem tirado das *canellas!*

—Pois que? Estaremos aqui com as *pernas* abertas aturando-o a vossê; e vossê dando quatro *pernadas* por esta casa?

—Eu não jogo de fóra: tambem n'estes dialogos faço minha *perna.*

—Sim; mas entre nós, é uma *perna* de nóz.

—E essa quebrada.

—Arre, que me atirou ás *canellas!*

—Ora já que faz sua *perna,* diga lá dois versos de *perna* quebrada.

—O jogo não é de versos: se o fôra, eu o fizera a vossê *pernear.*

—Que? Cantar-me-ia o *Coxo,* e mais o Manco?

—Se o senhor é poeta, tambem lhe cantaria o Corcovado.

—Não tenho nada d'isso; sou mais direito que um *pérno.*

—Agora me deitou de *pernas* acima.

§ 12.º

Em metaphora de pés

—Vossê cuida que aquillo é um mar de equivocos, em que se não póde tomar *pé?*

—Pois as metaphoras vão dando em borra; que esta é já o *pé*.

—Antes temos bem que dar ao *pé;* se houvermos de seguir as que faltam, nem que vamos aos quatro *pés*.

—Eu em um *pé* os alcanço.

—Vossê entrou com o *pé* direito; sabe muito, mas anda a *pé*.

—Ao menos não affasto o *pé* do assumpto.

—Aquillo traz *pé* de cantiga.

—Pois não! Se o senhor, em lhe achando difficuldades, ah *pés* para que te quero!

—Eu a *pé* quedo sigo as mataphoras: vou com o assumpto mui *pé* ante *pé;* e vêem-me occorrendo ali os equivocos pelo *pé*, como as cerejas.

—Quanto se eu os houvera de dizer como os seus, que não têem *pés*, nem cabeça, eu os dissera ahi do *pé* para a mão: que em ser prompto me não chega vossê com a ponta do *pé*.

—Eu cá, estou com um *pé* no ar, como grou, ouvindo-os a vossês gabar-se: porém, não

quero dizer nada; que ainda não pondo o *pé* já faço pégada.

— Bom *pé* de verso! Esse foi zaimbo.

— Não o digo eu! Debaixo dos *pés* se levantam os callos: hei de arrimar os *pés* á parede a não dizer nada.

— Ora diga, meu senhor! Se o offendi, aqui me tem a seus *pés*.

— Elle, em que lhe *pez*, ha de dizer o que souber.

— Eil-o seguindo a metaphora ao *passa-pello*.

— O equivocosinho merece encastoado em *pez*.

— Ai o senhor, que lhe dão o *pé*, e toma a mão! Faz-se *coxo* d'um *pé*, para nos dar uma carreira.

— Quem lhe dera com um *pé* d'um banco.

— Parece que nos quer fazer *pé* d'alferes.

— Já vossê em outra metaphora foi mão; dê agora cartas.

— Bom *pé* tomou, para dizer que quer ser *pé*.

— Ainda assim, não cuidei, que a metaphora d'um *pé*, produzisse tanto anexim!

— Se os seus equivocos são esterco, que se lhe deitou ao *pé* de vossemecê.

— Sou um nescio; mas só n'esta metaphora entendi seria o tropel de chistes estupendo; porque para multiplicar *patadas*, faz das mãos *pés*.

— Agora fiquei como o pavão.

— Dá cá o *pé*, papagaio: que lhe parece o dito!

— É uma flôr o menino.

— Os *pés* são de cravos.

— Quer vêr se cheiram?

— No pescoço lhe porei eu o *pé*.

— Bem, agora o tirou do lodo.

— Vossê será o atolado.

— Tire-se do *pé* da janella, não venha algum *pé* de vento.

— Esse veiu bem ao *pé* da lettra.

— Que me queira vossê metter debaixo do *pé*?

— Se eu fôra S. Miguel, já lhe tivera posto um *pé* na boca.

— Devagar com isso: que quer dizer que lhe havia de pôr um *pé* na boca? Poria vossê uma trampa.

— Ai, que me vão na sege!

— Na sege anda vossê a *pé*.

— E vossê entre os varaes.

— Agora ficou elle varado.

DIALOGO TERCEIRO

Em metaphora de coração

— Se vossês houverem de fazer das metaphoras investiduras; eu n'estes dialogos não sou nenhum novato, e com pouco se me agasta o *coração*.

— Faça das tripas *coração*, já que tem tão perto da boca o *coração*.

— Homem, aperta-se-me o *coração* de ouvir lograções entre amigos do *coração*.

— Diz isso de todo o seu *coração?*

— Ai! pois não, meu *coração!*

— Cortou-me o *coração!* Isto é uma dôr de *coração*.

— *Coração* comeis *cação?*

— O homem que zomba, tem máo *coração*.

— E a mim, chegou-me ao *coração*.

— E a mim, o requebrosinho ao *coração* me chegou, de sorte que me fez estalar do *coração* as cordas.

— Ora vamos *co'a oração* por diante.

— Que horas são?

— Vai para as nove.

— Ancias me dão no *coração* ouvir isto.

— Eu é que tenho grande *coração*, posto que sou pequenino: digam o que quizerem.

— Diga vossê, que traz os anexins de *cór*.

— A' vista d'aquelle equivoco, diz a metaphora *cró*.

— *Coração* olha o que queres?

§ 1.°

Em metaphora de sangue

— Vossês deu-lhes em crear *sangue* comigo; mas vejam, que se me estiverem sempre a queimar o *sangue*, eu hei de fazer uma, que hão de torcer a orelha, e não lhe ha de deitar *sangue*.

— Já eu dera o *sangue* das veias por vêr isso, que estou picado na da cabeça, e se me subir o *sangue* ao miolo, farei ahi mil loucuras.

— Aquillo é *sangrar*-se em saude, que o *sangue* corre pelas veias, e não se quer rogado.

— Elle não ha de pendenciar com quem é seu *sangue*.

— Agora fiquei eu sem *sangue*.

— Vossê faz-se como o *sangue* do nariz.

— Que tem? É meu parente?

— Tão máo *sangue* tenho, para que vossê o não queira ser?

— Oh homem! Vossê *enchouriçou-se?* Pois quem tem *sangue* faz murcellas.

— Ahi não ha senão, ou *sangue*, ou creação.

— Altera-se-me o *sangue:* pois o que vem vossês a dizer n'isso?

— E' força de metaphora: não seja elle *sangue* de Christo, que o senhor é boa *sanguexuga* d'elle; em o colhendo, dá-lhe boa *sangria*.

— Está bem *sangrado* o disciplinante.

— Bom fôra, que se *sangrara* na veia da arca, que estamos em jejum.

— Que! Queria beber-me o *sangue?*

— Vossê desconfiado, quererá isso; que está comigo a fogo e a *sangue*.

— Não estou; que sou *sangue* e leite: não sei ter paixões.

§ 2.°

Em metaphora de tripas

— Confesso, que se me revolvem as *tripas*.

— De medo?

— Diga, não esteja com dôr de *tripas:* vomite ahi as *tripas*, já que está enjoado de medo.

— Com as *tripas* na mão, me atrevo a quantos anexiristas houver.

— Ai, que lhe roncam as *tripas!*

— Pois tambem as *tripas* no ventre pelejam?

— Só comigo são as lograções, e o senhor aqui á *tripa* forra?

— Se vossê é um mólho de *tripas* mal atado!

— Olhe, que ainda o hei de *estripar*.

— Animo, *tripeiras*, que berra a vacca.

— Não lhe pareça, que sou fraca *tripa*.

— Deixem-me ir, não me dê a *tripa* uma volta.

— Olhe não borre os calções de *tripa;* vá depressa, senhor.

— *Tripeça* me chamou?

§ 3.º

Em metaphora de bucho, fel e bofes

— Estou agora *embuchado:* não me atrevo mais a aturar a *bucha*.

— Não lhe cabe nada no *bucho*.

— Na *bochecha* m'o diz? Olhe não se metta em *debuxos* comigo, que eu tenho um arrocho de *buxo*.

— Arrocho! Arre *bu-xó!*

— Elle ameaça muito, e é uma pomba sem *fel*.

— Antes estou já feito de *fel* e vinagre.

— Pois bem podera já ter o *fel* derramado.

— Amargado tenho a empreza, e fica-me no coração a nodoa.

— Bom remedio.

— Qual é?

— O *fel*, que tira as nodoas.

— Troque-me isso em *miudos:* não fale tanto d'afogadilho.

— Vossê estava tão *aforçurado* por estes dialogos, e agora todo está *esbofado!*

— Não cuidei que vossês tinham tão máo *bofe*.

— Máo *bofe! bofé* que não, que tenho, ao menos eu, os *bofes* lavados; e vossê é que dá *bofetes* sem mão.

— Com pés já eu vi *bofetes:* tenho os *bofes* seccos, que nem peros passados.

— Com pouco abafa.

— Deixe-me tomar ar.

— Não dê alguma *bufa*, que nem só pela boca se deitam os *bofes*.

— D'aqui virei a ficar tysico: alguma chaga se me virá a fazer no *bofe*.

§ 4.°

Em metaphora de figado, rins e bexiga

— Mal quer *figadalmente* o senhor a pulhas.

— Confesso, que a quem as diz, desejo comer os *figados*.

— Pois ficará com essa pedra no *figado;* que em caindo em metaphoras, hei de dizel-as, e a vossê, uma *figa-dó*.

— Já elle córa.

— Aquillo será *figado* com ponta d'alho, que elle é amigo da penca.

— Não sou tão quente dos *rins*, como vossê.

— Todos o somos; e peiores os que se *rim* d'isso.

— Como eu *rio*, *rim* muitos.

— Mas vossê *rincha*.

— Bello esteve isso de *rio*, *rim:* parece-me cousa franceza.

— De mal de França se queixam os que não são seccos dos *rins*.

— Isso de mal de França, é o diabo.

— E para os *rins*, é o das *bexigas:* por isso, vigie-se da *bexiga* e do diabo.

— Avisa-me?

— É seu amigo: mata porco, e dá a *bexiga*.

— Sim; elle engolfa-se, e diz que nada com *bexigas*.

— É mal, que sempre deixa signaes.

— Isso é para as *doudas*.

— Ha muitas, que sendo *brancas*, a puras pintas se querem fazer *negras*.

— É para as conhecerem pela *pinta*.

— Olhe o vento das *bexigas* para onde soprou!

— N'esta metaphora d'intestinos, tem havido bem *descaidas*.

§ 5.º

Em metaphora de pelle, ossos e nervos

— Vossê é a *pelle* do diabo! Depois de dizer quanto quer, satirisa o seu, e mais o alheio.

— Em tão boa hora, que não satirise o alheio, e forre a sua *pelle*.

— Não: agora protesto de lhe fazer dar a *pelle*; que lhe hei de ir ao *couro*.

— Não sou tão facil de despir a *pelle*: antes vossê se guarde d'alguma surra, que facilmente lhe chegaremos a roupa ao *couro*.

— Isto cá está forrado, meu amigo.

— De *pelles* de asno?

— Fie-se na coura, que as pulhas o hão de defender.

— Pois eu, nú em *pelle* me quero com vossê.

— Arre! não me *pelisque*.

— Não ha para onde *appelle*, que lhe hão de chegar ao *pellote*; e do *couro* lhe hão de sair as corrêas.

— Homem, eu *pello-te?*

— Agora cuida que me pega a *pelle* á parede.

— Elle *pella*-se por isso: guarde-se d'elle, não lhe curta a *pelle*.

— É curta a sua parola; não me chega á *pelle*.

— Nem lhe queria chegar: olhem o *courão!*

— Vossês, até me não deixarem a *pelle* sobre o osso, não hão de descançar: não tem dó de mim, que não tenho mais que os *ossos?*

— São os do Canivete?

— Essé, lá deu a *ossada* não sei onde.

— Ora vão vossês roendo esse *osso;* e deixem-me como amigos: que a quem se dá um *osso*, não se deseja morto.

— Bem encaixado anexim! Disse-o bem depressa, foi *osso* de correr.

— Nenhum equivoco *chambão* digo, como vossê.

— Tenho dito cousas, que não têem *osso;* equivocos mui bem *esburgados*.

— Não *ouço* bem; diga algum.

— D'aquelles, não disse vossê ainda: não?

— Não me ha de a terra comer os *ossos*, sem que vossê me veja dizel-os melhores.

— Déra vossê um membro ao demo.

— Ora nunca lhe a mão doa, senão pelos *nervos*. Membro ao diabo?

— Sim, e de justiça; que vossê é agarrador de chistes vadios, que é gente do demonio; e como é membro d'aquelle corpo, é seu por direito.

—É porque o senhor é da *pelle* do diabo.
—Bem torto esteve o conceito.
—Não ha mais dar razão do seu dito.

§ 6.º

Em metaphora de carne e gordura

—E ficou mui *gordo*, como se dissera uma cousa grande.
—Coitado, que de *gordo* está inchado!
—Vossê as diz melhores.
—Tambem a trovasinha é boa, e mais *engorda*.
—Aquella é do Galhano.
—Quem é esse author?
—Um homem *gordo*, e roto.
—Coitado, esse *engorda* com os trabalhos.
—Já elle já estará nas arêas *gordas*.
—Que se lhe dava a elle d'andar roto, se vestia de *gordo?*
—Graças a Deus, que já estou *gordo* como um *chouriço*.
—Porque?
—Porque a *carne*, *carne* cria.
—Porque a vossês já lhe não dá o vinho (que devia ser *gordo)* em investir comigo?
—Em metaphora de *gordura*, queria vossê, com cinco réis de carne *gorda*, ser objecto do dialogo?

— Olhem o *magriço*, mais *magro* que um cão, que parece uma gazella.

— Cuidei, que me chamava gazeta; pois homem *magro*, e não de fome, guardar d'elle como d'outro homem.

— Mas não têem *lazeira*.

— Se vossês me não dão *lazer* a criar *carnes!* Sempre comigo criam sangue! Eu não sou de *carne* e sangue?

— É uma posta de *carne* com dois olhos.

— Oh! já vossês começam? Não se fiem d'isso; que se eu me virar do *carnaz* para fóra, poder-me-hei ir *encarniçando;* que é manha d'açougue.

— Com os seus ameaços se me arripiam as *carnes*.

— É o diabo em *carne?*

— Será o peccado da *carne?*

— Arre com a *carniçada!*

— Não foi senão sôco.

— Deu-lh'o nas *carnes* mortas?

— Ahi, que tudo é *carne*.

— Vossês hão de dizer pulhas até á resurreição das *carnes*.

— E estas, que são de *carnes* tolendas.

— A *açougaria* que têem feito com o diabo da metaphora!

— Esta é *carne* de vacca.

— Até agora, não houve melhor metaphora, se fôra de porco, que é *carne* santa.

— Essa é *carne* da sua *carne;* que d'esse animal é vossê irmão *carnal.*

— Antes porco, que *carniceiro:* quanto mais porco, mais *gordo.*

— Agora se fez elle *incarnado,* como uma papoula. Temo que desconfie; que é homem de *fevera.*

— Sim, senhor; o senhor é *cortador.*

— Pois vossê é boa catana.

— Para isso tenho bom *talho.*

— Estes *carniceiros* estão bem *encarniçados!*

— Deviam de morar nas *Carniçarias,* ou em *Carnide.*

— Senhores, deixemos já esta metaphora, que o banquete das *carnes* n'este paragrapho sexto, é suspeitoso assumpto.

§ 7.°

Em metaphora de humores

— Sempre vossê, se gasta bom *humor,* até n'esse recato introduz velhacaria.

— Serei de *humor* melancolico, como vossê!

— Nem todas as compleições são umas; e conforme os *humores,* são os amores: quiçá quer bem este ao mesmo, que aquelle aborrece.

— Vossê é por certo *hû-mór* em tudo: até moralista mór é.

— Grande equivoco! Ainda assim não se baba, mas corre-lhe *humor* pela boca.

— São *humidades* do estomago.

— Sempre estão d'um *humor:* só eu não faço *rumor*.

— Melhor é aquelle!

— Victor equivoco! Cedo virá á balha o *tumor*, que o senhor ficou mui *inchado*, como se dissera uma cousa grande.

— Vou-me *encolerisando*.

— Vossê tem *fleugma* para tudo: não esteja *melancolico*, que já mudamos d'assumpto.

— Queira Deus, não seja tão *sanguineo*.

DIALOGO QUARTO

Em metaphora d'alma

— Antes que entremos em metaphora tão *espiritual*, peço-lhes pela sua *alma*, que deixemos entrudos; que já não é tempo de carne; pois o assumpto nos está dizendo, que tratemos da *alma*.

— Abriu o *almazem*, e disse.

— Antes agora teve elle muita *alma*.

— Elle ainda está com a gralha na *alma* das pulhas passadas.

— Tanto á *alma* lhe chegaram?

— E eu, estou já *almejando* por dizer das minhas; que só por isso sou *alma* perdida.

— Amigo, aquillo não tem remedio, mais que vossê lhe peça pelas *almas* santas não diga pulhas: aquillo é um corpo sem *alma*.

— Guarde-se elle, não lhe desanquem a *alma*, que se eu o colho, hei de lhe cair sem *alma*, que o hei de fazer deitar a *alma* pela boca fóra.

— Isso me corta a mim a *alma*; e só d'ouvir esses ameaços estou dando a *alma* a Deus.

— Bem fez em me avisar; recolher-me-hei antes que tanjam ás *almas*.

— Zombem vossês; que ás vezes um *desalmado* d'estes, dá como quem não tem *alma*.

— Não metta a sua *alma* no inferno, que eu, e mais o senhor, somos duas *almas* n'um corpo; e eu bem sei, que elle não fala deveras.

— Tantos anjos tenha eu para a minha *alma*, quantas vezes á vista de muitas *almas*, lhe tenho eu dito, que vem *almoçado*; que traz no bucho mais d'um *almude*; que bebe de sorte que parece o entorna pela *almilha*: outras vezes, que vem recendendo ao *almiscar*; que a *alma* devia de ter *almondegas*; e que era um miseravel, que comia com a cabeça no *almario*; etc., etc.

— Minha *alma* dos meus *almarios*, etc.

— E mais elle não desconfiou; e por bom modo o ha de fazer bramar a sua *alma*.

— Homem, isto não é mentira: senão diga-o o *almoxarife*, que se chama F. de *Almeida*, estando nós em *Almada*, aonde passamos de Lisboa em uma *almadia*.

— Valha o diabo a sua *alma*, e mais os seus equivocos; que se eu não estou para lhe arrancar a *alma*, não tenha Deus parte na minha *alma*.

— Vossê queria, que elle dissesse conceitos de *Cristaes d'alma?* Em começando com os seus anexins, é *alma* que caiu no inferno.

— Oh senhor, leu alguma vez o auto d'el-rei *Almançor* da Berberia?

— Porque?

— Porque não sei que *almas* christãs haverá, que aturem a sua arenga: em começando, agonia-se-me a *alma*.

— Venha cá, *alma* perdida: que graça quer achar em metaphoras sérias?

— N'essas, acho eu mais *alma:* que como tem *alma* de cera, podem-se torcer como quizerem.

— Apegou-se-lhe o sério, por ser cousa de cera, como se fôra com *almacega*.

— Homem, se não sabes que cousa é sério, pede para as *almas*, e ensinar-te-hão.

— Isso é para a cera.

— Aquillo de cera, foi caracter que se lhe imprimiu na *alma*.

— Pois que cousa é metaphora séria? É alguma sereia, com que aqui nos querem encantar?

— E' uma figa para a *sua alma* de cantaro.

— Por amor do quebranto, não lhe será pouco necessaria a figa.

— Eis ahi um equivoco limpo e secco.

— Eu digo-os com toda a limpeza, sem ser *almotacel*.

— Tem-me feito somno esta metaphora: haverá aqui alguma *almofaça?*

— Ora aquiete a sua *alma*.

— Por minha *alma* trinta missas, que estou podre de somno, e tenho de ir para *Almeirim*.

— Se está podre, procure *almagre*, e peça para S. Lazaro.

— Isto foi o dia de juizo! Quantas *almas* houve na metaphora, resuscitaram aqui hoje.

— Nem Lazaro escapou!

— Não fôra vossê o *Doutor tudo esquadrinha*.

— Tem-me moido tal *almofreixe* d'anexins juntos.

— Se o tem moido, ainda o *almofariz* aqui aduba ao intento.

— Ora ha mais alguma cousa, que *almofaça?* Essa faltava para limpar de todo a metaphora.

— Ella tem sido o purgatorio das *almas*.

— Não, ainda hão de vir a juizo as das rebecas.

— Deus seja com a minha *alma*: oh! avie já, senhor: qu'*alma* falta?

— Não falta, que eu estou suado.

— Falta, e é a da rebeca, que não soa pouco.

— Basta, senhores; que se os anexins não tiveram um breve mui longo, e amplo do Grão

Turco, para quantas blasphemias querem, esta metaphora merecia açoutes e degredo.

§ 1.°

Em metaphora de potencias

— *Potente* assumpto! Aqui, digo eu, que ha de haver multiplicação d'equivocos, porque o assumpto é de boa *potencia*.

— Paréce, que não traz na *memoria* mais que velhacarias, ou pulhas.

— Se não quer que as diga, faça *memorial*, e peça-me por mercê.

— Ah agora por mais que lhe peça! Vossê está em França; tem *memoria* de gallo.

— Tome anacardina.

— Basta, que eu não como queijo.

— Se eu o não comera, já pensava que *me morria*.

— Tambem valem equivocos em castelhano? Tão amigo é de queijo?

— Se o colho na aprehensiva, faço retentiva d'elle.

— Caso *memoravel!* E' tambem amigo de toucinho?

— Porque?

— Porque *memoria hominis escorregabilis est, sicut unto*.

— Logo tambem o toucinho tira a *memoria?*

— Vossê não ouviu o anexim latino?

— Tomara eu ter um livro de *memoria* para trazer estes anexins promptos; que por mais que entregue á *memoria* uma cousa, logo me escapa, como annel largo dos dedos.

— Pois *repete memoria tecum.*

— Nunca tive nada de cór; sou tão esquecidiço, que quanto estudo me *lembra* como um pão.

— Tanto se *esquece d'isso?*

— Pois se tenho raiva, tanto que aqueço, de tudo me *esqueço.*

— Aqueço nó: antes com cholera, não ha aggravo, que me não *lembre;* e com paixão, vai o fato á rua; tudo *varreu.*

— Tomara eu ser assim, que tenho teias de aranha na *memoria.*

— E eu, como se tal me não passára pela *memoria.*

— Tal contradicção! Se de tudo faz *memoria,* como de tudo se *esquece?*

— *Lembro-me* dos aggravos; *esqueço*-me dos favores.

— Arre com o homemsinho! E tem *potencia* para tão diversos actos?

— Cá me *entendo.*

— Ainda assim, *entende-se* bem.

— Antes não é *entendido;* porque nem eu o *entendo;* nem me *entendo* com elle.

— Eu bem o *entendi-mento,* que não o *entendi.*

— Que quer dizer isso?

— *Entenda* comsigo, que eu faço que não *entendo*.

— Bem te *entendo*, flamengo; bem te *entendo*; mas não tenho copas.

— *Entende*-lhe a lingua?

— Aos bons *entendedores* poucas palavras.

— O senhor não *entende* de canhoto: o diabo s'*entenda* com elle.

— Deus lhe dê uma tenda, com que s'*entenda*.

— Tal flamengaria! Aqui, não ha quem se *entenda*.

— Homem, a gente *en-tende*: estamos *entendidos*: *entende* vossê?

— Bom *juizo!* Isso é bordão: *entende* vossê?

— Não deite *juizos* temerarios.

— Isto aqui é o dia do *juizo!* Faz-me isso perder o *juizo*.

— Boa conta daremos da metaphora, se fôrmos a *juizo!* O certo é, que aonde ha muito riso, ha pouco *siso*.

— Tem *razão*, que lhe sobra pelos telhados.

— E' porque dá muita *razão*.

— Boa *razão!*

— Quem o mette a vossê em *razões?* De vossê já não *resa* a egreja.

— Pois elle *resará* na egreja, que é grande *resão*.

— Muitos *resam*, de que a egreja não *resa*.

— Esses têem uso de *razão*.

— São *razões* as *sem-razões*.

— São *resões* por uso, ou por officio?

— Mercieiros, *verbi gratia*.

— Agora fizera a *razão* á saude do dito, se o assumpto o pedira.

— Veja se lh'o pede a *vontade*, que o assumpto não nos governa; e cada qual é senhor da sua *vontade*, pois a tem livre.

— Se a *vontade* é livre, como póde ser cada um senhor da sua *vontade?*

— E' livre poder um sujeito usar da sua *vontade*.

— Isso de ser um homem *voluntario*, e senhor da sua *vontade*, não é bom.

— Dê a *razão* do seu dito.

— Não me dá na *vontade*.

— *Vontade* é vida.

— Ah agora, eu lhe tirarei as *vontades*.

— Deixal-o muito á sua *vontade*.

— Contra *vontade* de ninguem, não quero nada; porque *contra el gusto, no ay disputa*.

— Ha de ser muito por seu *querer*.

— Pois digo, que não *quero*.

— Isso não se escreve.

— *Quer* sim, *quer* não, duas cousas são.

— Elle na metaphora está: boca que *queres*, coração que desejas.

— Elle não é ahi quem *quer*.

—Que importa isso, para se pôr comnosco *quero, não quero, jubão amarello?*

—D'essa côr são os *malmequeres.*

—N'elles tem quanto *quer*, que são de campo.

—Não os ha d'outra côr, ahi por onde *quer?*

—Eu não *quero.*

—Se vossê não, *Alem-quer.*

—Bem mettido equivoco! A metaphora tudo *requer.*

§ 2.º

Em metaphora de sentidos

—Não será bastante, que a metaphora o requeira, para que não falemos com *sentido.*

—*Con-sentido* têem vossês, que se digam quantos anexins houver, mais que não façam *sentido.*

—Já que em eu dizendo alguma cousa, logo sou *sentido*, irei com todos os cinco *sentidos.*

—Vossês logo se *sentem*, como o peixe mimoso: não tome o que o senhor diz n'esse *sentido;* que o senhor o que quer, segundo o meu *sentir*, é que tome *sentido* em o que diz, para que *sem tirte*, nem guarte, não diga cousas que causem *sentimento.*

—Eu é que devo estar *resentido:* mas divertamos d'ahi o *sentido.*

—Oh! não te agastes, meu mano, que *sem-*

timento, que comtigo não é a bulha: tudo o que aqui se diz, é em *sentido* commum. Olha que havemos deitar (se nos vemos *sem ti) dó*.

—O que nós dizemos é, que tome *tino*, para que não diga algum *desatino*, e *atine* no que diz.

—Isso é em vossê *com-tino*; e lhe vem por *destino*, que tudo quanto diz, melhor que Diogenes *a-tina*.

—Manso, que são as paredes baixas; e vossê fala, que *retine*.

—Aposto, que lhe encaixa elle a *retina*, e faz gala do equivoco?

—O senhor é *theatino;* e faz trajo d'outro panno.

—Antes, porque a metaphora já vai sarjada, presumia que tinha perdido o *tino*, e usava do verbo *latino «sarjo.»*

—Bom! bom! O *Tinoco* tal não dissera! Mas que tem o *tino* com os *sentidos?* O certo é, que todos andam ás *apalpadellas*.

—Essa pergunta é do *Tinoco*, ou do *tino-óco?*

—E isso é seu?

—Assim dizia o Marcos, bom auctor ao *intento*.

§ 3.°

Em metaphora de vêr

—*A vêr* se lhe cae? Elle não tem que *dever* com ninguem.

— Não, é para *vêr:* e é *verdade*, que hei de ser seu *ver-dugo* d'aqui por diante.

— *Veremos, veremos* isso.

— Vossês *verão.*

— Do *verão* me rio eu.

— Pois *vêr* e crêr.

— Mui *verde* está nos anexins! devia de os *vêr* de longe.

— De maduro caiu esse, que vossê se fez *ver-melho.*

— Deveras está *vertendo* sangue. Digam o que quizerem, que eu cá estou de longe com o *oculo.*

— Ora chegue-se: que quem não *dever*, não tem que temer.

— Isso é *verso?* quero *vêr-só:* por isso me afasto: de cá darei a minha *vista* d'*olhos.*

— Não, senhor: tire-se da luz: dê *vista* ás partes.

— Vossê as tem, que uma cousa é *vêl-o*, outra dizel-o: mas supponha que estou na *Boa-vista.*

— E vossê em Almada.

— Quem tanto *vê*, um *olho* lhe basta.

— *Vêl-o* vem com anexins.

— Homem, quem trata de *viver*, ha de ouvir e *vêr.*

— Não ha *cego*, que se *veja.*

— Agora *veja* lá se lhe serve.

— Já eu me *vejo* em desejo, e vou ferrando minhas *vistas* para fazer meus pés largos.

— Estranha adagios? Já se *vê*.

— O que se *vê*, escusa candêa.

— *Vê?* que quer que faça, á *vista* d'aquillo?

— O senhor é falto de *vista*.

— Pagar-lhe á *vista* na mesma moeda.

— Na mesma moeda? que moeda?

— Famoso moedeiro!

— Vossê não *enxerga?* Pois bom luar faz.

— Bem: deitou-se com a *enxerga*, e deixou-nos ás boas noutes: pois adeus luzes, ficar-lhe-hei *devendo* a dita moeda.

— Que tenho eu *de-ver* com isso?

— Elle o pagará; e senão, não importa, que isso é cousa, que nem vai, nem *vem*.

— Se me mandar citar, peço *vista*.

— Pôr-lhe-hei a Ordenação.

— Não ha ordem.

— Bem encaixava sobre as ordens aqui agora o *bispar;* que é palavra giria a respeito do *vêr*.

— Fóra, maroto!

— Já sei, sr. *D. Verissimo*, que vossê, pelo que tem de *visco*, é *visconde;* mas a sua fidalguia sem *divisa*, não se *divisa*.

— Como se está *revendo* no dito!

— Já a causa pede *revista*.

— A metaphora é um Protheo *revestido* de varias fórmas: ouçamos o que se segue.

— Esse é o meu *desvelo*, só por *vêr* o que se diz.

§ 4.°

Em metaphora d'ouvir

— Pois pôde-se *ouvir*, que a metaphora é de *orelha*.

— Isso já está dito: não *ouviu* esse anexim no § 14.° do dialogo primeiro?

— Tenho más-*ouças*.

— Ora *escutemos*: sempre aqui nos hão de *ouvir*?

— Assim é: *audiamus*.

— Senhor *ouvidor*, não nos metta em *audiencias*, que já a demanda se acabou.

— Bem! Maria Pinheira é *mouca*!

— Eu, cada vez que o *ouço* atirar pinotes, não o posso *ouvir*.

— Não me deixarão tambem dizer alguma cousa, já que tenho *ouvido* tanto?

— *Ouçamos* ao senhor.

— Elle está um perro! Diga, que eu bem *ouço*.

— Se disparar, arrebentará pelo *ouvido*.

— Oh! vossê não quer *ouvir*? pois eu tapo os *ouvidos*, e vou-me embora; que já tinha assentado de não fazer mais panellinha com quem falando eu, *ouve* quando quer.

— Em eu dizendo alguma cousa, se faz *surdo*.

— Que hei de *ouvir*, parvoices?

— Para que as diz? Não faça o que não quer que lhe façam.

— Isso é de direito: lá o traz o *Surdo*.

— Tambem Mantic. *De tacitis*.

— Eu folgo de os *ouvir*.

— Já digo, que me não vou; que isto póde-se *ouvir*.

— *Ouvir*-vos, ou ir-vos, amigo, não é cousa de que se nos dê.

— *Ouvi* lá uma d'estas! Estou *aturdido!*

— Ora *escute*, que tem muitas cousas que *ouvir*.

— Vá *ouvir* missa: que quer dizer que *escute?*

— Eu nunca digo cousa, que não *escute*.

— Não gosta da panella? *c'ouve* vossê, que lhe não agrada?

— Com vossê? O cheiro.

§ 5.º

Em metaphora de cheirar

— Essa é outra; e se ferve, será cousa que *cheire*: é *caçoula*.

— Não me *cheira*.

— Não? Pois para favas (de que vossê tem a boca) não está máo o *cheirinho*.

— Aos coentros me vai vossê *cheirando*.

— Segurelha: deixar-me ir attento, que a panella se esturra.

— Não é por não ser mexida de muitos: o primeiro, que molhar a sopa, tomará melhor substancia do caso.

— Oh! tornou-se a *caçoula* em caço!

— Pois havia de haver olha sem *chouriço?*

— Deixemos valhacarias.

— As metaphoras tudo permittem: ou isso; ou pulhas.

— *Isso*, é echo de *chouriço.*

— E isso, que é?

— *Cheire* isso vossê, sabel-o-ha.

— Comei lá da panella, que limpa é ella.

— Olhem o *chincheiro* aonde foi pescar o equivoco!

— Aos rios de *Cuama.*

— Vossês vão-me na sege!

— Eu cá, vou-me *co'cheiro.*

— Para onde?

— Para a *capella.*

— Se vai com estado, levará *archeiros.*

— No *ar-cheiro* a fragancia dos seus ditos, porque me tôam; mas essa capella de *cheiro*, já lá ficava á campainha e não me passou da garganta.

— Vossê vai pela toada; e ha mister ir com trombetas; que se repara na capella, *cheira-m'ella* muito bem.

— Vejam o que é um homem rico de cabedal, e contractador de noticias, que não sabe o que tem de seu!

— Quer um *cai-xeiro?*

— *Cheiroso* equivoco! Eu *cá-cheiro* a anexins mais grosseiros: mas em me dando o *cheiro*, vou pelo *faro*, e não me escapa anexim.

— Bem sei que é grande *frécheiro*.

— Venha tabaco, que me enjoam *baforadas*.

— Vossê, que é enjoado as deitará melhor.

— Se tomar pena do que o senhor diz, será de *olor* o tabaco.

— Vamos a outro sentido de mais *gosto*.

— Isso é um furo mais abaixo; e já me *fedia* este assumpto.

— A vossê tudo lhe *fede*.

— Pois não! Se vossê *tresanda* quando anda atraz d'um equivoco; que não sei aonde os vai desenterrar, mais podres que adagios de velhas.

— A' sepultura de Lazaro.

— Pois ha melhores fructas, que as passadas, posto que não *cheirem?*

— Essas são camoezas, que veem de Collares, enfiadas; *péro no me agradan.*

— Ha cousa como as fructas novas, e as perinhas de *cheiro?*

— É para vêr o que lhe custou alcançar o equivoco de *pero:* está deitando os bofes.

— Deixemos as fructas para seu tempo.

§ 6.º

Em metaphora de gostar

— Esse mesmo é o meu *gosto*, que sou amigo de fructa.

— A *gosto* de vossa-mercê veiu a metaphora em o mez da fructa, que vossê é amigo d'ella.

— Antes digo, que me *desgosta;* que é cousa que não *gósto:* isso é para vossê, que tem melhor *gosto*.

— Contra *el gusto, no ay disputa.*

— Confesso que lhe sou affeiçoado: porém, que vossê o não seja tambem, duvida *Santo Agostinho.*

— Eis ahi um equivoco de *gosto!*

— Digo, que já vou tomando *gosto* á metaphora.

— Digam muito d'isso, que me dão *gosto*.

— Com muito *gosto:* o senhor o tem tal no que diz.

— Cada um come do que *gosta;* e eu *gósto* de o ouvir.

— Sim; mas ha *gostos* depravados.

— Venha a prova.

— Não vê que muitos, por um *gosto* que os perde, se perdem? E lá lhe acham *gosto* em pilhas, se pilham cousa de seu *gosto*.

— Cada um segundo o seu temperamento.

— Quantos por um *gosto* breve, irão d'aqui a Roma; e todo o seu *gosto* se cifra em terem *gostos* da vida, por quem a darão.

— D'esses destemperos ha muitos mal guisados; mas a mim, de mala guisa me agradam *gostos*, que não são de dura.

— Temperae-me estes *gostos*, compadre! Um na duração, outro na brevidade, acha o *gosto*.

— Essa contradicção concorda com os temperamentos, em as cousas fazerem consonancia ão *gosto*.

— E com virem a tempo as cousas. Lá virá tempo, ou lá virá o mez de *Agosto* (diz o adagio) que lhe dará de rosto.

— N'esse mez, está o vinho feito da natureza um mosto, que no seguinte sabe bem.

— Essa prova é do cabo da amostra; e ainda lhe duram os *saibos* da panella, em que se lhe vai o olho.

— Pois aquillo é ser *sabio*, que o bicho é grande *sabichão*.

— Isso é já *sabido*.

— Antes bem enfastiado estou d'essas parvoices.

— Ainda a panella ferve.

— É o vinho: se tornar a *enjoar*, vomitará equivocos sem conto; mas outrem lhe leva vantagem.

— Quem?

— Seu tio.

— É verdade, que o mesmo que faz sobrinho, faz tio: ambos, em se *enjoando*, não ha quem pare.

— Digam quanto quizerem; que isso não me tira a vontade de comer.

— As ganas te tirara eu.

— Hi que ganas com tal desejo!

— Bom equivoco! Cá ganas!

— Não está má a cacophonia.

— Melhor esteve o parentesco do tio, e sobrinho.

— Sim; mas vossê ficou cebola.

— Porque?

— Não sabia o fim; e pasmou de ouvir o equivoco.

— Logo tive luz d'elle, tanto que me deu a restia: porém o parentesco ficou de cebolada; pois sem dispensa, não casava bem com o intento.

— Antes não ha dispensa sem cebolas, que ellas são as primas.

— Onde vai, senhor, a metaphora?

— Eu vou ás apalpadellas.

§ 7.°

Em metaphora de palpar

— O senhor ainda não tem *palpado* o negocio: tome o *tacto* ao assumpto, verá que

está palpitando o coração aqui ao meu amigo, com receio de que lhe dêm a *doer*.

—Muito ha que elle se *doe* d'isso.

—E' uma *doudice* vel-o.

—Não me tome vossê as dôres, que eu cá me sei sentir.

—Dôr de coração, é vel-o a vossê com cara de resistencia com o incentivo, que não sente o que lhe dizem; e só eu, com dôr e pezar, sinto ouvir asneiras.

—*Satis*, que isso é seu; porque a metaphora em a symmetria d'anexins, está mui bem *palpada*.

—Vossê é que com pancadas, que aleijam, a faz manca; e já me *doem* a cabeça, e os ouvidos de a ouvir.

—Com pouco! Eu, que não tenho *dôr* de pedra, não posso reter as ourinas, e hei de despejar em quanto tiver *dôr* de barriga.

—E que *dôr* de barriga tem o senhor, que nós digamos o que quizermos?

—Não seja contra aqui o meu amigo, que seja o que fôr, é parente; e a quem *doe* o dente, *doe* a dentuça.

—Más *dôres* dêm na metaphora.

—Ha tal sentido, que só de *dôres* é o objecto!

—Vamos a tocar em este assumpto alguma cousa *macia:* não seja tudo cilicios, e *dôres*.

—Como o senhor não é mui *macio*, fala com aspereza.

—Antes eu me préso de brando.

—Sim, mas todos os meus chistes são a *picar*.

—Venham elles ao *picar* da faneca, e sejam embora *picantes*.

—Falta alguma cousa no *tacto?*

—*Nada*.

—Tambem o *nadar* lhe pertence, que o humido se *toca*, e *sente*.

—D'essa sorte, quem *nada* tambem sentirá o frio, e quem não, nada.

—E a calma?

—*A calma* o peso o *duro*.

—*O-brando* vão vossês cousas, que nunca a metaphora terá fim.

—Bem sabemos, *apalpando*, se uma cousa é longa, ou curta.

—Pois basta de *tacto*, que a metaphora já dá com a cabeça no tecto.

—Valha-me Deus, que não caiba aqui o tito, o toto, e o tuto; que são equivocos de meu amigo D. Verissimo.

—Ainda lhe lembra?

—E' que estou muito em meu *sentido*.

DIALOGO QUINTO

Em metaphora de acções

— Sempre vossê tem a mão alçada com *acção* para mim! Mas guarde-se, se eu tomar paixão.

— Se vossê dissera cousas, que me não couberam na alçada, pucharia a *acção* para melhor, e seu superior juiz: mas não sendo assim, não tem que me ameaçar: tudo irá.

— Falemos de boca; não haja *acções* com a mão.

— Pelas *acções*, parece se vão agastando.

— Eu os porei em paz.

— Oh meu senhor! Estou a seus pés em *acção* de graças pelo favor: isto é metaphora, não é pendencia: que eu com o senhor, nem menção, quanto mais *acção*.

— Sem depositar *caução*, não o impede clausula depositaria.

— *Qu'aução* é?

— E' real a pergunta.

— Senhores, vamos mal aconselhados.

— O assumpto são as *acções* humanas, não as da justiça: deixemol-a lá estar no céo, mui senhora das suas *acções*; que ninguem a ha de querer em sua casa.

— Pois quaes são as *acções* humanas?

— E' fazer cortezia de mão beijada, pé para traz, tirar o chapéo, e outras que indicam humanidade; ou são as que fazem as regateiras agastadas?

— As *acções* do assumpto são: o chorar, o rir, o falar, o andar, o comer, o cuspir, o tossir, o coçar, e outras similhantes.

— Isso não são *acções* de cavalheiro.

— O homem não ha de fazer muitas d'essas *acções* diante de quem lhe esteja quiçá medindo as *acções*.

— Certo é, que um heroe não ha de ser desmedido em *acções*; que a melhor prosopopea é fazer boas *acções*, quando se fala; e logo se diz d'um prégador, que «tem grandes *acções*», ainda que não diga grandes conceitos.

— Que *acção* será a primeira, de que actualmente devemos tratar?

— Seja o *chorar*, por ser a primeira *acção* humana.

§ 1.º

Em metaphora de chorar

— Ou para melhor dizer, a primeira miseria humana: que devéras me *chora* o coração de considerar isso.

— Tal é a nossa miseria, que só *chorar* não é necessario aprendermos.

— Quem canta, seus males espanta; e quem *chora* os augmenta.

— Não sei que allivio seja o *chorar?* Nascemos, gemendo e *chorando* n'este valle de lagrimas.

— Eia pois, cantemos para espantar nossos males.

— Alguns querem, que as lagrimas alliviem: se alliviam, como padece quem *chora?*

— Onde muitos *choram*, alliviam outros a sua alegria: que não é novo cantarem uns, onde *choram* outros.

— Muito ha, que o senhor não faz um foguete! Pois agora, tem as *lagrimas* bem á mão.

— Se ellas quebrantam penhas, que muito, que esteja com o rabo entre as pernas, fazendo talvez buscapés de humilde?

— Que importa, que se as *lagrimas* não pagam dividas, sempre me fica logar á vingança.

— Não é essa a razão, porque *chorava* a Ma-

gdalena: seria logo a causa das *lagrimas* de S. Pedro.

— Que lhe parece a metaphora feita á Fonte da Saudade?

— Parece Menga derramando perolas em busca de coraes, *chorando* como uma perdida, e fazendo extremos.

— Perolas tem vossê dito em suas parolas: nem Zephyro se viu mais concho com o *aljofar* da sua Aurora, que o assumpto com a metaphora.

— As *lagrimas* são moeda corrente, de que se pagam os namorados; e *corrente* com que se prendem.

— Sempre os namorados, como papa-açorda, foram *choramigas*.

— São bravos n'isso, e mal creados por imitar a Cupido.

— Olhem o *chorão*: e *choram* por elle os amantes, que menos se babam.

— Que coração não renderão as *lagrimas* da formosura?

— Todas as vezes que me ponho a contemplar no *pranto* dos amantes, dá-me riso: sempre teem vontade de *chorar*, como quem *chora* sem vontade.

— A graça é *chorarem* elles cantando.

— O seu coro, escreve-se com *c* e *h*, que tambem é *choro*.

— Não sei dar solução á causa porque *soluçam*.

—E' grande a carga, que os faz *gemer*.

—Um e outro *gemem*, amante, e dama: são gemeos os seus *gemidos*.

—Ainda isso, não é acertar a *gemma* do motivo.

—Agora, é, porque sei que quem diz ai, folga: elles dos lamentos, fazem allivio.

—São atolados, não é muito, que sejam lamentos.

—Cada suspiro seu, é gaita que toca na alma; e pelo suspiro toma alento e desabafa.

—Parece, que lhes sabe como gaitas o *choro*; que sempre estarão a suspirar por elle.

—Muitos ganham a vida cantando, e esses *chorando*, não sei que lucro tiram.

—Purgar-se-hão de seu humor; que as *lagrimas* por calidade, são motivo de remela.

—A cacophonia *por calidade*, me fez imaginar, que o dizia, porque o muito *chorar* faz ranho.

—Ora n'esta metaphora, manam as *lagrimas* em bica: estou para pôr parches nas fontes, que corre risco doer-me a cabeça d'ouvir *chorar*.

—Pois se quizer ouvir cantar, vá á porta de quem cria.

—Não cria em isso, porque quem mais cria, é o que mais se anda *chorando*.

§ 2.°

Em metaphora de rir

— Não posso deixar de me *rir*, que tambem valham equivocos de giria de marotos.

— Pois *ria*-se d'isso, que o caso é para chorar.

— Nem tanto o *riso*, que será pouco o siso.

— Vá vossê *rir* á feira: não se metta a sisudo, vendendo-nos melancolias por discrições.

— Antes eu sou boca de *riso:* mas uma cousa é ser alegre, e outra andar feito Heraclito e Democrito, *rindo* de tudo, e de tudo chorando, que todo o extremo é vicio.

— Deixe-o dizer, que o assumpto é ridiculo, e a metaphora jocosa: tractemos de tomar nossa barrigada de *riso;* pois se o senhor nos murmurar, ande eu quente, e *ria*-se a gente.

— Bom encaixado anexim! Agora me *rirei* eu d'essa ridicularia.

— Do verão me estou eu *rindo*, posto que não sou muito *risonho:* mas já que vossês *rim*, tambem eu me *rio*.

— Isso de RIO RIM, já está dito.

— O senhor está em França?

— Cuidei que em Coimbra, que é do nosso Portugal a cidade *ridente*.

— Bom! bom!

— Vossê roça-se? Pois isso não é assim?

— Rossim.

— Como se lhe alegra o olho com o dito! Pegue-me aqui nas alegrias.

— Que cousas são alegrias?

— São tuberas.

— Eu não jogo.

— Vá de pulhas, que a metaphora é de joco.

— Pois vossês com isso se alegram?

— Isso não vale; e ainda que o senhor imaginou, que estavamos em o Mondego, este não é o Valle da Alegria.

— Muito miolo tem: ha mister *alegrar-lhe* os cascos, que creio, lhe não cabem na cabeça.

— Contentou-lhe aquelle equivoco?

— Almas santas, que lhe *contente*.

— Não esteja tão *contente;* que eu quando falo, vou mais *com-tento*, e não me *contenta* tudo o que ouço.

— Nunca é *contente:* sempre dá máo grado.

— Se o ouvir parvoices para mim é um degredo! Que agrado quer vossê que mostre a cousas tão pouco agradaveis? Nem que me cobrissem d'ouro.

— Pois se nos quizer ouvir, ha de ser gratis.

— Não sou para essas galhofas: sou um corpo velho, incapaz de romarias: já se me acabaram as furias. Deixe-me ir jantar.

— Lembraram-lhe as galhofas.

— Espere, que temos muita fatia.

§ 3.°

Em metaphora de comer

— Deixem-me, que me estou aqui *comendo;* e cada qual é obrigado a coçar onde lhe *come.*

— Vá jantar, senhor; que vossê é uma *sarna:* em lhe dando a *comichão,* não ha quem o ature: é peior que *frieira.*

— Quem muito *come,* muito cag...

— Senhores, eu vou-me embora, *com-mais* me não metto.

— O senhor já *começa:* elle é que *come* o que cag..., e presume que só elle tem que *comer;* e de puro faminto, parece *carcomido.*

— Sempre aqui nos hão d'ouvir a horas de *comer.*

— Tenho raiva d'isto, que me *comerei:* hão d'estar *comidos* dos bichos e hão de ter que ralhar.

— Em pegando em lograções, tem que *rilhar,* se é bocado duro de *tragar.*

— Pois por isso é melhor *comer* as palavras, e não dizer cousas que enfastiem.

— Falar, marchando, nunca o soube; mas que marche ao que digo, não hei de *mastigar* as razões.

— Senhores, eu vou marchando.

— Vá já *jantar,* se acaso *come* como marcha.

— Boa sentença! Nem o *Marchão* as dá melhores.

— Olhem como ficou murcho!

— Digo-lhes que a gulosina de os ouvir, me detém; e mais estou com os olhos de gato guloso em o *jantar:* porém se as practicas encheram a barriga, e um homem se pagára de palavras, como o prégador; pois o clerigo d'onde canta, d'ahi *janta*, e o frade não dá o que bem lhe sabe: eu me contentara com esta *lambuçada;* e quiçá lhe lambera os dedos; que de metaphoras sou um lambaz; e por estas *lambuges* me perco.

— Tenha mão: vossê suppunha, que sou bocado mal mastigado, que o atravesso? Que arenga é essa, que vossê vai *rostindo;* que leve o diabo, se eu lhe entendi nem sóca.

— Vá correndo com o saco, se não dar-lhe-hei um murro secco, que lhe faça um socco, por onde despeje o succo.

— Se isto fôra depois de *jantar* não me admirara de tanta bebedice junta: mas vossês devem d'estar ainda com os feijões de hontem á noute.

— Vá vossê beber, que eu safo-me, *pogi a ola tolo meu ma sa fome.*

— Dae na bebeda: o menino fala-me preto? Devia ser tinto.

— A metaphora é *comer:* deixemos as bebidas para o seu logar; e se o senhor o provou,

faça-lhe bom proveito: do seu bebe, que não é nenhum provete.

— Bem sei, que é provador, e que o faz como um provincial; que é homem farto, mas de couves; e rico que farte!

— Olhem o fartaz! Homem, vae-te embora, senão far-te-hão...

— Que me hão de fazer? Não já vossê; que me não fartara eu de lhe pôr as mãos.

— Nunca vossês são fartos de estar com investidas? Isto é já logração!

— Deixem-nos fartar de rir; que isto é força d'assumpto, e não me posso vêr farto.

— Elle com satisfações: amigo, vamos satisfazendo ao empenho da metaphora até estarmos satisfeitos: que não estamos no anno da fome dos anexins para sermos *come em vãos*.

— Agora, homem magro, e não de fome, guardar d'elle como d'outro homem.

— A ultima clausula d'esse adagio é a que mais me agrada. Não ha cousa como *comer* de outro homem.

— Isso é ser lambaz: porém, a que proposito veiu o anexim de homem magro?

— Estava para lhe dar uma lambada, se não reparara, que era cousa de Fulano Lamberto.

— Aquelle equivoco, veiu de culambas.

— Não, agora vossê lambeu-lhe os dedos.

— Não sou tão lambedor, como vossê que já

em cima lambia os dedos; e agora os torna a lamber cá em baixo.

— Tambem vossê falou em lambaz, e na metaphora de *comer*, não é politico vir um prato á mesa duas vezes.

— Muitas de vinho, sim.

§ 4.°

Em metaphora de beber

— Agora se verão vossês fartos; que só o muito *beber*, é cousa, que farta velhacos.

— Vá *beber* trinta réis.

— Pois agora pagará vossê o vinho que nos fez aturar-lhe: que á fé lhe tinha boa *sede*.

— *Sede* lá juiz com estes mordomos! O mais é, que o não toco: não tem que trincar a sedéla, que eu sei d'isso.

— Mui *sédiço* é o equivoco! Eu aqui morto á *sede* por molhar a garganta com o meu chistesinho; e vossês sem me deixarem; andar, esperarei *séde* vacante.

— Diga, senhor: tome o seu *trago*, que a vossê *trago* eu não menos *sede*.

— Pois eu, *bebo* vermelho, e mijo claro.

— Vossê que é *be be* das metaphoras, mettido na bica como creança, que se não póde ter em pé; tem graça!

— Vossê é que o não toca? Toca, toca.

— Aquillo, não é toque, nem remoque.

— O senhor traz carta de tocar: diz quanto quer; toquei-lhe no prato, e apanhei-o.

— Homem, ninguem *empina* melhor!

— E' um pino d'ouro!

— Bom pinote! O Pina, na minha opinião, não o faz melhor.

— E' seu amigo; *bebe* por elle os ares.

— Grão vez! Está avesado: nunca o invejoso medrou, nem seu visinho.

— Pois vossê, só vesugo, não tira mal nodoas a copos.

— Os vesugos tiram nodoas? *Hoc opus, hic labor est!*

— Livre-se d'aquelle revez.

— Sim, cubra-se com os copos, se não haverá mister oleo de cupaiba.

— E tu, como te revês no ditosinho! Esteve salgado? Mais vale *beber*, que cuspir.

§ 5.°

Em metaphora de cuspir

— Não *cuspa* para o ar, que vossê é anexirista d'agua doce, e quer-se grudar com *cuspinho* entre os que dizem equivocos como pilhas.

— Não me pilha vossê por ahi, por mais que me *cuspa* na cara, que eu o fiz a vossê metaphorista: que os seus chistes eram *cuspe cuspe;* e

já nos *escarra* grosso, sendo ha dois dias um *escarramão*.

— *Cuspi* na mão, para lhe darmos meu mano.

— Mas vede como vos assoaes, não digam que as formigas têem catarrho.

— Tambem vossê, sô ranhoso, veja que me não *babo;* se não quer que se diga, que quem mal *cospe*, em si *cospe*.

— Não faça *cuspinhada*.

— Será catarrho; que a vossê todos lhe temos *tosse*.

— Que *tussa*, se tem carapuça, ou catarussa.

— Bota ali terra, moço, que *escarrou* teu amo.

— Aquelle *escarrinho* foi de namorado.

— Se o estou, é dos seus ditos; que d'outra sorte se o estivera, já lhe tivera substabelecido todos os poderes da minha procuração.

— Não me deixarão ir os senhores? Que o comer, e o coçar, por demais é começar.

§ 6.°

Em metaphora de coçar

— Porém faz-me *cócegas*, em ouvindo titulo de metaphora nova.

— Ora espere, levará uma *coça*.

— Elle, não se ha de ir sem se vêr bem *acoçado*.

—Deixem-me *coçar* um pouco; que nem tempo tenho de me *coçar;* pois vossês são os que me querem *coçar?* Será com o cotovelo, como se *coça* o olho.

—Se quizer que com o *coto-velo* o *cocemos* no olho, não achará máo *coto-velo.*

—Quem lhe tirára o podre, e o deixára *co'são!*

—Vá-se correndo *co'saco,* que com o seu mesmo descuido se empulhou, e tracte d'andar mais visto nas metaphoras.

§ 7.º

Em metaphora d'andar

—*Andar?* Passe-se-lhe por esta, que o seu mal lhe basta.

—*Ande* vossê tambem para o meio. D'onde appareceu agora este corpo-santo? Aqui tem um *ander:* mas veja como *anda;* que se não *anda* em graça de Deus, póde ser que a roda lhe *desande,* pois tem muito que *andar.*

—Sabe muito, e *anda* a pé.

—Senhores, não *andemos* d'aqui para ali: Qual é o assumpto da metaphora? Tudo ha de ser *andar* aos itens?

—Homem, é *andaço* d'estes dialogos, que n'elles sempre as disputas *andam* em uma roda viva; e cada pulha é um *andarilho.*

— Ora deixemos burlas: vossê é o que aqui mais se *desmanda*, e se nos reprehende, não *anda* bem.

— Já vossê *tresanda*.

— Ora vamos *andando* com a procissão.

— Eu começo a *andorinha* gloriosa.

— Quem é o *andador?*

— Elle tem levado uma banda. Aonde vão vossês?

— Vamos *andando* para a via-sacra: se vossê não quer profanidades, vamo-nos recolhendo a sagrado.

— Vão vossês, que eu *ando* mal disposto, não posso *andar*.

— A falar verdade, vossê *anda* muito acabado; e nem por isso é mais perfeito, posto que o queria ser no nosso collegio.

— Pois que vai, sr. Padre Prefeito? podemos dizer duas pulhas, ou vamos *andando?*

— Vão para Hollanda, herejes da politica, que todos vossês *andam* em peccado mortal amancebados com as burlas.

— Ora vamos, *andaremos* com cuidado em não dizer pulhas: sigamos a metaphora.

— Eu lhe vou pelo rasto, que ella *anda* com a regra das allegorias, e por isso se segue.

— Porque? As metaphoras não se seguem?

— Assim o dizem os anexiristas; mas adiante: na arte da rhetorica na terceira parte d'estes dialogos, lhe mostraremos o contrario.

— Isso a *correr* de cavallo, não se enxerga.

— E' moeda *corrente* dizerem os equivoquistas, que seguem uma metaphora, porque elles *correm* atraz d'ella, e nunca lhes voltam as caras.

— E' que elles as não conhecem: ellas *correm* como mulheres.

— E elles, que *discorrem* bem sobre ellas.

— Quem lhes dera uma *carreira!*

— *Corre* risco.

— Elles sei eu, que dizem quanto lhes *occorre;* e não se *correm* de dizer parvoices, até não *escorrerem* todos os anexins a proposito e sem proposito; ou *escorregarem*, que é o mais certo.

— Máo *corrimento* lhes dê.

— Em quanto não *recorrerem* a pulhas, que é quem melhor os *soccorre*, porque *concorre* com o resto de todos os equivocos jocosos, e em se lhes acabando, botam a *correr* a outra materia, ou metaphora, e vão *calcurriando* com a giria, que trazem estudada.

— Senhores, demos um *passe* a esta queixa, que é tão velha, que *passa* da edade; e o peior é, que até no *paço passeiam* os anexiristas; que tiveram para lá *passadiço* por meio das metaphoras: aonde lhes fazem tão boa *passagem*, que já guarneciam de *passamanes* d'ouro as mangas (que eram as honradas, e não elles) se a liberalidade os não desenganára com a fartura dos poetas.

— Ao menos elles alcançaram bons tempos; e já as metaphoras não estão alcançadas; antes não ha quem lhes dê *alcance*.

— Paciencia, amigos: o ponto é ter com que *passar*, que *passatempos* de palacio não os invejo; e melhór me acho com *passar* de largo, que não a expôr-me a experimentar o que muitos *passam* a cada *passinho*.

— Isso logo lhe *passa*: cousas ouvi eu, que fiquei *passado*: *passos* tão galantes, que inferi ser necessario *andar* ali com *passo* mui certo; por não ser *passarinho* na mão de menino.

— Amigo, não ha cousa como saber o que se *passa* cá por fóra.

— *Passemos* a outra materia; que n'esta, não temos jogo com que nos fazer.

§ 8.º

Em metaphora de falar

— Senhores, vossês *falam* cousas! Não verão como *falam*? Não dêm em que *falar*.

— Não se *fala* n'isso.

— Boa está a *falacia*!

— O senhor *fala* bem: mas que é o que diz?

— Agora ficou elle sem *fala*.

— Homem, deixe-nos *falar*.

— Quem não *fala*, não o ouve Deus; e mais n'este assumpto, que tem muito que *falar*.

— Ora vossê não *fala?* São Luiz, dae *fala* ao menino!

— *Falar* com elle, é *falar* com uma pedra.

— Bem podera vossê *falar*-nos.

— *Falae* ao Motta.

— Eu não sei que gato negro se metteu entre nós ambos; que eramos tão amiguinhos, e agora não nos *falamos*.

— A cantiguinha está *falando*.

— Vossê *fala* por detraz? *Fale* que o entendam.

— Eu sou brando nas *falas;* este é o meu modo de *falar*.

— O seu é de *Sofala*.

— Sim, que elle tem *fala* de cãosinho; que tudo é fula fula; ladra, e nunca filla.

— Vossê fel-a agora boa.

— Encaixe-lhe o *fola*, seja como fôr, que os seus equivocos todos são vogaes, como *vozes* de jumento.

— Ai, que o conheço na *fala!*

— Manso com isso: não lhe torne a dar o ar pela *fala*, e nos *emmudeça*.

— Não quero dar por *ditos:* porém vossê por lhe tardar a *fala*, muda de metaphora.

— Não mudo, porque o *emmudecer* pertence ao assumpto.

— E' receita do Sa-muda para o achaque da *fala*.

— *Bemdito!* Ora *digo*, que é vossê *maldito*.

— Mas não é louvado, como diz o *ditado*.

— Já eu estava meditando n'este chiste nescio; e meu *dito*, meu feito: mas a nenhuma parvoice tenho *contradito;* porque sou tão pouco *ditoso*, que apenas saio com o meu *dito*, logo fico *impedito*, ou imperito, que vale o mesmo.

— Não o *digo* eu!

— Que é o que *diz?*

— Nada, senhor, já me *desdigo*.

— *Diga* isso, que o que vossê *diz*, *desdiz* muito do que nós *dizemos*.

— Deixemos *dixemos;* que é manha de chocalheiros.

— Agora ficou elle como gato com chocalho.

— Antes farei proposito de se não encontrar a minha *fala* com a sua.

— Tem razão, porque póde n'esse encontro ficar sendo a sua *voz* sendo passiva.

— Trampa para *vós*, e para os vossos equivocos. Deixem-me ir para casa d'esta vez.

— Homem, se te vás deitas-te a perder.

— Eil-o com *vozes* vogaes.

— N'essa solfa, sabe vossê melhor quantas são as *vozes*.

— Taes *businas!* Eu vou atroado!

— Vá-se deitar a dormir.

— Dormirei, tios, e *avós*.

— Basta de metaphora de *falar*, e não sei como a *voz clamantis*, e a *voz estis* não vieram

á balha, como o *bemdito* e louvado; e o de *falar* no máo, e olhar para a porta.

—Isso são chistes profanados de quem não faz escrupulo de *falar* seja o que fôr.

§ 9.°

Em metaphora de dormir

—Mas tornando ao proposito, saiba senhor, que quem *dorme*, *dorme*-lhe a fazenda; e por isso, não se metta a Simão-*dorme* n'estes dialogos: ouça, esteja attento, que tem muitas noutes que *dormir* fóra, para saber que cousa é *dormir*.

—Vossê sabe mais *dormindo*, que muitos acordados: mas deve d'estar de acordo que em quanto fala parece que *dorme*, e fala *sonhando;* e saiba, que ha quem *sonha* o que vossê quer dizer.

—Ai *sonhos!*

—Eu estou passado de vêr a frigideirada d'elles, que vossê introduziu d'uma vez!

—Comece vossê já com entrudos, que póde ser...

—Ai, que nos *ronca* de valente!

—Elle é do Roncão.

—Não me pica isso, que *durmo* só: mas saiba, que me atrevo a fazer que *durma* por uma vez.

— Estou ninando com esses ameaços, não deixarei de *dormir* o meu *somno* descançado.

— Já a practica me causa *somno*.

— Pois a metaphora está *sonora*.

— Metaphora de *dormir*, é boa para os sete *dormentes*.

— Quem duvida, que havia de ser uma *sorna?*

— Esta foi a primeira vez que Morpheu estava velando: das parvoices, que se haviam de dizer, tinha eu minhas revelações: mas porém, tanto que vi a metaphora, estive á *vella*, a vêr-lhe o fim; que como é bem veloz o assumpto, se não é isso, nem *vêl-a;* e mais sabendo que vossês me tinham feito a cama, nem por *sonhos*.

DIALOGO SEXTO

Em metaphora de cama

— Pois já que tomou o xarope de dormideiras, espere, *camarada*, que lhe havemos de dar a purga de *camarinhas*, porque falta a melhor *camada* de despropositos, que aturou n'este *camarço* d'anexins.

— Bem sei eu, *qu'amarão* vossês mais que eu me não deite em *cama* até não ouvir tanta tolice que caia na *cama:* mas eu estou de *caminho*, e não quero ir tarde, que se diga que ando mal *encaminhado*.

— Vossê sabe muito, e dorme com a *camisa*.

— Esse anexim é mais antigo, que o grande *Camões*.

— Lá o traz *Caminha*.

— A asneira está *encaminhada*, ou *encamada*.

— Contentou-lhe? Pois é *cá-minha*.

—Victor equivoco! Esse agora, foi de *camello*.

—Dê *cá mão*, irmão, sem ser da *camaldula*.

—Ora basta de metaphora.

—Qual basta, se ella é a mais vasta, que vossê viu? e é força, que seja a practica bem *basta*.

—Tantas *bastas* não tem um *colchão!*

—Pois vossê não *enxerga* tanto equivoco bastardo?

—Esse entre todos merece bastão.

—E ess'outro, não é de *besta*?

—Ahi agora encaixa a bosta; que vossê aonde quer se espoja, e faz a *cama* sem real e meio d'*esteira*.

—Vá bugiar; que eu não me albardo deitado, como diz o ditado; e vossê é que saiu ao *lençol* debaixo.

—Senhores, isto é o jogo da *manta?*

—A pergunta é do tempo da Mantuana.

—Antes ainda anda em *mantilhas*.

—Não me desminta.

—Eu?

—Tanto monta contradizer-me.

—A confiança é já muita: teve o chiste bem pimenta.

—Equivocos vogaes já são suspeitos, mas a que proposito veiu a manta, menta, minta?

—A respeito da *cama;* e tanto montaria dizer *manta*, como *cobertor* ou *colchão*.

—Olhem o sr. *D. Travesseiro*, enfronhado em' equivocos, presumido de sobrado d'elles, que os tem de *cama* como codornos; e em metaphora de *cama*, ninguem tem falado mais *chãmente*.

—Venha vossê por lã, e irá tosquiado.

—Vossês lá tiram palha: deixem-me metter debaixo do roupão, ou da roupa.

—Ha taes tolices! Quer-se esconder em Valle de *lençoes!*

—É um deleite ouvir isto!

—Que dirá o leitor quando ouvir, que sobre o *leito*, se disseram aqui tantas, e taes bebedices?

—Se fôr pio, não as estranhará: e se o não fôr, dirá que foi *cama* de vento, que nos deu na cabeça.

—Agora deitou vossê a *barra* mui longe.

—Não continuemos em berra, e birra, que virá a acabar tudo em borra, e burra.

§ 1.°

Em metaphora de camisa

—Eu me não metto em *camisa* d'onze varas: sem vir o nosso amigo não queria, que me apanhassem em *camisa*, e se fizesse de mim *roupa* de francezes.

—Elle está bem de *roupa* branca: em equivocos n'elle me fio.

— Sim; vossês para esta *encamisada* me convidaram, porque bem sabem que darei a *camisa* pelos ouvir: mas para estas festas, era escusado despertar-me.

— Homem, se vossê não vinha já, faziam de mim *mangas* ao demo.

— Vossê para a minha defeza, vale mais que uma *manga* de mosqueteria.

— Com que, só com o meu *mangalho* se acha vossê bem?

— Olhem o *mangaz*, o pago que me dá!

— Até aqui, meus amigos, vai isso muito frio: necessitam os chistes de *manguito*.

— Ainda agora a metaphora anda com *manguitos*: deixe-a vossê ir remangando, que os equivocos virão ahi pelo *cabeção*.

— Pois dizem vossês algum sotaque, que não seja tão fraca *roupa*, ou abaixe a *fralda*?

— Já vossê metteu sua *nesga*?

— Venha para cá; chegar-lhe-hão a *roupa* ao couro.

— Olhe não leve dous *punhos*.

— Já se põem de *quadrado*.

— Estava para o coser; mas quero cortar por mim.

— Homem, o ponto real do caso está em não haver pontas furadas.

— Sim, que se o negocio sahira a furo, eu estava de caganeta.

— Guarde-se vossê ainda assim d'essas bara-

fundas, que vossê não tem tantas *rendas* para cuidar que não ha mais Flandres.

— O dito está de neve: metta-se hora *entremeio*.

— Não haja mais pegamento por palavras, que se vão engasgando com espinha peixe.

— Já vossê é mui tolinho.

— Eu não lhe falo no dinheiro da estopa: se vossê diz isso *enfiado*, confesse que tem siso de *roca*, e que ficou *confuso*, porque o fiz, como um *sarilho*, andar em uma *dobadoura*.

— Lá se avenham com a meiada: eu não me metto em novellos.

— Já sei, que vossê em vendo que a metaphora vai dando os fios á teia, todo se faz em um novello.

— Eu com receio d'urdir alguma tecedura, que ateasse aqui desavenças, não empenhei o cabedal.

— Bem sabemos, que não quer cag... maçarocas; por isso não come *fiado*.

— Folgo que lá se embaracem; que eu por um triz, que não desconfio; e era capaz de dar dous pannos.

— Agora, quem tem filhos tem cadilhos: vossê não havia de chegar a esses termos.

— É bem tirado das canellas: *fie*-se n'isso, e venha para a rua.

— Como é *ruão!* Não sabe, que isso é pai-

xão de flamengo: que em Hollanda e Bretanha, não se *fia* tão delgado?

— Os portuguezes, por linhagem, lhes vem serem cambrais em pontos d'honra.

— Isso é *cacha:* não cuide que me caça por ahi: vossê viu o fogo perto da estopa: tanto que lhe brindei ao desafio, usa esse termo birbante.

— Pois que queria, que nos descompozessemos? Não basta estarmos em *camisa?*

— Bom *remendo!* Aturae lá esta barrelada.

— Já eu com o sabão vou corando: pois olhem, que sou muito cru: porém se me encrespo, os hei d'ahi torcer.

— Para que? Não ha de mister espada quem mata só com a *bainha.*

— Elle, sem torcer, nem *abainhar* disse aquillo. Vem bater a boa porta! Chegue-se, levará sua lavagem.

— Não diga isso tão enxuto: que ter cara deslavada, não é de quem ao sabbado veste roupa lavada.

— Irra! Roupa ao sabbado! Vestil-a-ha vossê; que d'essa ceremonia usa quem se não lava com quanta agua tem o mar.

— Eu, sem ser Pilatos, lavo minhas mãos d'isso.

— Em boas mãos veiu a dar a metaphora innocente!

§ 2.º

Em metaphora de vestido

—Vossês, tudo é *talhar* metaphoras á medida do seu desejo, para me cortarem de *vestir;* e nunca vem com assumpto, que me encha as *medidas*.

—Uns são assim, outros assim, que não podem ser as *medidas* eguaes ahi gizadas ao intento.

—Não falo senão das que são a *descoser* as *costuras*.

—Se ha panno por onde *cortar*, que muito, que sejamos corta-largo nas satiras?

—Não *corta* por mim essa maxima.

—Bem sabemos, que vossê não se *corta*.

—Porém vossê não se fórra com um santo: quer dizer, e quer ficar *forro*.

—Eu que digo? Propõe-se uma metaphora: faço muito por *entretel-a* com algum chiste ou equivoco bem ou mal *sergido:* mas o senhor, que se faz em quartos por metter como piolho por *costura* uma murmuração; que tanto aperta ás vezes, que *escarça?*

—Não, andarei com a candeia buscando o não fugir do *ponto* atraz, sem ter em que me encostar. A minha prosa ha de ser aberta, mas

que seja a ferro, e fogo, e não a *alinhavar* anexins, sem *sobrecoser* equivocos a *ponto* adiante.

— Dê dous na boca, e veja como se *abotoa*; que vossê passa das marcas em dizer despropositos.

— Isso põe vossê de casa; que em arrimando os pés á parede, aborrece, como moscas.

— Vossê é homem de grande *abotoadura*.

— Ainda a minha rhetorica está em *botão*: se começar a abrir, vossê verá equivocos como flôres, que botam de si suave fragancia.

— Não deixará entre elles, de dizer a sua parvoice *caseira*.

— Senhores, deixem-me ir para *casa*, que certo amigo *casa* hoje: vou-me compôr.

— Olhe o simples! Para isso quer ir a *casa*? Supponha que é mentira, e aqui se póde compôr.

— Deixe-o ir, que elle não faz mais que pôr a *capa*, e *volta*.

— Corpo bem feito, escusa *capa*.

— O seu é mais *capaz*.

— Nada leva em *capello*.

— Quer pôr *capa* a vêr se escapa.

— Esse noivo é capado?

— A noiva o dirá; que em se fazendo á *capa*, saberá quanta valhacaria lhe encobre com a *capa*.

— Vamos a outro capitulo, senhor capitão. Guie vossa mercê a metaphora.

— Deixo-o ir; folgará de o vêr de *gala*.

— O noivo *galla* hoje a noiva.

— Vossê vai de *galope*.

— Isso me *regala*: faça-lhe um *gallo*.

— Pois aonde casa esse amigo: casa cá, ou lá na sua freguezia?

— O senhor casa co'os equivocos, por baixo de *sucapa*: mas se descamba, fica pelo *cabeção*.

— Tem grande cabeça: é grande *cabeção*.

— Adeus, senhores, espero; ou se não...

— Vossê *remanga?* Largue o *canhão*, antes que me *despessa*, se não jogarei d'artilheria.

— E se fôr da *peça*, boa nol-a pregou!

— Deixe-o ir, mas pelas almas.

— Que almas?

— Cá falo com os meus *botões*.

— Se o colher outra vez, ha de levar um *capote*, que ha de ouvir chistes aos centos.

— Eu não solto a *manga*, já que a achei.

— Pois ella está *perdida* com isso.

— Não se faça de côr.

— Homem, de preto é esse termo.

— Ninguem é mais alvadio que eu; tanto sim.

— Nós, não somos nenhuns *droguetes*.

— Bem sei, que são do meu *panno;* mas no melhor cai a nodoa.

— Será no seu, que é baixo.

— Olhe vossê, não o ponha eu razo como

um *setim;* que já o cu lhe estava fazendo *tafe tafe*, receiando lhe chegasse á frisa.

—Esse dito não frisou bem.

—Os seus, que são de frisão, frisam melhor.

—Victor! Esse passou o limite!

—Esse é de *camelão.*

—Bem, senhores *Baetas:* não vão as bestidades fóra de toda a conta, esta manhã: para a primavera tomarão seu verde; veja se o quer mais claro.

—Para azul é o que basta.

—Olhem o *capa* parda entre gente!

—Não o entendo: fala-nos *hyberne.*

—Elle se espoja na lama: parece que lhe torceram o pello.

—Pois eu *pico-te* por te vêr crispão.

—Mui decrepito está isto! São tontices.

—Antes elle se põe á Fernandina.

—E' *chita*, traz trinchetes de trampa; que não ha droga na *Calcetaria*, ou nos algibebes, de que não tenham *desfardada* a metaphora, e feito uma feira da ladra.

—O assumpto está feito em retalhos: pois digo-lhes, que era do cabo da amostra: deixemos a *Calcetaria;* que temos novo assumpto, e que *calça* mais alto.

§ 3.º

Em metaphora de calçar

— Parece, *qu'alça* o desejo a dizer cousas mais *polidas*.

— Algum dia havia o senhor *calçar* com o meu sapateiro.

— Já que quando me apertam, diz que me calo, agora *virá*, se o colhemos *descalço* n'este paragrapho.

— Olhem para elle! Ha dous dias de pé *descalço!* Ninguem, antes d'estes dialogos fazia caso d'elle: já presume de cavalleiro de *sapato* novo, e que *calça* bem por seu dinheiro.

— Não tem razão; que elle é o mais honrado, *qu'alça rabo* n'esta terra.

— E' parente do *calça* larga: mora na *Calçada;* porém está hoje no *Calçado velho.*

— Descosam-se as *pelles*, que eu fórro a minha; e em materia de *solar* de cada um, ninguem se empenhe.

— Não te dêm penas com isso, amigo, que coses a dous *cabos;* e tudo quanto dizes são pulhas: mas ainda eu te hei d'um *salto* chegar ás *orelhas*.

— Como vossê *sá-patinho!* Bote-me aqui um *tacão*.

— Para onde *te viras?* Pões-te de meio *rosto?* Olha que te *tombas*.

— Teve *graxa!*

— Ora vá-se *surrando*, não lhe cheguem ao *cordovão*.

— A agua de *corda-vão* cheirando os seus equivocos.

— Oh! já vossê aperta como *sapato* novo! Parece, que lhe hão de metter a *fórma* em fórma.

— Está mal *informado:* não se metta em debuxos, que me *embezérro*.

— Tire a mão da *faquinha*, que *só vel-a*, me causa medo.

— Não é elle o *cravador*, que dê *furo* aos ameaços, mas que se ponha no *pino*.

— Isso foi *pinote*.

— Só vossê os quer atirar? Chegue-se para o senhor, e achará *fórma* do seu pé: olhe que o farei n'um *chichelo*.

— Elle ainda póde romper umas *solas*.

— Outro officio; basta de *cerol*.

— Seja cero, ou *cerol*, ou ceral, isto não é falar sério.

— Não vem o cebo com seus pós presumido de *man-cebo*, escudeirando-nos? Quem o vira posto á *fiveleta*.

— Eu não me metto com isso: só sei, que anda com duas *meias* irmãs.

— Já sei; com as mulatas, *meias brancas*, *meias pretas*.

— Eu ouvi dizer, que eram *fradescas*.

— Coitado do homem, que pare!

— Oh homem! Vós com ellas *Paris?*

— Tomára vossê conceber *meias* canadas.

— N'isso entra vossê de *meias*.

— Vossês postos a *meiar*, e o melhor lhe escapa das unhas.

— Quem? Aqui o amigo? de rolo: elle está pelo *cabrestilho* para escapar pela *malha*.

— Má hora.

— Sim, mas emquanto vossês lá *malham* uns nos outros, já eu cá cego, que estou tomando o *ponto* ao assumpto.

— Pois ainda não tem tomado o pé?

— Eu estou de molho.

— Não está d'aqui uma milha, quem me ha de vingar: venha a melha e a molha, que são os seus vogaes, em faltando a *malha*, e a *laia*.

— Se fraqueja a metaphora, *alae-a* lá.

— Alguma se ha de *atear;* cá não ha quem *ceda*.

— Pois que rumo seguimos? Que é da *agulha?*

— Se é a das *meias*, não está em França, pois deixa o norte.

— Já não gosta d'*inglezas*, que já foram das duzias: agora é dos *pares*, e n'isso é que as *meias* andam como os frades.

— Vossês apostados a *sergir* algum equivoco

sobre as *meias*, vão *palmilhando* fóra do intento, e não o encontram.

—Agora não; pois que o poupam; *sapato* velho, roto ou são, mais vale no pé que na mão.

—Isso é anexim?

—E', e de *molde*.

—Agora lhe asseguro, que não ha quem com o seu ingenho meça a espada.

§ 4.°

Em metaphora d'espada

—Quem duvida que é mais da *marca?*

—Antes vossê para mim sempre está com a *espada* na mão.

—Que é isso! Sahiu *d'espadas* o trumpho? Pois o quinto, era jogo mais proprio.

—Isso não vai a matar por força da metaphora: queria com o senhor jogar duas mãos *d'espada preta*.

—Pois se o senhor se mette no meio, será arrenegada a *esgrima*.

—Eu não tracto com mouros, nem com mulatos, como vossê.

—Ainda lhe lembram as meias pretas? Já vossê m'as *atira* de morte! Eu ainda não metti mão á *espada*.

—Eu com a branca me quero: não seja

meu verdugo, sabendo que sou *folha* velha, e que sei cortar.

— Que é *catana*, isso é velho: mas contra a sua loba tanto montaria virar-lhe o *fio*, como tapar-lhe as *bocas*.

— Não entendo: está o *fio* embaraçado.

— Desate-o com os dentes; senão aqui tem a minha *espáda*, que é uma serra.

— Para esse negocio, será o senhor um Alexandre: a minha *folha* basta, que é de prova.

— E ella anda corrida em seu poder, nenhum escrivão dará fé, que lhe viu fazer sangue, por mais que ande em bocas do mundo.

— Não me póde esquecer aquella noticiasinha do nó gordio.

— Pois tão gordos somos nós d'entendimento, que com a penna, melhor que com a *espada*, não saibamos as idas e vindas, talhos, feridas, revezes e contras de qualquer metaphora, por circulos, angulos rectos e obliquos, como os mais dextros anexiristas? Aqui *cortando* com a satira; ali com a murmuração *estoqueando*, acolá *ferindo* com o logro, cá com o chiste dando *panasios*, e finalmente, com o *donaire* do equivoco, e com a postura, e compostura da allegoria.

— Basta, senhor; vossê em campo *esgrimindo* com a *espada*, olhe não lhe quebre os *espelhos!*

— Não me quebre vossê os olhos, ou me

tire algum com essa *estocada*, que eu bem sei que esta casa é *de esgrimidor*.

— Espere, que eu lhe saio ao encontro.

— Traz saia de malha, ou fia-se na coura?

— Para apartar, aqui estou eu.

— Pois guardem-se; que tambem eu vou com o meu *montante;* e será jogo a aporrear.

— Se ha de haver porradas, eu tomo a minha pelos *copos*, e sobre a *maçã* não assenta mal.

— Melhor é a minha ao intento, que é costa de vacca; e sobre uma posta de vacca é que é o brindar.

— Eu cuido que sobre queijo; que esta bulha me parece de flamengos.

— *Embainhemos;* que eu sou amigo da saude, e sou *deixa-bregas*.

— Bem diz o senhor, que a pendencia é de hollandezes, que acabou na taverna.

— Essas acabam aonde começam: mas a nossa foi acabar em Xabregas.

— Pois vossê não vê, que o senhor sendo um cotó, tem a *espada* tão comprida?

— Já os dentes da minha se vão *embotando* com esses comprimentos.

— Em peixe *espada*, enjoar não é novo.

— Ora senhores, deixemos a metaphora da *espada*, que me doem já as espadoas de tanta *espadeirada*.

— Sabe vossê que cousa é *espadeirada?*

— É *espada* dourada.

— Essa é outra casta de peixe.

— Deixemos a *espada-chim*, mas falta a *espada* solta.

— Ahi está a sua lingua, que o é bem.

— Tambem temos linguados? Haverá chopas, espadares, prégos e agulhas; e virá o mar feito ferro velho com quanto peixe houver.

— E é verdade, que acabando o assumpto na adega, em todo elle senão boliu com *adaga*, sendo cousa, que usam os principes.

— Pois parece bem um homem com os arames atravessados, mui direito.

— Antes é rapazio, e bom para marabutos.

— Manuel da Adaga, só em Alfama.

— Cada um come do que gosta.

— Da adega gosta vossê, que o vi est'outro dia todo arrodellado com a lanterna feito Marcos, juiz da taverna.

— Temos justiça? Havia d'acudir á bulha: aqui acabou a pendencia.

§ 5.º

Em metaphora de chapeo

— Vá-se já embora a metaphora de Marte, ou do diabo; que se outra vez a encontrar em conversação hei de lhe tirar o *chapeo*, e ir-me surrando.

— Cuidei que dizia, que lhe havia de dar duas *chapeletas;* que vossê é *chapado.*

— Ah! *Chapuz:* já vossês cá estão?

— Vossê, deve vir em *chapins,* por isso tardou.

— Agora, é que estava vendo jogar as chapas a certos amigos de *chapeo:* tirei o meu, e vendo aquelles lances, estive em empenhar a capa, e metter meu resto: um d'elles estava de *barrete* fóra rachando as *mitras* ao parceiro; e eu bispando-o.

— Pois não se lhe *encasquetou* provar a mão?

— Qual *carapuça!* Bem queriam elles metter-se de *gorra* comigo: mas eu não lh'o levei em *capello:* fiz-lhes minha *barretada,* e vim-me saindo.

— Pois que metaphora temos?

— Uma senhora mui de campo, com seu *chapeo* de plumas, toda guapa.

— Irá para alguma romaria?

— Se fôra para Roma iria de *barrete* de cardeal, e não de *chapeo.*

— Tambem para Turquia se vai de *barrete* vermelho: mas ella em campo com *chapeo* de sol, vai mais a proposito para a sua belleza.

— Indo de monte a monte, a formosura *monteira* não lhe havia d'estar mal.

— Seja ella Menga, ou Martha, leve *martemanga,* ou leve *chapeo* de tres ventos em a cabeça; e eu já com metaphoras? Nem *chapeo.*

— Metaphoras eu? Para onde o frade deita o *capello*: olhem o senhor o que nos havia de trazer!

— Senhor é Deus, cubra a cabeça.

— Olhem que se vai, sem tirar o *chapeo*.

— Deixal-o: não havemos de deitar *capuz*: que temos nós com o seu *chapeo*?

— Bem sei que não é de *castor* como os seus; porém, não é porque eu não tenha *chapeo* sobre *chapeo*, e *chapeo* de fino panno.

— Victor! Esse anexim, já não tem mais que o *casco*.

— Se elle era um tono de cebola, que podia durar?

— Tem muitos d'esses?

— Direi, ha ahi *chapeos* cheios pelas abas.

— Esses são de telhas acima, como *chapeos* de telhado.

— Gabe-o vossé agora, que elle arrebitará o *chapelinho*, e se porá comnosco á Scomberges.

— Elle é anexirista d'arromba; traz *chapeo* d'abalroar.

— Girio equivoco de *gabeo* esteve aquelle.

— Seria chochorrobio, como os seus.

— Os meus são de *copa* alta.

— Que importa, se são de *chapeo* suado lá do tempo de Portugal, o velho?

— Não andam esses hoje d'aba cahida, que equivocos lá do tempo d'el-rei Bamba, se tra-

nem hoje por *chapeos* da moda; o ponto é dar-lhes uma côr, e ficam como novos.

— Os *sombreireiros* das metaphoras fazem isso com um assopro: como é gente, que está perto do Tronco, parece-lhes que estão á sombra do Limoeiro e colhem fresco.

— É que se abanam ao disfarce com os *chapeos*.

— De que *sombreireiros* falam vossês?

— Dos metaphoricos.

— Pois para que é metter os outros na conta com os anexiristas, equivocando diabos tintureiros com gente branca?

— Todos são uns: todos dão sua côr aos adagios, que parecem chistes pintados.

— E todos merecem ir para o Tronco, ou para o Pé do Anjo.

PARTE SEGUNDA

PARTE SEGUNDA

DIALOGO PRIMEIRO

Em metaphora de Deus

— Porque aos anexiristas (que em materia de metaphora não conhecem a *Deus*, nem a Sancta Maria) não escapa tribuna ou altar, veremos se agrada a sagrada metaphora de *Deus*.

— Já o senhor nos vem com salvos-conductos: o ponto é não dizermos n'este assumpto cousa, que a tão soberano objecto offenda.

— Senhor é *Deus*, cubra a cabeça: pois não é arrojo temerario formar allegoria de subjeito tão soberano?

— Encommende-se a *Deus*, que é sancto velho; que nós não formamos metaphoras, mais que dos anexins, que a nescia vulgaridade inventou sobre materia tão digna de todo o respeito.

— Lá se avenha *Deus* com o seu mundo; não façamos nós o mesmo.

— Que é fazer o mesmo? Em nós não inventando novos anexins, estamos como *Deus* com os anjos.

— E que anexins ha sobre esta materia ou metaphora?

— Eu não sei, assim eu seja de *Deus*.

— *Deus* é grande, e sigamos a metaphora, que não hão de faltar.

— Se forem poucos, o pouco com *Deus* é muito.

— Assim é: quem com *Deus* anda, *Deus* o ajuda.

— Eu que tenho com isso? Ajude *Deus* a cada um.

— Tambem *a judeus?*

— Vá com *Deus* senhor enforcado.

— Já vossê começa com as suas! Como creio em *Deus*, que hão de dizer alguma parvoice: falemos em coisas de *Deus*, e na metaphora a *Deus*, e vejamo-nos.

— Vossê é muito temente a *Deus*.

— É uma alma de *Deus;* furta o porco e dá os pés pelo amor de *Deus*.

— Homem, sempre fui amigo de dar a *Deus* o que é de *Deus*, e a Cesar o que é de Cesar.

— Em quanto falámos profanidades, ninguem como eu disse quatro parvoices; mas

n'esta metaphora receio: porém vamos em nome de *Deus* amen.

— Isto é escriptura?

— E sagrada, quando menos.

— Pois eu começo, irmão: lembre-lhe o nome de *Jesus*.

— Ainda não estou em artigo de morte.

— Não, mas veja que se mette em grande perigo de vida, tracte de fazer *testamento*.

— Isso é *velho*: no *novo* quero eu viver e morrer.

— Digo que vossê é eterno: acaba de dar principio á metaphora, ou não?

— *In principio creavit Deus*, ou *erat verbum*.

— Tão longe lhe vai buscar o principio?

— É porque de *verbo ad verbum* a quero esquadrinhar toda.

— Isso será uma eternidade, e um nunca acabar, como creio em *Jesus Christo!*

— Crê vossê tambem em Poncio Pilatos?

— Vossê deve estar com o sangue de *Christo*.

— Antes estou já de fel e vinagre; porém por lhe dar gosto vou com esta *cruz* á Graça, e quiçá fazendo *cruzes* na boca.

— De vossê farei eu o signal da *cruz!* Não me disse vossê, estando eu esta manhã no *cruzeiro* de S. Domingos, encostado na *cruz* da espada, que tinha ido a casa de *João da Cruz* [1] com outro amigo, e que tinham comido ambos

[1] O pasteleiro da Inquisição.

um *cruzado* de pasteis, e bebido outro de vinho?

— *Cruzes!* Eu me benzo, *de inimicis nostris libera nos Deus noster.*

— Vossês não acabam de começar a metaphora? Eu tenho que ir d'aqui á *Cruz de Pau.*

— E eu ás *Cruzes da Sé.*

— Pois eu não tenho que fazer, vou-me á *Cruz de Cataquefarás.*

— Pois eu ainda estou na *Cruz da Esperança* pela metaphora.

— Ahi está a *Cruz dos Quatro Caminhos*, e cada um siga o seu.

— Não sou amigo de *encruzilhadas.*

— Siga-me, se quizer, *tolle crucem*, que nos meus passos não se ha de perder.

— Seja pelo amor de *Deus:* mais passou *Nosso Senhor* no Algarve.

— Ora todos estamos muito bem sangrados.

— Vossê armou o seu molho, e está como uma roseta.

— Ai o senhor, com bola de vidro!

— Senhores, vejam que estamos na semana sancta, não falemos despropositos.

— Eu já digo, que vou dar trevas a outra freguezia.

— Vá, antes que d'aqui leve algum gallo.

— Vossê com mão de Judas? Pois ha quem o possa vender.

—Isso é a desesperação de Judas: ora não se vá, meu mano.

—Elle com beijo de paz! Já sei que é logro: vamos, amigos.

—Pois assim arrodelados? Parece a prisão de *Christo*.

—Por vossê se póde dizer: *relicto eo omnes fugerunt*.

—Só quando me veem nas glorias do Thabor, vossês me acompanham, e querem fazer seu tabernaculo: agora que me veem com a metaphora agoniado é que me deixam.

—Tememos que vossê nos pegue o calvario.

—Não, por certo; esperem, verão as alleluias, em ellas apparecendo.

—Eu não vi as amendoas, e já nos convida com os folares?

—Nem eu o pão por *Deus*, mais vejo-me em quaresma.

—Pois vossê quer folar, vá ter com a sua freira.

—Essa não sabe mais que esfolar, e se lhe pedem alguma cousa, *nolli me tangere*.

—Eu fizera-lhe papel d'Ascensão.

—Escuso paracleto, eu bem sei o que lhe hei de fazer.

—Descer aos infernos por ella.

—Cousas dizem vossês, que não estão na cartilha, porém são confianças da escola.

—É verdade que andámos na mestra.

— Ambos podemos ser mestre-escola da Sé.

— Senhores, estes mandamentos se encerram em dous: ou vejamos como se ha de dar principio á metaphora, ou fiquem-se com *Deus*.

— Ah senhor, encommende-nos lá em suas fracas orações.

— Quando *Deus* não quer, sanctos não rogam.

— Bellamente disseste, menino: quereis camaldulas ou veronicas?

— A sua de vossé póde metter medo aos meninos.

— Olhae não leveis canada.

— Como apostolo a toma vossé bem.

— Vossé não é evangelista: póde dizer o que quizer.

— Amigos, eu fôra de parecer que deixassemos a metaphora, que é perigosa entre anexins: vamos a outra cousa.

— Vá para o céo.

— Melhor fôra tractar d'ess'outra.

§ 1.°

Em metaphora de céo

— Ora já que quer, e é gosto *seu*, que tractemos do *céo*, permitta o *céo* não lhe occorra anexim que dizer, para que não cuspa para o *céo*.

— Eu erguerei as mãos para o *céo*, e vossês tenham paciencia, que com ella se ganha o *céo*.

— Quem o vira no *céo!*

— Pois agora que a metaphora está que parece um *céo* aberto, nos deixa vossê com os olhos no *céo*, e mostrando o *céo* da boca! Não ha um pedaço de *céo* velho, que lhe caia na cabeça?

— Quizera elle, que choveria o *céo* do seu ingenho equivocos, que seria um diluvio!

— Oh se cahira o *céo*, matára as cotovias.

— Não estou para isso, que se eu estivera de vez, a vossês se lhes abriram as cataratas.

— Isso agora são pataratas: se vossê estivera no *paraiso* mais estivera com o bocado que com a vez: ora faça por chover alguns equivocos, que quando sua o *céo*, e os anjos mijam, me metto eu a vêr chover debaixo do *sobre-céo* da cama.

— Bom desatino!

— Ora digam, senhores, qual foi o primeiro mobil d'esta metaphora? que me parece cousa vinda do *céo*, mas tão longe estou da metaphora, como do *céo* a terra?

— Eu te digo, metaphora, que *és fera*, pois por mais que o meu ingenho corra comtigo, e eu me remonte, não posso chegar-te.

— Não se metta vossê a Icaro, que lhe custará caro a subida, e se arrisca a cair d'alto.

— Essa seria uma do diabo!

— Esse foi como alma que cahiu no *inferno*.

— Olhe em que vem a parar todas as cousas e glorias da vida!

— Começou a metaphora no *céo*, e veiu a parar no *inferno* comsigo.

— Não dê ella lá comnosco, que póde levar todos os anexiristas.

— Com isso podem as metaphoras, pois como innocentes em poder d'elles, nem pretendem gloria, nem teem pena, porque estão como no limbo.

— Tambem elles em poder das metaphoras, que seguem, conseguem a gloria de discretos, sem receio da pena de satiricos, quando não de faladores.

— Com isso abysmo eu; que digam quanto querem até deixarem á porta *inferi* uma metaphora, e não clame ao *céo* a sua innocencia.

— Não murmuremos nós tambem d'elles; deixal-os: quem se metter no *inferno*, metta-se bem para o fundo.

— N'esta metaphora não cabem os anjos?

— Cabem os bons e os máos, que para tudo ha logar.

— Vamos a outro paragrapho, que eu n'este fiquei anjo.

§ 2.°

Em metaphora de anjos

— Se ha de ser seja breve, que eu tenho de ir á *calçada da Gloria*, e d'ali aos *Anjos*.

— Tambem eu tenho de ir ao *Paraiso*.

— Vão vossês, que eu com o meu amigo *marmanjo*, fico como Deus com os *anjos*, que é um *anjinho* na condição.

— Fica-lhe bom *anjo* da guarda.

— Quem o duvida? Que elle não tem nada de abrasado, que se é da *guarda*, é por ser frio nos seus dictos, não porque os seus dias sejam de *guarda*.

— Vossê falou agora pela boca do *anjo*: isso de ser abrasado *será-fim*, sem fim em o seu amor, que elle quer-lhe por ser vossê na gentileza um *seraphim* feito pela mão dos *anjos*.

— Diz vossê papos de *anjos*, que são melhores que bocados d'ouro.

— Affirmo-lhe, que tem *intelligencia*.

— Vossês lá se entendem por conceitos: ainda que eu como homem seja capaz de comer pão dos *anjos*, não commungo nada de quanto vossês falam; fica-te embora, casa, os *anjos* fiquem comtigo.

— Aonde vai, senhor?

— Vou-me até *S. Miguel d'Alfama*, que me

prometteu um amigo uma posta de *peixe anjo;* não quero que diga *volaverunt*.

— Esteve bem azado o equivoco.

— Eu sei, que vossê ficou de *aza* cahida: pois creia que não é chasco, que tenho um cantaro de vinho para lhe beber em cima, que cantára qualquer *anjo* com elle.

— E como está ancho!

— Sempre as suas metaphoras vem a dar n'aquillo.

— Pois que quer, nem sempre havemos de ser *anjos* patudos, que nem comem, nem bebem.

— O não comer é para os *anjos* parvos.

— Sim, mas em metaphora de *anjos*, ha de se falar em comer?

— Nunca vossê ouviu dizer, encarecendo um guisado, que os *anjos* o comeriam?

— Isso é encarecimento, os *anjos* sustentam-se em vêr a Deus.

— Quando eu tenho fome, e acho que comer, vejo a Deus pelos pés.

— Ora é bem *marmanjo!* Não sabe que a occupação dos *anjos* são musicas e descantes, que por isso a jerarchias se chamam *coros?* Agora me lembra que passou vossê hontem á noute com o descante: vá em desconto dos meus peccados.

— Homem, tudo foi com o *diabo*.

— Não sei que *diabo* foi aquillo, que se lhe

metteu o *diabo* na cabeça em desconfiar; foi o *diabo* na festa.

—Eu, tanto que vi, que ia o *diabo* em casa do alfacinha, e que só o *diabo* o podia aguardar, fui-me surrando.

—E tanta foi a pancada que se jogou, que tudo foi com o *diabo*.

—Não nos contarão vossês esse caso, que sou tentado com o *espirito da morte*.

—Não houve morte.

—Isso é o *diabo*, não haver morte!

—Ora o *diabo* é negro: morte! Arrenego do *diabo*.

—Ainda assim o homem é o *diabo*.

—Sim?

—Chegue-se para cá, póde ser que o leve o *diabo*.

—Homem do *diabo*, conte vossê a historia.

—Isso é o *diabo*.

—Que *diabo* é isto?

—Não tinha o *diabo* mais que fazer, que metter-nos n'estas historias: parece cousa do *diabo*, que querendo ouvir uma cousa, o *diabo* o estorva.

—Dê vossê ao *demo* a historia; vamos a outra cousa.

—Vamos com a procissão. Lá vai o *diabo* na dança com as bexigas.

—O *diabo* bexigoso é aqui o meu amigo.

— Vossê, que tem cara do *diabo*, o poderá ser melhor.

— Ha taes *demonios*, que nem deixam contar a historia!

— Eu me benzo de vossês como do *diabo*.

— Já isso me aborrece mais que o *diabo*.

— Vossê metteu-se-lhe o *diabo* no corpo com a historia: mas que dê um membro ao *demo*, não a ha de saber.

— Cruz, *diabo!*

— Jesus, nome de Jesus! *Vade retro Satanaz*.

— Ha tal metaphora! Ella me parece alma em juizo com *anjos* d'uma banda, e *diabos* da outra; pois é a primeira vez, que em metaphora se viu juizo; que primeiro se ha de acabar o mundo, que lhe venha o dia de juizo, a quem disser anexins, ou seguir metaphoras.

§ 3.º

Em metaphora de fogo

— Agora com mais *desafogo* contarei eu a minha historia. Era pois o caso, que em uma *calmosa* tarde do verão passado, estando em uma quinta com uns amigos, confesso, que em lida d'amor, foi a primeira vez, que me *suou* o topete, e me vi em *suores* de morte á vista d'uma belleza tão *sua*, que fazendo-se de mim senhora, não só me *acalmou* toda a liberdade,

que corria *exhalação*, senão que me *calmou* á parte com todo o rigor de seus desdens; eu que sou *fogoso*, ainda que até ali se podia por mim pôr a mão no *fogo*, em materias de namorado, com aquelle *suor* fiquei purgado de toda a isenção, e tomando *fogo* d'afogadilho, me vi de repente *afogado*, sem poder tomar *fogalaça*, por mais que quiz saltar a *fogueira:* em fim me arrojei com o *fogo* no rabo, a todo o risco, como se o *fogo* d'amor fôra *fogo* vistes; agora sinto, que me tem a graça custado cara como *fogo*, pois podia eu a *fogo* lento procurar afago, e não fazer com que me salte o *fogo* nas barbas, que por vêr *arder* as de meus visinhos bem podia deitar as minhas de remolho, como lá diz o dictado; mas disse comigo, se amor me *chama*, que a formosura é *chamariz* de amor, que importa, que mariposa me entregue á *chamma;* e affirmo que estava na *chaminé* de querer bem *acceso* o desejo; porque n'aquella sezão, não me lembrava o mal que fazia, e dizia, quando mal nunca maleitas; porém não ha que despresar pequena *faisca:* é achaque contagioso o amor, pega em a *isca* do agrado, e communica o contagio, deixando o coração *iscado* da doença, talvez porque o pexote do intento come a *isca* da gentileza, atura a *bucha* do desengano.

— Diga-o eu, que *ardendo* na febre do querer, como estava sezonado, á primeira sezão

cuidei de ficar em tal estado, que cahisse em cama de maduro, presumindo, que se amor com amor se paga, e com desdem se *apaga*, seria facil com uma bochecha d'agua apaziguar-lhe o furor, que colerico incitava em meu peito; mas enganei-me, que amor como deidade, ainda que é menino, é filho da formosura, a qual tem por attributo *accender* o agrado, e sae a *acha* á facha; por isso digo, que toda a minha liberdade ficou em *calmaria*.

—Maria, se chama essa senhora?

—Qual Maria, nem qual alforges?

—Vossê vai por esta *calma* tão de jornada na sua historia, que nem lhe disse o nome, e imaginei que debaixo da metaphora ia equivocado a continuar a historia; que quem se *queima*, alhos come, e o senhor deve querer bem a alguma Maria.

—Vá em *quente*, que áquelle *foguete* eu darei a resposta. Estava eu como digo, com o rabo entre as pernas, receiando que a minha pretenção fosse do ar, não sei se com algumas lagrimas fazendo *buscapés* de humilde, e *rabiando* por um aceno, em uma *roda* viva o desejo; e quando quiz fazer da fineza montante, tanto montou como nada, porque apenas aquella salamandra, que ao meu *fogo* se conservava illesa, teve *lume* da minha inclinação, feita uma *braza*, dando a entender lhe dava o *fumo* do *murrão*, fez a ida do *fumo;* busquei assim

por *fumos*, traços de lhe communicar o meu *fogo*, indo-lhe pelo rastro, rastejando a dar-lhe noticia d'elle: quem? corresponder-me? como o *fumo;* favor seu? nem *fumos* d'isso; não sei como em tal accidente com puras *fumaças* pude tornar a mim! Pois ella como um *corisco*, quando eu esperava me *relampaguejasse* algum indicio de serenidade, o *resplendor* de sua gentileza, fez *raios*, sem deixar sair á *luz* um amor tão intenso, que com linguas de *fogo* desabafava em Etnas de suspiros; porém como em meu peito evaporavam Mongibellos de *incendios*, phenix no *crisol* do amor, das *cinzas* frias renascia a affeição cahida, de qualidade que, desfazendo-se o coração em *cinza*, mariposa de tão brilhante *antorcha*, o mesmo era estar a *vêl-a*, que ficar rendido *brandão*, todo de cera ao rigor de seus desdens, entregando-me voluntario ao sacrificio, prestado na *ara* do rendimento d'*illustre*, com *luzes* do sepulcro, em que por holocausto me offerecia á morte; e ella, a *bugia*, cada vez mais isenta! Eu deixar de querer-lhe? De *rolo* não; que ainda que me visse com a *candêa* na mão a fio e *pavio*, a havia de amar, porque o meu allivio era por seu respeito ter o descanço da *alampada*.

— Bom pinote!

— *Disparou* lindamente; já eu estava á mira a vêr o ponto, em que desfechava a historia, e

como o senhor não tinha atirado nenhum, me admirava, porém veiu a rebentar n'este desatino.

— Homem, fui-me pela *escorva;* que quer vossê, se eu estava um perro á vista de tal pederneira, *fuzilando* iras, e por não poder com a carga estava *embuchado* até que rebentei pela culatra, por não poder pregar-lhe outra *peça*.

— É vossê umá joia, tem acarretado equivocos d'estrondo; a polvora é bombardeira, e acabou d'estouro com o seu despropositosinho.

— Se assim não fôra, com a polvora surda estaria um *morteiro*.

— Ora continue.

— Gato *escaldado* da agua fria ha medo: não quero dizer outro equivoco, que vossês logo me atiram com a munição grossa do logro: pois tinha minas d'elles a que dar *fogo*, e por melhor estilo.

— Esses sim, que haviam de vir pelo *alambique*.

— Vossês deitaram-me agua na *fervura*, e é caldo requentado.

— Ora vá, abane o *fogareiro*, *aqueça*.

— Não, que está já mui trepido e tepido o discurso.

— *Hombre esso te pido*.

— Vossês cuidam, que a tabaqueação é *carvão* de saccaria? Teem-me feito espirrar, senão eu saccaria tantos equivocos, que vossês se coses-

sem comsigo mesmos de pasmo; mas emquanto tiver *lume* no olho não me ha de succeder outra.

— Bem sabemos de que genero é *carqueja*, e que vossê pelos seus anexins é bem conhecido nas barcas do *tojo*, e os tem de *sobro*, porém a bom *mato* vem fazer a *lenha*.

— Com isso me mato eu.

— Eu com isso me não metto, mas quizera ouvir o retrato d'essa dama, por alguma metaphora.

— Seja pela da agua.

§ 4.°

Em metaphora de agua

— Senhores meus, se me chamarem pintor *d'agua* doce, por ser tão ensosso o retrato, que pinto d'uma formosura, onde ha pilhas de graça; digo que cara a cara me pilhou a occasião desapercebido de chistes, e me custará caro o retrato, porém já me retrato, que n'este *mar* de gentileza ha de ser o sal da graça, e mais que me faça um *pinto*, quero vêr se o pinto com graça, arrojando-me a *nado*, porque a *nada*, nada sahirá o painel a fresco, já que não é salgado o debuxo, em que agora me metto. Era o cabello um *rio* d'ouro, porque o *rio* Douro, em sua comparação me *rio* eu que lhe

chegasse ás *fontes:* espraiava-se pela branca testa, que caes de prata, lhe diria: [1] já cahis no que fazeis, até agora mui teso e crespo presumindo de bravo, uma *onda* se vos ia, outra se vos vinha, agora porque vedes me não fazeis *arear*, já não *espumaes:* já vos deitei *agua* na fervura, e experimentaes, que quanto mais colerico vos mostraes, mais fria no caso me vedes: sou muito lisa, não me dá d'essas inchações, e se vos acreditaes de berço e tumulo do mesmo sol, e tendes n'elle as costas quentes, eu sou de *neve*, em mim nasce e se põe a propria aurora. E que diria eu, lançando a este largo *mar* os olhos, que feitos dous anneis *d'agua*, porque todos vão dar ao *mar*, e se engolpham entre os céos: quem te mandou coração *deslavado* (dizia comigo) ir-te como um damnado ás *ondas?* Amaste a quem não sabias se te amaria, e tu muito *enxuto?* Querias *lavagem?* Ficaste preso á *corrente:* pareceu-te a *maré* de rosas? E ficaste encravado: não vos lavaes com quanta *agua* o *mar* tem; não tiveste *lavadente*, e lá vai a liberdade pela *agua* abaixo. Não sabeis, namorado coração, amante desejo, que são *marés*, e que aqui vos não quer o *mar?* Emfim, tornando ao cabello, que sobre a testa se *entornava*, ficou ella mui *concha*, e

[1] Parece acharem-se aqui viciadas as copias de que nos servimos: porém não as achámos melhores.

(Nota do editor.)

elle mui embuziado, e porque no *mar* d'este cabello, por maravilha se vissem tambem caracoes, começou a empolar-se, e a formar das *espumas* louros caramujos d'ouro: estava mui testa a crystalina praia, congelando *aljofares*, e enfiando *perolas*, fiada nos *orvalhos* da aurora, e eu que em o *mar* via naufragar o amor, sem procurar o porto da candida testa, dizia: quem o *mar* gaba não tem visto a praia, porque o que ali amargava, aqui com maior razão *amar* gaba. N'esta praia é que a graça *chove* das tempestades d'aquelle *mar*. Ia amor pescando em as *aguas* envoltas ao desejo, que em voltas se via pelos cabellos nas tranças, porém n'esta praia achou dous arcos com que mais a seu salvo dava caça ao coração, que desparando flechas o penetravam pestanas das mesmas sobrancelhas despedidas, e armando na bonança maior guerra, mostravam a paz e introduziam *diluvios*. Agora entendia eu se me tirasse a *nevoa* dos olhos, pois *choviam* agrados se Deus dava *agua*. Porém pondo-se-me uma *nuvem* negra no coração, fiquei por essas *nuvens*, que até ás *nuvens* me subiu o desejo. É possivel (admirava eu) que estas duas meninas sejam mães *d'agua?* Tão meninas e prenhes, não se pejam? E por mais que despejam não cessam de deitar *agua* no mar; de *balde* me não pareceram dous caldeirões, que da *cisterna* do peito tiravam *agua*, como de poço sem fundo, nem

posso crêr outra cousa, porque como as alvas eram auroras, toda a manhã se estiveram meus olhos equivocando se symbolisavam em aquella tarde onde taes auroras madrugavam a communicar-me o *rocio*, com *chafariz*, e tudo.

—Ahi *chafariz?*

—Pois não! Se rebentando em dous olhos *d'agua*, que aquellas alvas, não por estanque, senão a granel me influiam, acabei de vêr os *canos*, por onde aquillo vinha; os aqui d'el-rei, que eu em meu peito sentia, não menos que o *chafariz d'El-Rei*, com toda a *Ribeira*, me communicaram aos olhos; n'este caso não pude ter as *aguas*, e disse: coração, desejo *sede* comigo, que nem com toda a *sede* ao pote; vós bebeis por estes olhos o pranto como um pucaro *d'agua*. Ide fazer *aguada* áquella ilha, que entre os dous *mares* vermelhos das nacaradas faces apparece; bem em direito do nariz estão duas minas encobertas, mas vêde que ha gostos *aguados*, e se vos parecer *maré* de rosas...

—Oh! temos nariz de alambique!

—Sempre vossê está com a caninha na *agua*.

—Ora deixe-o vasar, que em despejando o retrato de todo, tempo haverá para glosas e romances, por estarem as *aguas* mais serenas.

—O senhor não bebe na Hipocrene, senão em a vêa da *agua* onde a poesia mais *murmura*.

—Senhor, vamos ao retrato.

— Tantas vezes, senhores védores *d'aguas*, vai o pote á fonte, que d'uma vez quebra.

— Vossês cuidavam achar em mim *agua*, e tapam-me os diques, hão de ficar ás seccas; pois já que eu trabalho n'esta pintura a secco, ao menos não me estorvem; que não basta a *agua* ser pouca, senão turva!

— Não diga tal, que vossê em a testa da sua dama tem o *chafariz da Praia* com *agua* bastante e clara.

— Tão carrancuda será ella, que tenha testa de *chafariz?*

— Não o digo por isso, senão porque o seu entendimento lhe rebentará pelas *fontes*, e accrescentará o *discurso* do seu amante.

— D'esta sorte quando elle lhe debuxar os braços, maior será o concurso das *aguas* em dous braços de *mar*.

— Continue o retrato, que quero já essa ninfa feita *lympha* em a sua pintura.

— Estava eu divertido á borda da *agua*, que parece palhetão de prata bordando a primavera, em quanto vossês lá não largavam a palheta; porém os pinceis já se vão gastando, e eu agastando se me não deixam. Em a boquinha d'esta formosura imaginou Cupido de ser cuspido, e não se enganava, que é neto das *espumas*, e Venus da saliva do *mar* o engendrou; porém cada perola que esta filha da aurora entre conchas de *madreperola*, e risos de

coral, a vara descubria, fazia ao mesmo amor andar á vara sem achar fundo em tão recopilado *pégo*. Eu a contemplar como em tão breve districto podia reduzir-se o *Oceano*, e produzir-se tanto *aljofar* e tanto rubim, e affirmo que me deu *agua* pela barba, pois me mostrou a cova, em que cabia todo o *mar*. É remar contra a *maré* n'esta *baixamar*, não nego que me anego a achar na pintura côr-cova tão linda: será ir ao *mar* buscar laranjas.

—Na barba cor cova? É a primeira vez, que o ouvi dizer: e se o nariz não fôr da China, seja a barba bical.

—Ora o retrato é *d'agua*, e não lhe metta equivocos d'outra metaphora.

—Continue, senhor, é força d'empresa: ainda que as *aguas* corram com violencia, vamos arriba até arribar ao fim do retrato.

—O pescoço, Athlante de toda esta esphera *aquatil*, ou céo das *aguas* sobre Alpes de neve sustentava com *agua* tão admiravel globo de caramello.

—Sustentar com *agua* não me causou espanto, que é elemento a *agua*; com pão e agua ha quem jejua. Intoleravel penitencia! Que fará com *agua* sómente!

—Essa é d'este retrato do *mar* a maravilha, porque eu vi-lhe a garganta *mar* tão dilatado, e estreito, que nada lhe passava pela *garganta*, e se algum namorado desejo se lhe atrevia

ficava em o estreito. Diga-o eu, que ainda que atreito a vêr-me *afogado* em pouca *agua*, não pude haver-me quando me achei com achaque de gota tolhido, para me adiantar amante. Que direi dos transparentes peitinhos, que eram parentes de Thetis, e que não havia má-*mar* n'elles, porque estava n'elles a *maré* bonança, e o *mar* leite; e comtudo lhe faziam bico os cachopos de escarlate, que no alto d'estes altivos *mares* se divisavam. Oh que eram o Scylla e Charybdis de todo naufragante desejo; quem fôra *golfinho*, que no apertado *golfo* da cinturinha como um leão se *engolfára!* Em os baixos d'esse animado *mar* de belleza, ainda que me quizera metter, como a meus olhos passaram por alto, bem que no congellado *mar* do meu norte, a pura escarcha se escarchasse o desejo. É preciso tomar o pé, e prostrar-me rendido por escapar ao evidente naufragio, e fazer ancoras das esperanças, aos pés d'este racional *Oceano* da formosura: porque metter-me logo pela terra dentro, sem esperar que este *mar* me estimára, e me dera os *braços*, fôra pôr-me em perigo de dar-me as *costas*, e dar comigo á *costa*, tanto á custa de meu namorado coração; e queixar-se a meu amante desejo, que estes gostos lograva em querer-lhe, e em arrojar-se os perderia, que a *agua* os dava, e a *agua* os levava. Finalmente, ás mãos lavadas me captivou esta gentileza, e eu tomára já *agua* ás mãos,

como costumam os pintores aceiados, tanto que despegam: que é tal a attracção d'esta arte, que parece que se gruda a curiosidade a ella, e só com *agua* se podem despegar as mãos da obra.

— Victor retrato, victor metaphora!

— Porém nós havemos já agora ouvir o fim da historia dos seus amores, e o caso do descante, que finalisou em musica de calháo.

— Elle a cantará em a seguinte metaphora.

§ 5.°

Em metaphora de ar

— Que *aereo* ficaria eu, julguem vossês; ella em um *sopro*, que parecia que tomava os *ventos*, com a barba no *ar* se foi seguindo o seu *norte* ligeira como um *vento*, que ia pelos *ares;* mas com tanto *ar*, que cada vez bebia eu mais os *ventos* por ella; eu me fiquei sem *ventura;* em tal *redomoinho* as potencias, que julgava, que um *furacão* me arrebatava os sentidos. Estava-me remoendo feito um *cão* por dar *furo* a tão difficil empreza, e era tal a ancia, que nem *respirar* podia, que me faltava o *alento*, e se me impedia o *folego:* Folgo (dizia o amor), porque não haverá *folego* vivo, que morra sem dar um suspiro, ao menos, por desabafar a pena que o suffoca: Não são estas (respondia o meu desejo) as penas, que se devem lançar

ao *ar:* se tu, amor, me prestares as azas, mas que me ameace o castigo d'Icaro, de boa vontade voára o meu desejo a ser Dedalo: desejar o meu desejo com tal *donaire*, e tão cheio de *vento* a subir tão alto, não eram *palabras y plumas*, *que el viento las lleva*, nem presumpções de todo *vento*, e fundadas no *ar*, porque como a minha esperança ia *vento* em pôpa, em quanto não fazia *vento* contrario se poz o meu coração á capa a esperar algum sereno *zephyro*, em que aquella zaphyra dos prados, aquella flôr preciosa désse a meu desejo *alento;* não era ter cabeça de *vento*, ou ter-me subido *flato* ao miolo, dar-me para ali o *vento*, o namorar-me d'aquella gentileza, cujo *ar* foi ás minhas acções parlesia, á minha liberdade estupor; foi castigo d'amor, porque não pagasse de vasio os altos a meu emprego; estar sem amores um homem é ser odre de *vento;* não se dá vasio em a natureza, que logo não encha o *ar;* não se dá tambem tanto vacuo no coração, que logo não occupe amor, e quem não quer ser namorado vá para um *convento*, e durma em cama de *vento*, que eu não *invento* cousa nova no mundo; e para quem me satirisar darei duas *ventosidades*.

—Vasou-se-lhe pelo fundo a metaphora, e porque não tinha mais que *vento* e *ar*, ficou no *ar* a historia do descante.

—Homem, amores são loucuras.

— O senhor delira: ha mister *ventosas*.

— Não está má a sarjação, eu sei que as tripas me roncam, será com fome: que sou eu camaleão, que me sustente de *vento?*

— Se vossê comera *vento*, assim como por essa senhora bebe os *ares*, nem os odres de Ulysses, nem as covas de Eolo tinham a estas horas um *ventinho*, que vossê de um *sopro* não tivesse mamado.

— Vamos ao descante, na metaphora que se segue.

§ 6.°

Em metaphora de terra

— Finalmente, serrei com ella, dei-lhe desculpas amantes a *montes*, que uma satisfação *vale* muito.

— Pois qual foi o serrador debaixo?

— Quizera eu que ella o fosse, que assim se usa na minha *terra*, porém o seu rigor me fazia serrador de baixo, e como digo, fui-me assim fazendo com *terra;* disse-lhe que na *pedra* de toque da sua formosura ponderasse os quilates da minha fineza; que era *iman* ou *calamita*, seu agrado que attrahia os desejos: ella comtudo ainda feita um *rochedo*, bem que as minhas diligencias a tinham arrochado, sem mais saber de João de *Penhas*, quiz resistir aos raios d'amor; mas como lagrimas quebrantam *penhas-*

cos, e tanto dá a agua na *pedra* até que quebra, *empenha-do* o amor em me não *despenhar* vendo-me tão penado, deixou aquella dura gentileza de ser *penedo;* foi d'ali por diante *diamante* no resplendor e não na dureza. Eu que sou de faca e *calháo*, logo quiz jogar com ella ás *pedrinhas*, e fazer alguns filhos; porém botou-me por *terra* com-mediante a *pedra* fundamental do matrimonio.

— *Comediante?* Come por diante, quiz dizer?

— Cuidei que...

— Homem, deixe-lhe já acabar a historia, que vai em *Finis terræ*.

— Que cuidava vossê? Que era *comedianta*, como as da sua *terra?*

— Entre duas *pedras* ninguem metta a mão.

— Não se lhe dê d'isso; seja de *campo*, e vamos á historia.

— Ainda que o senhor o fôra de *terras* e de muitas rendas, lhe affirmo se havia render a uma senhora, que era um céo na *terra*.

— Todas são filhas de Adão.

— Por muitas se têem os homens feito *desterrados* filhos d'Eva.

— Temos céo na *terra*, Adão, Eva e paraiso *terreal*, falta a serpente.

— Não falta, que vossê foi n'esta historia a minha tentação, com me fazer *ser-pente* das metaphoras, andar espiolhando equivocos, e catando anexins.

— Isso já está dito em o primeiro dialogo.

— Nanja o de *ser-pente*.

— Torne o dicto a seu dono.

— Em que acabou a historia?

— Que me custaram os amores o bocado de Adão; mas armei-lhe a costella, que cahiu de madura: em fim já me quer nú e crú.

— Bom fructo tirará.

— Homem, a minha vontade era trabalhar pela vêr *enchada:* mas ella (bom olho!) sem que eu primeiro lhe ganhe o pão com o suor do meu rosto e estejamos casados...

— Tempo virá, em que vossê amargue o bocado.

— Anjo bento, quem deitará fóra d'esta metaphora o passo d'Adão e Eva?

— Não vem tão fóra do intento, que sem terem almas de *cantaro*, foram formados de *barro*.

— E é *barro* a accommodação?

— Em não havendo berro e birro, borro e burro.

— Não está máu o equivoco!

— Com que o caso do descante, ainda n'esta metaphora não cabe?

— Agora não.

— Vossê está zombando, atira-me com lama?

— É capaz a metaphora de milhares de historias. Foi o caso, que certo galan, vendo que eu estava senhor do *campo*, quiz lançar *barro* á parede, e oppôr-se-me, sem reparar que os meus

amores estavam já de *pedra* e cal. Porém ella, que era um *marmore*, o tractou com sete *pedras* na mão; e eu o experimentei, que um rigor seu fará tremer a *terra*, e não sei como ás suas esquivanças senão abriu a *terra* comigo; e não fiquei eu todo trigo da *terra*, porque temi que aquelle *porfido* com a porfia se abrandasse. São mulheres, e todas são *terra*. Em fim, dizia eu, se ella me não guarda fé, em *terra* de mouros senão usa tal aleivosia; hei de pôr *terra* em meio, que senão soffre crueldade tão grande. Porém é *terra* firme, e em toda a redondeza da *terra* senão acha outra; e eu que fui *barro* de Extremoz, por onde a sua esquivança bebia finezas, e tão fino, que só depois de ter *terra* nos olhos deixaria de querer-lhe, havia experimentar fragilidades de *barro* da Maia em sua firmeza? Se lhe désse em comer *barro*, do qual podia gostar melhor que de mim, que exposto á *barreira* de seus desdens lhe aturei quantas tyrannias ha na *terra*, e mais colhendo a *terra* virgem onde ainda senão tinha *enterrado* affeição, primeiro que a minha. Em fim, meu competidor devia d'estar como homem de fóra da *terra* alheio no caso, porque não via as casas estando na aldêa, e sem mais, nem mais se metteu pela *terra* dentro; tanta *terra* me dera Deus, como eu o fizera correr se logo o soubera. Bem é verdade que nada se faz na *terra*, que se não saiba, mas como mais

Marias ha na *terra*, não soube eu quem fosse, senão quando aquella noute... Meus amigos, aqui se acabou a *terra*, pois a metaphora não *plus ultra*. Aqui se acabou o dialogo, e no seguinte remataremos a historia.

—Eu estava vendo se vossê quando falou em *barro* esbarrava, e dava com os narizes em *barro* gallego, que cahia ao intento.

—E eu o vi falando nas *pedras*, quasi com dôr de *pedra* na prosa; só em os *montes* não houve mister tocar no *outeiro* das parvoices; porque tantas eram, que a *montes* as dizia.

—Se vossês me constituiram n'esta historia Athlante de anexins, que queriam? Tirem d'elles *O-limpo*, e acharão muita cousa boa.

DIALOGO SEGUNDO

Em metaphora de aves

—Aquella historia, assim como das cinzas d'uma metaphora se renova outra, assim ha de ser *fenix* sem *finis*.

—Deus nos livre de *a*, *e*, *i*, *o*, *u*; que então acabarão os equivocos em funis.

—Que estão vossês lá *cochichando?*

—Lá ouviu vossê! Pois não são as casas nenhuns *cochicholos*.

—Estamos dizendo, que é vossê bom *melro*, que por encobrir o caso do descante nos poz o mel pelos beiços com o principio da historia, e no fim *Ro-ro*, etc.

—São vossês maganos *de assobio*, pois já agora *assobiem*-me ás botas; já que tractamos de ou-

tra materia, a historia *volavit*, e *subiu* por esses ares.

— Tinham vossês o *passarinho* na mão; para que o deixaram *voar?*

— Coitada da historia! Em nosso poder, era *passarinho* em mão de menino.

— Eu creio que por isso os deixei *passarinho* á orelha.

— Ora porque não a quiz contar vossê?

— Isso traz agua no *bico*.

— Porque o senhor lh'o não fosse logo metter no *bico*.

— Que *passaro* de *bico* revolto é esse de que se receia?

— É um *taralhão* assim como vossê; mas eu não sou *pardal* de *bico* amarello.

— Vossê é o *Bicudo?*

— Vossê tudo é *embicar* comigo: mas eu cá ato os meus molhos, e com o meu *bico* me amanho.

— Amanhe-se com o *bico* acceso, em quanto não amanhece; mas veja não se lhe gaste!

— Não, o *coto* sempre fica, para mostrar que sou macho.

— Vossê ficou de *aza* cahida: metta-se lá com elle.

— *Arado* é elle para me fazer derribar a *aza*. Guarde-se elle, não descubra eu a quem elle arrasta a *aza*.

— Agora ficou elle *embolado:* está apparelhado para dourar.

— Não, falta-me o gesso, salvo vossê me der do seu.

— Olhe para elle! Assim como ouviu falar na cousa, logo deu ás *azas*.

— Como vossês são girios! Pois acham que se o senhor soubera quem é o subjeito, tanto em a *muda* andava, que não tivesse já dado a sua *pecuinha?*

— Ora conte-nos o fim da historia, que já estamos com a *gralha* na alma, e temos-lhe trazido bandos de *passaros*, maiores que *estorninhos*, para vêr se lhe fazemos *negaça*.

— São grandes *estorninhos* vossês; para isso me têem *atordoado* os ouvidos? Se eu soubera porque era a *gralhada*, que vossês faziam, eu tivera disparado o dicto, e dito a todas essas *aves-truz!*

— Bem! O rapaz é um *papagaio*.

— Sim; mas elle parece que nol-a *préga*.

— Creae lá o *corvo;* porém vigie-se, não lhe façamos bailar o *canario*.

— Elle *bufa* de valente.

— Se *bufa*, eu não, a historia *coru-ja* passou.

— Não imagine, só *morcego* de *amor cégo*, que os outros são *cegonhas!* Se eu descubro o que sei, e lhe vou *cantando* a *andorinha gloriosa*, não se fie no *pisco*, que não tem pernas para isso; nem me *pisque* os olhos, que vossê da historia não sabe *pisca*.

— Homem, eu não lhe fui a vossê dar com a *ninhada* aquella noute?

— Vossê é o que me deu *com o ninho!*

— Victor, cahiu na *costella*.

— O diabo pega como *visco*, não lhe escapa nada pela *malha*.

— Se o senhor as atira de *poupa*, a mim, que sou *gavião!*

— Homem, ao menos pelo sitio não saberei a sua *rola* onde mora?

— De *rolo*, vossê aquella noute, que estava *tutinegra*, mal podia divisar o sitio.

— Não estava vossê com o *coto* acceso (como já disse), ou com o *bico?* Pois á luz do *coto via* eu tudo; se esta *cotovia* mato, faltam-me tres para quatro.

— A que proposito vêm isso? O senhor ouviu *cantar o gallo?*

— Homem, esse é o meu *regalo:* ouvir os dous *gallos* me póde aqui deter até que cantem os *gallos*.

— Não, pois eu porque tenho *azar* com *gallos*, me vou dar trevas a outra freguezia.

— Se a mim me não tivera succedido mal a noute do descante, outro *gallo* nos *cantára*.

— Porque?

— Havia galear de dia, e *gallar* de noute, sem me dar de ninguem, mas receio *gallos* na cabeça; posto que me chamem fraco; antes *galinha*, *que-gallo*.

— Elle tudo é tocar em a historia, que d'onde a *gallinha* tem os ovos lá se lhe vão os olhos; e sem acabar de nos contar o caso.

— Não quero que depois venha a dizer: *Oh vos omnes, qui transitis*, que seria grande pesar se a minha dôr fosse publica.

— Bom chiste! vossê mereceu agora lhe dissessem *bene dixisti*.

— Pois que? Por ser *patola* seria bem pagar o *pato?*

— Não me toque na *pata*, que vossê com o seu arroz alguma *patada* ha de dar, que lhe ha de custar.

— Arroz, e duas *adens:* que má cêa?

— Os seus equivocos um por um são uma *maravilha*.

— Posto que estejamos n'esta metaphora *assados* por ouvirmos anexins de *passarinhos:* Guardemos para o banquete das flôres os que restam, e vamos a outra cousa.

§ 1.º

Em metaphora de animaes

— Animo, que quando menos temos *animaes* em campo, e se vos não *animaes* a *unhas* e a *dentes*, lá vai a metaphora.

— Cuidei, que estavamos condemnados ás *féras*, como em o amphitheatro romano.

— Qual será o primeiro?

— O *leão*, que em tudo é principe; senão *leam* a historia de Andronico.

— Eu me vou a elle como um *leão*.

— Vossê com cara de *leão* de pedra!

— Quem?

— É um *leão* desatado.

— Todo o *Leão* de Hespanha para elle é pouco.

— Antes que se engolfe com o *leão*...

— Não tem que me encommendar; eu me vou a elle como um *golfinho*.

— Se se mette a *delphim*, veja como se ha com o *leão*, que as *aguias* e as *serpentes* não hão de soffrer amisade.

— Se elle é contra, como suppõe vossê amisade?

— Sim, que debaixo da amisade vai a contra, e como o *leão* tem grande cabeça, póde a dextreza do *delphim* fazer-lhe dar nas esquinas, e depois não poder soffrer o *gallo*.

— Muito se remonta o pensamento!

— É influxo do signo de *Leão*, que domina nos tempos presentes.

— Pois senhores, contra a grenha d'um bruto não vale mais *ser-pente?* Se elle da *grenha* faz *corôa*, seguro fica do *gallo:* mas da *aguia* não, nem da *serpente*.

— Não entendo.

— E' um *animal!* Vamos á metaphora; que *animal* se segue?

—Seja o *elefante,* que pela prudencia vem a proposito. Elle é prudente, e por *dente* que tenha capaz de morder, já mais teve lingua para ralhar.

—Vossê abaixa a *tromba?* O conceito não é facil de se lhe metter dente.

—E' *animal* o *elefante*, que dorme em pé.

—Sim, mas d'um engano quem se livra?

—Vejam se podem levantar-se.

—Não se fiem n'isso, que levantado ninguem o doma.

—Não teem sido *d'animaes* os pensamentos.

—Tem-nos as *aguias* aberto os olhos.

—Que *animal* se segue?

—A todos o sol cega, ás *aguias* não.

—Metaphora, e fóra de metaphora ninguem se metta.

—Seja o *cavallo.*

—Esse assumpto agora foi um *cavallo* na guerra.

—Agora estou eu de *cavallo,* pois mettido nas voltas, como não sei soffrer *ancas* já ia perdendo as *estribeiras*, e a *unhas de cavallo* fujo de tomar o *freio* nos dentes.

—*Soffrei-o* lá! E' homem tão mal inclinado, que logo ha de sair á *espora.*

—*No ay hombre cuerdo a cavallo.*

—Sou *picado*, confesso meu peccado.

—Deixe esses piques para quem tem mais rendas, que lhe podem apparecer os meninos

orphãos a *cavallo*, e não seja bacharel, pois se cuida que está na *sella* por usar de galões, muitos andam com a *sella* na barriga, e campeam de regalados.

—Ha tal arenga de anexins! Com todos os de *cavallo!*

—Se elles *frizam* ao intento; esse foi de *frizão*.

—Ah, sou Baeta, não repita o que está dito, que é ir pelo caminho das *bestas*.

—Pois vossê onde vae *caval-os* equivocos?

—Vou *caval-os* lá atraz.

—Como o senhor merecia, que lhe dessem com o páo da charola de S. Jorge, por introduzir pulhas em metaphora, até aqui tão politica.

—Sempre está no *cavallinho* da alegria, mas vigie-se dos *cavallinhos* fuscos.

—Não temo a fusca, nem lhe faço foscas; que ainda que ando a pé, sei muito.

—Vossê é que, depois que se viu de *cavallo*, de tudo zomba.

—Bem haja quem lh'o apegou.

—Se elle se vai *pôr em gemeas!*

—E qual d'ellas foi a que o fez gemer?

—A do *cavalete* no nariz?

—E' famoso *cavallo* de Troia.

—Querem vossês falar bem, senão a *faca* ha de entrar até ao cabo!

—Por uma *besta* dar um *couce*, logo se lhe ha de cortar uma perna? E' vossê cruel!

— Não se lhe mettam nos *cascos* valentias, que é *encravação*.

— Onde enterra o senhor os que mata?

— Entre as unhas, em Valle de Cavallinhos.

— Agora levam-os á praia.

— Isso é enterro de *cavallo!* O senhor não é nenhum *preto:* é *melado*.

— D'essa sorte póde ir a *cavallo* no enterro.

— Vossês *ruçam-se?* Porém *rinchem* quanto quizerem, que na roda dos altos *couces* não jogo, e assim que cada um...

— Que? Que tem cada um? Vossê não joga senão quando tem tres de *cavallo*.

— Descartou-se lindamente como quem sabe *jogar de lombo*.

— E' *cavallo* mestre.

— Vai nas metaphoras a *furta passo*, e leva a dianteira a todos.

— Pois aquillo é que é seguir metaphoras de *cavallo*.

— Diz um homem um anexim mal *mastigado*, a modo de quem está com o bocado na boca, e ao correr do *cavallo* não se enxerga.

— Isso é para anexiristas de tropa.

— Não para os nossos dialogos, porque *caval-o* o equivoco sério, mais que quantas *bestidades* ridiculas os outros põem em nota: essas lançamos nós á *margem*.

— Os repentes por ligeiros têem estimação.

— Que importa, que muitos têem sahidas de rocim, e paradas de *sendeiro?*

— Pois dizer anexins á *estardiota*, não é de cavalheiros.

— Senhores, tanto *monta* dizerem-se ás *carreiras* os chistes, como de vagar; o *donaire* está para ir direito *guiar* ao fim do assumpto a mão da *redea*, e não metter cambadas d'anexins, a risco de *descambar* um pé; que um *cavallo*, com quatro pés cahe, quanto mais quem não tem mais que dous.

— Os que sabem mais lettra, querem que com dous pp se escrevam algumas dicções, e muitas vezes põem as mãos no chão. E se erra quem se présa de *burro* de lettras, que muito que erre um anexirista *bruto* sem ensino?

— Deixe o homem, que o ponto só em dizer muito está.

— Ahi devia parar a metaphora.

— Não, que sahiu a campo o *burro*, e devemos tiral-o do atoleiro.

— Bem toleirões seremos, se seguirmos a metaphora do *burro*.

— Vamos devagar, que não falta quem chame ao *burro* relogio.

— Boa badallada!

— Pois se lhe andar trazeiro, levante-lhe os pesos.

— Oh! Vossê dá o pão ao *burro*, e chama-lhe *pae velho!* Bem diz o rifão, que filho de *burro* não póde ser *cavallo*.

— Parece que não ouviu, que não queremos pulhas.

— Homem, se lidamos com *bestas*, e com *arreeiros* nos encontramos; que muito que haja pulhas?

— Pois se acarretarmos essa fructa, lá vai o *burro* mais as canastras: e a metaphora cahirá de *cangalhas*.

— Ponha os oculos, que é velho, e olhe não seja vossê o primeiro que se *espoje*.

— Vá vossê com um *burro* andar á agua.

— Elle não carrega com agua, ainda que *burro* tem; lá carrega os seus *machinhos* com outro licor.

— Agora abaixou elle as *orelhas*.

— Se tenho *burro* ou *carrego machinhos*, melhor sei temperar os meus, que vossê, que sendo um *troca-burras*, nunca as ajunctou de dinheiro.

— E vossê que sabe?

— Elle faz-se *mulla*, mas tem mais nos farellos, que muitos na farinha.

— Sim, porque os gasta.

— Ai o senhor tirando palha comigo!

— Sou mui velho, meu amigo, já trago *muleta*.

— Qual de nós terá a *manjadoura* mais alta?

— Se vossê o quer saber venha a minha casa, e mandar-lhe-hei amassar umas semeas.

— Atreve-se a isso? Onde mora?

— Em Bethlem.

— E' *mula* de presepio?

— Somos companheiros.

— Irra! Eu não sou casado.

— Não anda livre de *mulas*.

— Olhe que lhe vão na sege.

— Para o tiro de *mulas* faço reparo, dizendo coche.

— As pulhas molinhando têem chovido, que é um diluvio!

— Bem procurei eu fugir d'ellas, mas o senhor tem *manha* de *mulato*.

— E' quebra *cabrestos*: não se espante d'isso.

— Por ser *espantadiço* traz *antolhos*.

— Amanhe-se lá com esses equivocos *d'atafona*.

— Meu amigo: com esses suores se cura vossê.

— Ora, não o moamos mais, que lhe andará a *moleira* á roda: ora nano, meu menino: vosso pae foi ao moinho?

— *Porqu'idade* se faz o senhor? pergunto; *por-qu'-olhe* vossê, os velhos duas vezes são meninos.

— Ha de vossê *suppôr-qu'-o* senhor Fulano *Leitão* nasceu em dia de S. Thomé.

— Já *por cá* o deram de guarda.

— Não lhe *presunto* por isso; digo *qu'annos* tem o amigo?

— Elle é amigo, mata *porco* dá *bexiga*.

— Ora nunca de rabo de *porco* bom virote.

— Quem com *porcos* se mistura, farellos come.

— Esse é o seu pão de mistura, e bolotas *me fecit*.

— Ahi torce a *porca* o rabo.

— *Por cá* quem quer bolota trepa, e elle *porco* velho já lhe não vai bolota á tripa.

— Temos melhor gado, que *porcos*.

— *Que gado* é esse?

— Salta que atrepa.

— Não repara na cacophonia *que gado?*

— Elle é salta vallados.

— Quem é elle? Oh senhores, como se chama o senhor *cá?*

— *Brito*.

— Vão vossês mamar em um *bode*.

— E ha christão, que isto ature! Ah só dono da casa? Diga ao seu moço *qu'abra* a porta, que me vou á minha *bodega* comer o meu *carneiro*.

— Já o seu moço o assou? Veja não seja *capado*.

— Se o quer saber pegue-lhe nas *tubaras*.

— Elle nas *barbas* parece de Capadocia.

— Deixal-o ir ao *carneiro*, que está com os pés para a cova; se lhe faltar a papa bem lhe podemos fazer com que se entregue aos clerigos. Digo bem, só Pedro *Carneiro?*

— Até o Pastor da Egreja lhe não escapa! Olhe o que é ser anexirista.

— Aposto que por amor do *cordeiro* ha de a

metaphora vir a dar na cabeça de S. João Baptista.

— Tem razão, que *berra*.

— Falemos manso n'essas cousas, e vamos a outro *animal*, senão fará o senhor comnosco tourarias; que é inaturavel, em se *embezerrando*.

— Antes elle é um *borrego*, que anda sempre nos cornos dos *touros*, e nós a metter-lhe sempre a lança, de sorte que muitas vezes fica como um *pampilho*, jámais nos *investe*.

— Bom *pam-pilho* com isso! Andar é *sorte* minha: mas deixem vossês estar, que eu me porei a vêr *touros* de palanque.

— Fie-se n'isso, que mais que estivera no monte *Tauro*, em ouvindo tocar as *vaccas* não ha de ir logo pegar no *rojão*.

— N'esses pontos me não metto, que estou *corrido* d'andar com um *chocalho* tangendo a vossês para a estrada direita da metaphora, e vossês a fazerem *tourinhas*.

— E pois que? Ha cousa mais *galante* que isso?

— E pois fugiram os *bois?*

— O modo mais fidalgo, é não fugir do assumpto.

— Eu sempre estou a *aguilhoar*, e parece que é peior.

— *Lavra* em vão, porque? *Rego* vae, *rego* vem, isso faz quem quer bem.

— Havemos d'estar subjeitos ali ao *jugo?*

— Vossê parece que nos *canga?*

— Pois que cousa é seguir metaphora, senão não deixar ir o *carro* tombado? O mais é ir o *carro* adiante dos *bois*.

— O empenho é dizer *carradas* de anexins, sem andar subjeito ás leis da metaphora ou de *Tauro*, e não andar a corso dos que sómente vierem ao intento, e senão apparecerem ficamos bem aviados.

— Senhores, deixemos competencias, e não estejamos sempre como *cão* com *gato*. *Qu'hão* de dizer os praguentos?

— Digam o que quizerem: *ladre el pierro, y nò me moerda.*

— Está vossê bem *incanzinado!* Para mim não ha *goso* como fazer-lhe uma *perraria* só pelo ouvir.

— Eu que sempre estou com o rabo entre as pernas, receiando que o senhor salte por el-rei de França e nos faça...

— Que nos ha de fazer? Pegar-nos aqui nos calcanhares. Vossê está bem *rabugento*, digo que nem *cães* o comerão: não practicaremos sobre cousa que nos divirta?

— Vossê quer festa *c'o rabo?* Pois advirta que não sou *cachorrinho* de cego para andar atraz da metaphora: nem tenho que dizer nada á *cerca-d'ella*. Se tornar a falar contra os *cães* do senhor, ha de ser *camdamnado*.

— Em quantas canadas? Pois tem comigo

pão de *perro*, que sou *cão* de agua; e no senhor tenho um páo para os *cães*, e ainda que o veja com a lingua de fóra, não o hei de deixar.

— Vossê sem elle perdeu o *faro* aos anexins.

— O senhor é de Faro?

— Vossês lá dizem quanto querem, seguem a metaphora, como os *cães* a um osso.

— Diga, que não *ouço* bem.

— Vossê viu assumpto mais vasto, e de mais *chorume?*

— Pois diga alguma cousa, que o que até aqui se tem dito, para mim é *latir*.

— Vejamos se é melhor sacador d'equivocos.

— Talvez deixarão os senhores de andar comigo de *rabo alçado*.

— Vossa mercê é o mais honrado *calca rabo* d'esta terra. E bem podiam os senhores ter-lhe outro respeito.

— O senhor é de *casa*, por isso tomámos esta confiança.

— Nem *com fiança* me dou por seguro, que vossês são *cães*.

— Isso é medo.

— Agora, o senhor é *rafeiro* velho.

— Não me deixarão á honra de S. Lazaro? Meu mal me basta, que ando cahindo de *lazeira*.

— Vá a S. Roque á *lambuje*.

— Para isso o mandára eu ás *Chagas*.

—Agora podera seu companheiro repartir com elle do pão, que tem na boca.

—Já eu me queria retirar: e parece, que irei d'aqui a tempo que o *cão* de S. Domingos seja necessario alumiar-me com a vela.

—Repare como fala, não diga alguma heresia. Olhem o *cachorro* para onde deitou a malicia! Arre com o *cão*, ha tal *canceira!* Não bejarão o homem?

—Vossê o póde fazer, que é dos *cães* de Beja. Sabe vossê que cousa é *canceira?*

—E' um *cão* com uma ceira.

—Pois esse é dos do Algarve; assim que se *mordam* lá uns aos outros, e não seja tudo lançar-lhe o *gato* nas barbas.

—Logo eu torno a vossê como *gato* a bofes.

—Será em quanto eu me não *assanhar*.

—Bem sei eu por onde o *gato* vai ás filhozes.

—O senhor toma-o a vossê por motivo, porque em quanto brinca com o *ratinho*, como não tem eira nem beira nas metaphoras, vai tirando *a sardinha* com a mão do *gato*.

—Pois cada um é obrigado a chegar a braza á sua *sardinha*.

—Agora ficou elle contente como *gato* com trambolho, mas nem por isso ha de deixar de levar um *esfolagato*.

—Digamos alguma cousa, que se vai acabando a metaphora.

—*Sardinha*, que o *gato* leva, dizem que gualdida vai.

—Primeiro ha de o senhor levar um *gatazio*.

—Ali o amigo está com a *gata:* deu-lhe a teima comigo.

—Digo que agora teve vossê razão por riba dos *telhados*.

—Deixe-o *miar*, que isto é o seu janeiro.

—Já eu estou azedo, como rabo de *gato*.

—Quem lhe *mijára* a vossê os narizes!

—Ainda o *gato* mia?

—Já fede tanto *gato*.

—Se elles não são d'*algalia*.

—Não serão, mas vossê em lhe cheirando a anexins, não é *gato* escaldado, antes todo se *pella* pelos ouvir.

—Olhe lá não me arranhe; por isso, ainda que me pinguem não torno cá.

—Estorniquote? Vossê vende-nos *gato* por *lebre:* Diz que não torna cá? Isso é *regatear-se?* Pois ahi está a *gateira*, que quer dizer *sa fam*.

—Fale de boca, não seja *regateira;* que quer dizer *safão?*

—Elle está zombando da *fragata?*

—Não o deitam d'aqui fóra, nem a pura *sapatiada*.

—Não está elle seguro entre tantos *gatos*, que se livre d'algum zapetrape.

—Apanharam-me com o *rabo* na *ratoeira*, mas eu lhe armarei uma do diabo.

— Vossê sim, que é um diabo para os *ratos*.

— Eu me vingarei, que lhe hei de cahir assim como me tem cahido por *rata*.

— Vossês cuidam que eu como queijo, para deixar todos estes *ruidos*, que vossês teem feito comigo?

— Vão *bugiar*, que eu lhe pregarei o *mono*.

— Olhe que elle é *macaco*, tem *callos* no cu como *bugio*.

— Ha de morrer de morte *macaca*, posto seja um cepo d'um velho.

— Esses *callos* me tem vossê feito.

— Bom, bom! Dá cá real e meio da esteira, que cahiu lindamente.

— Com os narizes, quero dizer, d'uma venta.

— Falemos bem, que isso não é brinco de junco.

— Elle se vai *amonando*.

— Deixem-me incovar.

— Isso faz quem é cobarde.

— Antes eu me vou a elle, como um *tigre*, que para estas cousas não me pesa o pé uma *onça*.

— Talvez que lhe pese, venha para cá.

— Elle é *lince*, tem olhos de *basilisco*.

— Que se ha de acabar a metaphora sem dizermos cousa que tenha proposito! Não andemos aqui com *furão* morto á caça.

— Pois que quer, sô João Coelho, não é vossê *galgo*?

— Sim, porque é um famoso *podengo*.

— Famoso chiste! para que deixa fugir a *lebre?*

— Para que *raposa?*

— Eu em encontrando anexins *rapo essas:* Que mal vai á raposa, quando anda aos *grilos?*

— Se nós esperamos que o senhor comece, estaremos aqui á espera.

— E que faz vossê, que tem buço de *lobo* para toda a metaphora, que senão desembucha com alguma? Está ahi feito *dormedario?*

— Deixe vir a bicharia, que vossê verá o que vai.

§ 2.º

Em metaphora de bichos

— Hão de ser os equivocos tantos como *bichos*.

— Não sabe que sou *bicho* real?

— Cuidei, que dizia da *cosinha*.

— Ora venha alguma *cousinha*.

— Ah senhor Manuel, esse equivoco espetou vossê com o *bicheiro*.

— Ora comecemos, que parecemos *bichos* de mato, que não sabemos abrir a boca.

— Não esteja tão *abelhudo*, vamos devagar, que o assumpto tem seu segredo da *abelha*.

— E diga-me, permitte-se aqui de quando

em quando sua *ferroadasinha?* Pergunto, porque vossê é nossa *abelha mestra.*

— Como fizermos exame de metaphora, veremos isso.

— É necessario pôr primeiro o *mel* pelos beiços ao nosso amigo sério.

— Elle é um *cortiço.*

— Não me comecem a acender, que sou muito de *cera.*

— Não, que se póde *crestar* se tomar fogo.

— Senhores, não me derretam.

— Escutemos o senhor metaphorista, que se présa d'estar cheio d'equivocos, como uma *colmêa.*

— Se vossê me *favonear*, direi alguma cousa: eu o que posso fazer é estar á *vela.*

— Talvez alcançarei meu *pingo.*

— Como está *brandão!*

— Eis ahi um equivoco que *atocha* bem: vão *bugiar*, não sejam *cebos,* que os equivocos hão d'escorregar pelos dedos, e não a *fio* e *pavio* dizer anexins.

— Nem tudo póde vir de molde: pois agora é a *cera* bella para a metaphora.

— Está muito em grumo o assumpto, ou em brumo; primeiro havemos esbrumar, depois virão os maturativos.

— Com licença do senhor cirurgião de leicenços, que tem isso com a metaphora dos *bichos?*

— Bom foi cortar-lhe os herpes, que se ia corrompendo a materia: valente enterro! pois nos unguentos não entra a *cera?*

— Já os vem enterrando, uma vez que se metteu a curar.

— Como ha enterro e *cera*, encaixam aqui os *melados*.

— Vai em caixão o defunto a ser *toupeira*.

— Escusa meninos orphãos.

— Eu não creio senão, que deu nos equivocos o gorgulho, por isso ha falta d'elles.

— Antes eu tinha encelleirado muitos d'elles, e me estava já dando um *formigueiro* na veia metaphorica.

— Pois logo, para que é estarmos aqui como o *carrapato* na lã? Vamos *escarrapatando* o assumpto.

— Ponha-se em andar de *escaravelho*.

— Vossê dá á *escaravelha*, e sem tom nem som se retira.

— Como é velho pela cara, vá lá brincar com a maçã do *escaravelho*.

— Olhem o *caracol*, que buscou para dizer a graça!

— Já vai deitando os *corninhos* ao sol.

— Era uma *lesma* ha dous dias.

— Aquillo foi mostrar-lhe a *minhoca*, a vêr se o pescava.

— Eu não sei, logo nos olhos se vê quem tem *lombrigas*.

— Eu logo o *lombriguei*.

— O rapaz é um feitiço, temo que saia com *carocha*.

— Não deixaremos lograções? Isto é uma praga: Digo que já vossês me aborrecem, como *moscas*.

— Se lhe deu a *mosca*, vá-se *moscando*, que sem esse Portugal o velho *cagado* das *moscas* podemos passar.

— Só na sua boca se podiam junctar as *moscas*, o *cagado* e as passas.

— Não vêem, que parece uma *mosca* atordoada, e diz a sua pulha, como qualquer?

— E aquella, que cahiu como *mosca* em leite.

— Deveras, que estão importunos como *moscas!*

— Eu me vou surrando, que isto não se atura.

— *Moscas* fóra.

— A um homem d'aquella abotoadura botam vossês fóra?

— Não querem os senhores que eu lhe caia no caldo.

— Já cahiu, se até nos botões tem *moscas*, e as leva quando sae fóra, que fará em casa?

— Arrenego-te eu metaphora *moscatel*, nem *moscas* se podem pôr n'ella.

— Não, antes têem sido tantas como *mosquitos*.

— Peior praga nos vem, que as *rans* de Pharaó.

— Agora lhe havemos nós passar uma banda de *mosquetaria*, que elles hão de vir ao cheiro, a bandos.

— Ao cheiro da *moscovia?*

— Não, do *moscatel*.

— Já elles começam a picar, mas guardem-se, não me encha eu de brotoeja que os hei de ir enxotando, como as vinhas.

— *Bato-que* vossê cá, pode ser que o espichem.

— Ao menos põe-se em risco de lhe metterem os *tampos* dentro.

— Muito tempo ha, que a elle lhe falta uma aduéla.

— Olhe não lhe vá aos *quartos*.

— Não fale com a boca na *torneira*, só *tonel* com calções, e *pipa* com capa.

— Mereceu agora dous *piparotes*, porém é tarde, vou-me por baixo dos *Arcos*, que já o Joanico (que ainda não perdeu a confraria da camaldola) estará com as *lanternas*. Tambem vossê lhe resa pela conta benta? Nunca esse bebado me encheu as *medidas*.

— Elle é uma *vasilha*, mas anda *enfrascado* na beatice.

— E' conveniencia pedir para a candêa, mandal-o trabalhar — *hoc opus hic labor est*.

— Victor equivoco, *ó copos:* pois quem melhor que elle tira uma nódoa?

— A sua não lava elle com muita agua.

— Olhem os diabos dos *mosquitos* o que foram fazer! Eu não enxergo metaphora, nem signal d'ella.

— Espere, que elle *engrilla-se* comigo.

— Isto foram pragas.

— O *Grillo* dava isto no seu prognostico.

— *Besouro!* Mau agouro; temos reportorios, alguma se ha de atear, porque virá logo a *Aranha* com as folhinhas, que só ella, entre os bichos, as póde vender.

— Qual é a causa?

— Dizem, que não tem olhos e anda pelo tino.

— Por isso o Tinoco [1] accrescentou dez réis ás folhinhas por tirar de casa as têas de *aranha*, e limpar-se.

— N'isso não teve elle têas d'*aranha* no entendimento.

— Eu sei que elle era um *piolhoso*, hoje tem-se mettido na casa real como *piolho* por costura.

— Muita *lendea* tem, lá vai *espiolhar* occasiões de dar á unha.

— Os architectos bem desejam dar-lhe uma coça.

— Que diabo de metaphora *mordaz* tem sido esta?

[1] João Nunes Tinoco, architecto do Senado de Lisboa.

— Espere, que em um salto de *pulga* acabamos.

— Tomára já ir *catar* outro paragrapho menos picante.

— Bem te vejo *persevejo:* quem é mais satyro, que vossê?

— Mas vossê é dos que picam a isca e trincam a *sedella*.

— Boa nova lhe venha, que já *m'acho* em outra metaphora.

§ 3.°

Em metaphora de peixes

— Agora estou eu como o *peixe* na agua.

— Não sei se escapará pela *malha*, que o senhor, como sempre está com a caninha na agua, em laçando a rede de arrastar anexins, principia a *fisgar*, seja o que fôr.

— Bem sei eu, que o direito do *anzol* é ser torto, e que em começando a *pescar* equivocos vai logo ás satiras como uma *linha*, e senão murmura não vê *boia* de chiste. Porém deixe-o vossê, que nas aguas envoltas *pesca* o pescador.

— Elle se metterá nas voltas, que pela boca morre o *peixe*, e elle cahirá.

— Olhe para elle com olho de *goraz!*

— Vossê aponta-me com o *cachucho?* Eu cá estou feito *anjo*.

— Vossê é *escolar*, não me fio n'isso.

— Isso parece que é *de-safio?*

— Querem-me ouvir? Pois eu estou mais *enxarroco*, não hei de ser mui *linguado* d'esta vez.

— Agora, em começando a dar á *taramella*, tire lá os *arenques* não me aponte com o dedo, já lh'o disse, bem sabemos, que tem annel, e eu *cá-chucho* no dedo!

— E' prenda da sua Clori?

— Elle foi sempre *enchiquetas*, e que tal é ella?

— E' uma boca d'*arraia*, mui *dourada*, mui *arraiada* de ouro; porém é *azevieira*, e algumas *sardas*, que tem, dão-lhe alguma graça.

— A mim disseram-me que estava muito *escalada*, deve ser algum *cação*.

— Vão vossês falando, que se eu metto mão ao *peixe espada*...

— Para vossê basta o *peixe-páo;* se desconfiar, tudo irá em uma poeira, que eu hei de pegar no *tinteiro*.

— Quem lhe atirára a vossê com um *choco*, que é boa tinta!

— Olhe o *agulha* ferrugenta mettendo-me a faquinha a mim, que sou *escamado*, e já tenho *pescado* a logração! Eu sou do *alto*, meu amigo, não desconfio facilmente.

— Pois para que se *rasca* na cabeça, ouvindo falar no *congro?*

— Cabeça de *cherne* será vossê: qual *congro*, ou qual *alforréca?*

— Homem, não se ganham *trutas* a barbas enxutas: quem não tem com que *iscar* tudo se lhe *trasmalha*, e só *damas tiene quien dá mas.*

— Isso é desculpa, não se faça pobre, que ninguem lhe pede nenhumas *chopas.*

— Eil-o falando creança: E' bem *mamota!* tudo são *monarias.*

— *Sal-monete que hazes muy bien tu papel.*

— *Ando en busca del fin de la metafora, y no le allo.*

— Ha taes castelhanadas! Senhor dono da casa, diga ao seu *cabrinha* que me abra a porta que isto não se atura: eu lhe darei um vintem.

— Guarde-o para Santo Antoninho, que o moço não necessita: bem sei eu que para moço de cego não lhe falta mais que o *tamboril* e a frauta; que para saber ajuntar tem bom mestre no amo.

— Meus senhores, os anexins têem dado em secco: de mais, que no banquete das flôres se lançará o resto á metaphora.

§ 4.°

Em metaphora de marisco

— Já eu estava *embuziado* de os vêr a vossês estarem *caranguejando*, sem dizer um equivoco; e não advertia, que faltava o *marisco.*

— E o senhor como estava *concho*, sem o lembrar!

— Pois vossês que querem, que eu sempre seja o *mexilhão?*

— Sim, já que *lá-gosta* de nos ouvir, não esteja mettido nas *conchas*, mais severo que um *caramujo*, que parece um *santo-lá* do ermo; diga, sequer, que metaphora se siga.

— Isso seria peior que ser *tartaruga*.

— Entregar eu às metaphoras, e levarem-lhe vossês o *bribigão!* Cá para traz, como o *caranguejo*.

— Bem sei eu *qu'amarão* vossês, que eu seja o assumpto para uma metaphora *sapateira*, cosendo-a comigo a dous cabos; mas enganam-se camaradas, que sou famoso *perseve*.

— Não seja tão *longueirão* de palavras: limpe a *amejoa*, que tem o beiço de cima feito uma *ostra*.

— Já eu me admirava, senhores! Falta algum anexim para o embrexado da metaphora?

— Antes que o senhor das *conchas* vá dizendo das *perolas*, que costuma...

— Que ha de faltar!

— Pôr ponto á segunda parte dos anexins.

— Ahi está o ponto.

— Onde está o ponto, dirá já o ultimo dialogo.

DIALOGO TERCEIRO

Em metaphora de ponto

— Na orthographia, dizem os mestres da escola, que o *ponto* está sobre o *i*, e os rapazes dirão que em não errar nenhum *ponto* da licção. Na grammatica, dizem os estudantes, que está o *ponto* em ter boa memoria, e os padres da Companhia dizem que no fim da oração está o *ponto*.

— Isso dirá um cego.

— Na arithmetica está o *ponto* em os numeros.

— Eu cuidei que em saber multiplicar sem diminuir, e sommar sem repartir.

— Isso agora dirá vossê, que é um mesquinho, e se lhe podem medir as ambições ás varas.

— Na philosophia está o *ponto* nas conclusões; na theologia está o *ponto* nos artigos da fé. Na astrologia está o *ponto* no zenith, nadir e pólos. Na optica está o *ponto* onde fere o raio visual. Na geometria está o *ponto* no centro da esphera, ou globo. Na symetria está o *ponto* no embigo humano. Na cirurgia está o *ponto* na ferida, e na medicina está o *ponto* bofé não sei onde?

— Em o doente ter que gastar, que esse é o *ponto*.

— Em jurisprudencia está o *ponto* em saber deferir.

— Eu dissera, que em dar boa prova.

— Qual?

— Metter bons memoriaes d'ouro, que só esses fazem lembrar os ministros.

— E os anexiristas d'onde dirão, que está o *ponto*?

— Em murmurar.

— Não, senão em dizer seja bem, ou seja mal, pois mereciam um *ponto* na boca.

— Na nautica todo o mar se chama *ponto*. Na poesia é a cadencia. Na prédica é o assumpto. Os confeiteiros põem o assucar em *ponto* como os boticarios.

— Esses têem lá outros *pontinhos* com os medicos, e se dão *ponto* como namorados.

— Os alfaiates na costura, e os sapateiros na medida. Os soldados na espingarda, e os ca-

çadores na *pontaria*. Os conegos na falta do coro. Os nobres na honra. As donzellas na regra.

— Tambem os musicos no compasso.

— Aquelle *ponto* lhe escapou a vossê pela malha.

— Não sei se trago algum nas meias.

— Os mercadores, no ganho têem todo o *ponto*.

— Melhor o tiveram em ser *pontuaes* ao sabbado.

— Os escrivães na fé: bem como os theologos?

— Não, que a fé dos escrivães é falsa, e á falsa fé matam com a penna sem pena alguma. Os esgrimidores têem sentido na *ponta* da espada. Os barqueiros no *pontal* de Cacilhas. Os fidalgos de meia tigella trazem a honra na *ponta* do nariz. As casas velhas seguram-se com *pontaletes*. Os estudantes de Coimbra trazem o cuidado na licção do *ponto*.

— Sim, mas gastam o mais do tempo na *ponte*.

— Os relogios mostram as horas com o *apontador*. Os meirinhos e alcaides têem sua gage nas facas de *ponta*. Os que devem têem *pontadas*. Os cornudos têem *pontas*. Os meninos têem *pontinha*. As meninas fazem *ponto* furado. Os repentes hão de se dizer a *ponto*.

— E os anexins se devem applaudir com *ponto*, e admiração!

PARTE TERCEIRA

PARTE TERCEIRA

FABULA PRIMEIRA

Das flôres

Tocou a *Campainha* a ajuntar na *capella* as *flôres:* vinha o *Cravo* á gineta por capitão, com *esporas*, ainda que a pé (que nunca deixou de ser cavalleiro) todo *almiscarado*, recendendo em fumos de fidalguia; e ao mesmo passo, que se viu no terreiro com *bengala*, lançou os olhos para a *Rosa*, significando-lhe seu *amor perfeito* em as *perpetuas saudades* de sua ausencia; e encarecendo-lhe *maravilhas* de seus *martyrios* em andar de *ramo* em *ramo* em suas pertenções, sentindo *delirios* em desmaios. A *Rosa* com airosos *melindres*, se lhe fez uma de uma face, e outra da outra, tanto que lhe *cheirou* ser vindo o seu galã, ficou como uma *alcachofra* reverdecida; mas por não se *picar* de

namorada, fez galla de estar em *folha*, conservando-se em *flôr*. Elle, que o seu intento era vêr o *fructo* de suas esperanças, por *ver-de* mais perto se a prendia, quiz ostentar suas prendas, e pegou de uma *viola* para dar-lhe um descante.

Ao som do *Cravo* se disparou uma *cravina*, quiçá da mão de um *mal-mequer:* ao tiro desmaiou a *Rosa*, e se fez branca como uma *açucena*. O *Cravo* como uma *papoula*, quando se presumia *flôr de defuntos*, pega em uma *espadana*, e começa a acutilar quantos lhe ficavam mais a talho de *fouce*, com tal destreza, que *cegava*, e ainda hoje se *gava* o seu valor. A muitas *flôres* deixou aos pés, a outras fez despejar com bello despejo o beco do *Jardim*, e ao travador da pendencia quebrou os *olhos;* de maneira, que não ficaram seus inimigos mui *alegretes*.

Com agua de *flôr* de *laranja* tornou a si a *Rosa*, e pelo capricho de seu amante toda se banhou em *agua rosada*, se bem que advertindo-o salpicado de *escarlata*, imaginou estava ferido, ao que elle satisfez dizendo, que aquelles *rubins* eram despojo de certo *Jacinto*, a quem desejava beber o sangue.

Já-sinto (disse a *Rosa)* que são ciumes. Enganaes-vos comigo, que tenho brios reaes. Melhor será que vos riaes d'isso. Andar (disse o *Cravo);* supposto me custou cara a suspeita,

dou o desgosto por barato da desculpa, que tambem nos lances sou principe; e á vista da satisfação me dou por pago. Diante dos *olhos de Christo* lhe jurou a *Rosa* o quanto lhe queria. Mostrou o *Cravo* que a cria, e dando-se as mãos sairam para o *Rocio* já de madrugada, ella acompanhada de formosuras *Angelicas*, elle assistido de briosos *Narcisos;* e porque outra não succedesse, levaram em sua guarda bastante *mosquetaria*.

Em a primeira fonte lhes brindaram á estrangeira as *Tulipas*, e dando noticia do novo dia os *Girasoes*, se alegraram com os raios do sol os *Ranunculos*. Parecia o prado um paraiso, alcatifando-se de *Primaveras* a relva; erigindo aos novos noivos doceis de brocado *verde*. As arvores, como eram muito de campo, deposta a magestade se arrelvaram logo; ao que o *Junquilho* offereceu estrados, onde, porque era inhonestidade gosarem o mimo de seus amores diante dos olhos de tantas *flôres*, as mandaram espalhar pelos montes, e a *Rosa* se poz em fralda, e com effeito ali lhe levou o *Cravo* a *flôr*. Depois teve pejo a *Rosa* de dizer que estava pejada; tomou conselho com a *Marcella* por ser casada; ella lhe disse que se não deixasse *encravar*, que tractasse de metter o *Cravo* no *Limoeiro* pelo crime de desfloração, antes que elle fugisse para *Arrochela;* que o faria como *ay Francia*. Mandou a *Rosa* uns *tre-*

padores que o prendessem, e ficou depositada em casa de sua *Madre-silva*. Os *Goivos*, parentes do *Cravo*, de sentimento se vestiram de roxo, e foram no ajuste do casamento os mais empenhados. Os *Jasmins*, namorados da *Rosa*, com a noticia do caso, e certeza do casamento, ficaram brancos. Emfim, o *Cravo* com a commum persuasão de todas as *Boninas*, veiu a dar o *sim*, recebendo por mulher a *Rosa*. Houve na boda os manjares seguintes.

FABULA SEGUNDA

Dos fructos

Chegou de *Roma* a *Romã*, que tinha lá ido a certa *romaria*, e passando por *Granada*, murmurava o *Melão*, que é *descascado*, que por *Romeira* enriquecera, e dizia: «Como vem rubicunda! Tanto rubim não se ganha a perna alçada, nem na alçada do sexo feminil cabe tanto cabedal. D'isto appellava a *Romã* para a *Coróa*, dizendo que as pessoas reaes eram isentas da vulgaridade da natureza; porém o *Melão* sem *pevide* na lingua, lhe tornou: Todas são mulheres, as *Romãs* tambem têem *rachas*, e olhe não vá eu vomitando as *tripas*, que sei muita letra.

Quem havia de ser o que não pudesse estar *calado*, senão o *Melão?* Disse a este tempo a *Azeitona* com o seu costumado *sal*. Vejam lá

o *mulato* se tem lingua para falar, sendo por nascimento *natural?* Ao que respondeu o *Melão:* Quem se havia de metter onde a não chamam, senão a *Azeitona*, sendo toda de *Elvas* em as parvoices que diz? Tambem vossê queria *talhada?* Guarde-se, não seja *retalhada*, e vá-se deitar de *molho*, pois cá não se gasta senão cousinha fresca, sem osso, nem *caroço*. N'isso de *mulato* tambem vossês lá têem não sei o que de ruças, que d'isso entendo eu como de *lagar de azeite;* mas o que sei é, que nem todas são brancas.

Tem razão o *Melão* (disse a *Melancia);* basta ser *letrado*, que ter os couros pardos não importa: o procedimento é que faz as pessoas; se não, digam-no algumas *Peras*. Que é isso lá? perguntaram as *Cornicabras*, e as *Melancias* se fizeram mui *vermelhas*, dizendo: Não falamos com vossês, falamos com as *Peras pardas*. Isso é gente (tornaram ellas) com quem não nos damos, que é gente de *capa parda*. A esta palavra acudiram as *Peras pardas* em um pé, ainda que estavam longe, e a uma voz disseram que vissem não lhe dessem dous *codornos*, que por mais que presumissem de *campanudas*, *e flamengas* na bizarria, e formosura, na fidalguia de *conde*, e de *cheiro* em o perfume, nenhumas eram mais ricas que ellas; porque sabiam guardar-se para quando não havia fructa.

Olhem para ellas (replicou a *Bojarda):* é por-

que não as queremos em nossa companhia; se não veja se lá se admittimos nós as *Fructas novas* e aquelles mancebos lá da cidade de *Damasco*, gente que por vir primeiro ao mundo, ou não sei porque, nunca chegam a ser velhos. É para admirar como se resentiram d'este pique as *Cerejas;* porque antecipar-se a pedir alviçaras ao mundo de ter vindo a mais alegre tempo, mais era digno de applauso, que de vituperio; porém as *Ginjas* lhe responderam, que eram *fructa* de rapazes. Bem aviadas estamos nós (repararam as *Ameixas Saragoçanas)* se pelo nome nos desprezam, e chamam pardas, presumindo que vestimos de *Saragoça.*

E nós (replicaram as *Baunezas)* que somos inclinadas ao habito pardo?... Será mui bem empregado (disseram as *Maçãs)* se não se fizer caso de vossês, já que se mettem a *maçãs*, sendo *bugalhos verdes;* e olhem não avisemos a quem lhes dê dous *marmellos*, que as façam retirar. Dirão, dirão (responderam ellas) que vossês são *chocalheiras;* mas saibam que nós, se somos *bugalhos*, não enganamos o mundo com os *rosarios*, como vossês, tendo tantos podres, que não ha alguma, que seja sã como um *pero.*

Chegaram, deitando os *bofes*, a este tempo os *Camoezes;* e ouvindo a disputa, perguntaram a uma das *Baunezas*, que *dis-puta?* E com a fadiga não disseram mais. Desconfiou a *Bauneza*, e convocando aos *Ouriços* em sua defensa,

por se despicar, enfiaram as *Maçãs*, e os *Peros* ficaram *passados*, imaginando que os *Ouriços* eram vivos. Mas elles *arreganhando-se*, disseram, que não vinham a pendencias, senão a fazer galhofa, para o que traziam *castanhetas*. Com isto estalou a *castanha* na boca ás *Baunezas;* e querendo-se já todos pôr á mesa, repararam as *Castanhas* que não havia colheres, e assim ellas mesmas suppriram a falta com as suas de *herva doce*.

Não queriam ficar de fóra as *Cebolas*, e pasmavam os *Alhos* de se lhe metter nos *cascos* que eram *fructas*, razão porque elles as traziam já entre *dentes*, e ellas lhes diziam, que com serem uns homens *barbados*, nunca taes presumpções se lhes metteram em *cabeça*, quanto mais a ellas para se haverem de metter em *restea* com as mais *fructas?*

Que faremos nós? (disseram as *Alfaces)*. Aqui vai o diabo em casa do *alfacinha*. Não vos dizia eu? (responderam os *Rabos* com os *rabos* entre as pernas). Somos de parecer que antes que nos cheguem aos *rabos*, que nos vamos embora. Não ha de ser assim pela hastea de um *nabo* (disseram a este comenos os *Nabos)* que se até aqui estivemos como *nabos em sacco*, por virmos em *cilouras* á falta de lavandeira; agora dizemos que estamos bem de roupa branca, e que ninguem o é mais que nós.

Que é isso lá com a *Noz?* (replicaram a esta

palavra as *Nozes). Nós* é cousa atada (disseram as *Bolotas).* Pois não (tornaram as *Nozes):* nada de atadas temos; antes por mui desenvoltas a todos mostramos as *pernas.* Isso é por serem *quentes* (replicaram as *Bolotas):* não somos nós assim, quem quizer *bolota,* que trepe: não somos tão faceis, quer umas, quer outras. Valha-as uma figa (disseram n'esta occasião os *Figos)* têem tanto juizo ambas como uma *avelã!* Quem os mette cá com as *fructas* seccas? (perguntaram as *Tamaras).* Porque (responderam elles) vossês nunca viram presentes de *figos passados,* que vem do Algarve? Algumas de vossês levam-nos as *lampas* em tempo de *figos?* Nem ainda as *fructas* verdes pela vindima, pois chegou a dizer o texto das velhas, «que quando ha *figos* não ha amigos».

Que falam lá em *vindima?* (perguntaram as *Uvas).* Cheguem-se para cá (acudiram as *Alfarrobas,* mostrando as bainhas de facas) póde ser que as vindimem. As *Moscateis,* receiando as puzessem em *Pisa,* foram-se *moscando,* se os mais *fructos,* principalmente alguns que queriam tomar seu *baguinho,* as não convidaram, dando-lhes o melhor logar *sobre a mesa;* de que as *Ferraes,* apertando os dentes, murmuram, calumniando as *Moscateis* de quentes. Porém as *Tamaras* as reprehenderam, dizendo: De que *ferraes* os dentes? Deixai-as, que nós e ellas temos nas mesas o melhor logar; e se somos frias,

é porque vimos no inverno. A's mais *Uvas* é que eu digo que, sem serem casadas, se não fôra um filho seu *bastardo*, ninguem fizera caso d'ellas.

Quem? (acudiram as outras *Uvas)* não somos casadas? Antes eu, continuou a *Arinta*, não *vi-uvas*, que não fossem casadas. Ahi ha *uvas* solteiras? Acharam-lhe razão as *Amoras*, e ficaram como *tolas d'Amora*, quando ouviram as mandavam para o logar da *Hortaliça*, sem se atreverem a perguntar porque. Porém os *Medronhos* lhes responderam, que era porque punham nodoa, que se não lavaria com quanta agua tem o mar. Devem vir *bebados* (tornaram ellas) tambem o vinho bom põe nodoa, e é o melhor da mesa. Não é por isso (acudiram os *Limões)* é porque vossês são da *horta*. Isso (replicaram as *Amoras)* é abuso de quem nos apregoa; pois se vossês leram *Segredos da natureza*, souberam que com as *verdes* se lavava o sangue das *maduras*.

Sim, li; mas tambem (replicou um *Limão)* com o nosso çumo se lava o das *uvas*. Agora lava! (intrometteu a *Cabaça)* Em outros apertos deixa muitas vezes o credito, que se não *lima* tão facilmente. Ergueram-se n'este tempo os *Pepinos*, jurando por *S. Gregorio*, que fôra esta a primeira vez que a *Cabaça* tivera *miolo;* mas que havia de haver distincção entre o demasiado e o licito; porque se um corrom-

pia a natureza, outro a augmentava, dando para a multiplicação *substancia*.

Ninguem podia falar n'essa palavra (disseram os *Pecegos)* menos que vossês; porém compete-lhe pela similhança. Diacho de *fructas*, que não cresce tanto de dia, como de noite! Tinham sido algum tempo peçonha os *pecegos*, e ainda tiravam á malicia antiga, porque viram vir umas *Meninas* acompanhadas de uns *Clerigos*, chegando-se para a mesa. Admiraram-se alguns dos circumstantes que nem elles as requestaram por serem além de *Aboboras*, *Crelgos*, nem ellas os admittiam: porque só de ouvir falar em *carmeiros* se faziam *amarellas*, e quasi defuntas: e vendo que elles perguntavam se podiam subir ao altar, lhes foi respondido em latim, que tal pergunta não tinha *responso*, que fossem jantar onde cantaram; e ás *Meninas* se disse, que por *cruas* as não admittiam. *Arroz*, senhora mãe (replicaram as *Bringeles)* que a *Abobora* é agua; e todas juntas se foram para a cosinha.

FABULA TERCEIRA

Da hortaliça

Como entre os fructos de benção não foram admittidos aquelles abortivos partos da terra, que antes de chegarem a ser flôr aspiraram a ser fructos; recebendo a agua do baptismo ainda dentro do ventre da mãe; regalo, que não tiveram os mais pomos; pois que para regal-os se se não desfizera o inverno em prantos, não houvera Cura que os baptisasse; e é certo, que quem custou em seu nascimento tantas lagrimas ao tempo, devia ter maiores estimações ao gosto: e queixosa a terra de que rompendo-lhe o ventre á força de duro arado, alcançára violentos fructos ou furtos de suas entranhas, não quiz que estes se nomeassem pomos, entre os que ella por seu gosto offere-

cia liberal ao gosto, se obrigaram as hortaliças a fazer uma miscelada entre si em rancho á parte.

Diziam as *Chicorias:* Nós somos taes, que podem metter-nos na boca a um doente; e quem diz que não damos flôr, nem fructo, mente, e remente, e aqui estamos nós, as *crespas*, para o defender. Olha quem! (responderam as *Alfaces). Se mente* quem diz isso, é porque o nosso fructo é a *semente*, e a nossa só passarinhos a gastam. Vossês são as que se agastam, nós é que podiamos queixar-nos; porque quem não gosta de uns *olhos verdes*, não tem bom gosto. Beijem-nos vossês no olho (disseram os *Rabos)*. Quem não vê as choquentas, que parecem vassouras? Que cousa é *Chicorea*, senão um nome deduzido de chica? Isto faz-se? (replicou a *Alface* para a *Couve)*. E tu *qu'ouves* aquillo, não respondes? Eu não me metto com vossês (disse a *Murciana)* com gente, que ergue as faldas, não faço *panellinha:* sou mui honesta, bom olho terá quem me vir o *olho*. Nem no da panella, accrescentaram as outras, queremos mais da horta, que a *hortelã* (acudiu a *Segurelha)*, que vossês não são *seguras*, e são capazes de se darem a um villão ruim, que por isso se chamam *fartos de couves*.

Escandalisaram-se muito os *Repolhos* por ser gente (diziam elles) de *cutiliquê*. Que cousa é *cutiliquê?* perguntaram as *Beldroegas;* e os *Re-*

polhos responderam: Sem refolhos vos digo, que é esse o melhor breve; porque as bizarras do tempo, sem mandar a Roma, dispensam comsigo fidalguia plenaria com todas as *indulgencias* de faceiras. Mui facetos sois (admiraram as *Beldroegas)* e vos juro que se não foreis hermaphroditas femeas com nomes de marimacho, que todos esses brios, que furtastes com o tempo havieis de *repol-os;* porém sois hortaliça varão. Tambem nós (replicaram os *Bredos)*: mas quer de *verão*, quer de inverno, somos herva, que ainda estamos na horta, e já a mesa está posta. Tambem nós o somos; de nós nunca se fez *salada*. Vossês é que são *bellos drogas*, que *beldroegas* vale o mesmo. Não deixaremos estas competencias? (acudiram as *Misturadas)* Que estão ali os *Espinafres*, e as *Acelgas* esperando que as acompanhemos, que se recebem hoje. Ainda agora? (disse a *Salsa)*. Muito tempo ha que as *Acelgas* sabem a que sabem os *grãos;* senão digam-n'o elles; que com serem uns *espinafres* têem tomado bem vezes o *grão*, e não sei se lhe escapára eu, a vir de *Parrilha:* porém hoje sou *acepipe* da mesa, e não queiram me cheguem aos narizes a *Mostarda*. Porém digam-me: toda esta *salsada* ha de ir *ensalsar* o noivado? Isto é uma botica, nem o Chancudo lhe ganha. Pois eu (lhe responderam os *Coentros)* havia de lá ir? Nem que eu estivera com os meus coentros: eu não entro com outrem

senão com *Endros*. Vossês (tornaram as *Misturadas)* nem em tudo se mettem; porém em entrando, tanto que tem dentro o principio do nome, logo dão signal de si. Signal (disseram elles) o *cheiro*. Ha quem mais faça na panella que a *Hortellã*, de quem se disse (com perdão de todas as hervas e da m...) pouca na panella? Venham vossês (acudiu esta) em busca de lã á horta, e irão tosquiadas. Quem eu folgo de ouvir é o *Coentro*, falando em singular, sendo plural: *Coentro*, *coentros*. Ha tal nome!

A etymologia vem (interpretou o *Endro)* de entrar na olha cru: *Cru-entro*, e não como vossês dizem; porém não me responderão a uma pergunta politica? As *Misturadas* são *hortaliça* para se introduzirem comnosco? Que diabo de gente são *Misturadas?* Serão mulatas, ou com quem se foram misturar? Isto é gente, ou gentio? Que sofframos nós aqui a rustiquez do *Alho porro*, e outras hervas bravas, e indomitas, sem cultura, em tempos que é a cultura a melhor gala da politica? Tem razão o *Endro*, (responderam todos a uma voz): porém sendo nós todos *hervas*, tanto importa ser *horta*, como *relva;* que nos comam os homens ou as bestas, sempre é besta quem nos come; senão, digam as tripas, que enxundia criam comnosco? Andar, bom é criar sangue.

FABULA QUARTA

Dos legumes

Os *Feijões fradinhos* queriam o logar principal da mesa: diziam os outros que elles não eram mui *brancos*. Não (replicaram elles) vossês devem vir com os *feijões* de hontem á noite. Não veem que somos religiosos, e que no refeitorio antes da communidade não entra ninguem? Que temos nós com frades? (tornaram os *brancos)* vão á *fava*. Tenham mão (replicaram as *Favas)* que entre uns e outros é pouca a differença: nós é que, quer *verdes*, quer *seccas*, temos primeiro logar: *verdes* por temporãs, *seccas* pelos almoços.

E quem é que gasta taes almocinhos, senão Chitas, que ainda não têem cosido os *chicharos*

da meia noite, e já de madrugada lhe dão com a *fava?*

Tambem *verdes* (disseram ellas) nos querem os fidalgos; e chiton, que *feijões* é manjar grosseiro, ainda sendo de *sapata*, como em Coimbra lhe chamam. Senhores (acudiram as *Ervilhas)* que mais para aqui, que mais para ali, tudo são hervas, e *ervilhas;* só o *Grão de bico* é que se póde *debicar* com elle: homem, que no melhor banquete entra, e se dá aos doentes por dieta, se não fôra curar-se com elles ás fontes, que me causa tedio vêr um grão inchado de fidalgo, e na materia é um pobre.

Ervilharão comnosco as *Ervilhas* (disseram elles) e não caem em similhante descuido, de que confessem serem menos que *hervas, ervilhas* diminutivo; pois bem poderam envergonhar-se de serem *ripadas. Ervilhas!* Toa-me este nome com pouca differença de letras a anagramma de virilhas, e só de considerar a similhança do nome, me causa nojo.

FABULA QUINTA

Do pão

Presava-se o *Pão* de mui branco, e porque lhe chamaram *trigueiro*, disse que não estava todo *trigo;* que advertissem não era nenhum pobrete, que tinha *pão* para comer. Replicaram-lhe, se era por comer *pão* de egreja? Tornou, que elle era *trigo de prioste*, que não tinha *joio*, nem *ervilhaca;* demais que já tinha dito que era rico, e tinha mais em *farellos*, que os outros em *farinha*. Entre os que o murmuravam, presumia de mais fidalgo o *Pão de ló*. Remoqueava-o o *Pão de leite:* Se acaso fôra á India pela gala, que trajava, e se vinha de *ló* pelo costume de navegante? Respondeu-lhe o *Pão de ló*, que visse como falava, que não estava

ao seu *pão*, antes todo o *pão* podia estar com elle á soldada; que ter tão azeda condição era tirar ao *leite*, que mamára. A isto se arreganhou o *Pão de leite*, dizendo, que o *Pão de ló* estava leve no caso, e como homem de *vinho* já devia de vir feito uma *sopa;* que entendesse que elle não era tão *molle*, que não se atrevesse a fazel-o em talhadas.

Tem bom *pão* comnosco (acudiu á pendencia o *Pão branco)* que a ambos havemos de fazer em *fatias*. Vossês não sabem que quem dá o *pão* dá o ensino? E que se forem tolos, que dem o *pão* ao burro, haverá *pão*, e páo: e se não tratarem de fazer entre si boa *farinha*, e me andarem aqui *moendo*, comel-os-hão como quem come *pão*.

Estavam o *Pão de ló*, e o *Pão de leite* taes, que se comeriam a bocados, quando acudiram dous alfamistas, todos *pádinhas*, e por trazerem ambos seus *corninhos*, deram motivo a que os mais se rissem; ao que elles disseram, que em Alfama não era novidade, se bem que mais era a fama, que a verdade; mas que soubessem que nenhum era de melhor *massa*. A isso me *calo* eu, respondeu o *Pão caseiro:* porém trazer cornos, para o cabrão, que os amassou! Arre lá, que quizesse eu sahir de casa, e não coubesse pela porta!

Olhem os poias (tornaram os marabutos) com que nos apoiam? Nós porventura temos

culpa de que as alfamistas nos ponham cornos? Todos pela maior parte somos homens de mar, e isso nos desculpa: peior é tratarem-se vossês com tal pobreza, que sempre andam ao *caldo*, e quando não ha *fatia*, não ha galhofas; nem têem vergonha de se acompanhar sempre com o *queijo*, que sós ninguem ha que os possa tragar. Ha cousa como o *pão* de Alfama? Sim; mas já vossês dizem (tornou o *Pão caseiro)* que são do mar. Nem todos (replicaram elles) que tambem muitos de vossês são *ilheos*, e ultramarinos, e pela maior parte andam pela *rala*, que não sei se por isso lhes chamam *poias*, ou porque presumem de grandes, e a sua fidalguia é *farello*.

Em quanto durou esta competencia, tiveram logar o *Pão de leite*, e o de *ló* de convidar para o rancho aos *Bolos*. Escusavam-se elles, principalmente uns, que eram *podres* de ricos, com tenção de se metterem na conta de *doces*. Maior razão tinhamos nós (disseram os *Fartes)* para nos escusarmos, que somos de outra *especie*, e temos na Confeitaria parentesco, que *farte* e *morgados* de mais sublime cabedal do que vossês, que só passaram pela Confeitaria, e todo o *mel*, e *manteiga* de sua nobreza é por affinidade. Ficaram os *Bolos* de *raiva* todos *enroscados*, dando por esses *trigos*. Só um fulano de *Borralho* achou aos *Fartes* muita razão, dizendo: que elle com os *doces* não era *da agua*, *nem*

do sal, e que confessava que, uma vez, que chegaram a ser *trigo,* todo o *fermento* era um.

As *Broas de milho* é que receiavam metter-se em conta de *pão,* e a sua mesma humildade lhes valeu, convidando-as algum, que talvez era amigo da herva. Ellas mui *coradinhas* entraram, mas diziam que bastava ficarem a par do *Pão de rolão,* cousa, de que elle se escandalisou, allegando mui *embuxado,* que não era *zaburro,* e que era tanto *trigo* como o outro. Estranhou-se-lhe a esquivança, e ás *Broas* se lhes mandou dar uma galla de *mel* e *azeite,* para que pudessem apparecer.

FABULA SEXTA

Das carnes

Picado o *Carneiro* com o *Boi* sobre qual havia de vir primeiro á mesa, lhe perguntou se era *boi*, ou *vacca*, que estava morto pelo saber, pois o via em *carnes*, e não o conhecia. Pois beije-me vossê onde me falta a pelle (respondeu elle); porque se me *picam*, todos somos uns; e se não, dignam-n'o os pasteleiros: demais, que *boi* morto *vacca* é. A nenhum de vossês (acudiu a *Gallinha)* compete o primeiro logar, senão a mim, que posto sou uma *Gallinha*, tenho *substancia;* e se não tenho animo, ponho forças: a *Gallinha* é primeiro que tudo nos banquetes politicos. D'essa sorte (replicou o *Perú)* tambem eu; porque *gallinha*

e perú tudo é um. Isso será (tornou a *Gallinha)* com *arroz*.

Levantou-se o *Chouriço* a este tempo, dizendo: Ter mão, que para tomar o arroz não ha outro como eu, por isso todos gostam de *chouriço* com cordel. Como vem *enchouriçado!* (disse o *Presunto)* Ha cousa como um quarto de *porco*, para se beber uma pinga? Qual quarto? (intrometteu o *Paio)* Por *S. Paio* que se me não foram aos *quartos* uns *lombos* em certa occasião, fazendo comigo *aposta* a perder dous quartilhos, se adivinhava eu se eram de *porco*, ou de *vacca*, a que a *Lingua* me disse: *Adivinha, e dá-lh'os;* nenhum de vossês tinha que fazer comigo, que sou carne de *sacco*. E que consequencia *saca* vossê d'ahi? (replicou um *Pato assado)*. Andem, tornou o *Paio*, que todos vossês são uns *patinhos:* o *paio*, supposto é duro, é de dura, e a todo o tempo tem logar. Ha cousa para um alforje como eu?

Chegou n'isto a *Perdiz*, fizeram-lhe todos reverencia como a pessoa nobre, e não houve carne, que comsigo não dissesse: *Perdi* a estimação á vista da *Perdiz*, que sabe mais que tudo. E vendo entrar uns *Frangos* feitos uns *Pintos* (não sei quem os tinha *ensopado)* lhe disse o *Coelho:* Ter paciencia, amigos, é fracaço de quem como vós anda de noite. D'essas caldeiradas me teem feito queixa *Rolas*, e *Pombos*, e outra muita gente boa, a quem vindo

de *afogadilho* lhe deitaram tal *cebolada* em cima, que era um pasmo: n'isto de *molho*, de noite ninguem se conhece; todos os *gatos* são pardos, e se vendem por *lebre*.

Assim conversavam os *Coelhos*, quando entrou uma senhora mui composta, e mui rebuçada, perguntando se era a pratica prégação de *S. Coelho*. Quem o pergunta? (respondeu um *Pastelão*, que estava mais perto). Descubra-se se acaso não é *Torta*. Ella vendo que a conheciam, disse: Eu serei *torta*, mas digam todos a quem de *direito* pertence o melhor logar da mesa? A mim (tornou o *Pastelão)* porque logo se diz: Venha o *Pastel* para o meio. É engano (instou a *Torta)*, que por serem os *pasteis* mais pequenos, se repartem á roda, a *torta* é que se põe no meio. Tambem o *pastelão*. Querem vossês (replicou a *Vacca)* acommodar-se, pois não sei que haja differença de *torta* a *pastelão?*

Quem a mette a vossê (disse o *Carneiro)* com os *pasteis?* Já lhe disse (tornou a *Vacca)* que nos *pasteis* tenho o mesmo logar. A culpa (disse a *Gallinha)* teem os *pasteleiros:* só eu, ou dê para elles os *ovos* ou a *carne*, sou conhecida pela *pinta*. Pediu licença para entrar uma *Empada*, começaram a arripiar-se as *carnes* aos circumstantes, imaginando vinha a *Quaresma*, ou o tempo das *carnes* tolendas; o que vendo ella disse: Nem á sexta, nem ao sabbado; deixemme entrar, que eu venho por enviada a este

illustre congresso com disfarce de *peixe*, sendo de *carne*, e trago guisadilho de *corça*, que é mais mimoso e delicado que *alcorça*. Entre, minha senhora (disseram todos) que vossa mercê é de *casa*, e n'esta casa ha de ser a porteira da *massa*, porque é adagio antigo, quem vem atraz feche a porta; não deixe entrar mais ninguem.

Disse então um feixe de *Tordos*, *Estorninhos*, *Tarambolas*, e outros passaros, que se vinham fugindo por chegar a tempo: Esperem, que d'esta *fornada* havemos entrar em quanto a lua está sobre o forno. Disseram umas *Tubaras* assadas; Feche a porta, senhora *Empada*, que nós aqui estamos. Diga aos *passaros*, que nos peguem aqui, que tudo é *carne*. Disse a *Empada:* Deixemos vir as *aves*, servirão para a ceia, que assim o diz *Avicena*. Eu me não metto com isso (disse um *Cabrito)* que sou de *Capadocia*. Essa gente não *m'é* nada. Eu te arrenego (replicou o *Toucinho)* como a Mafoma: tambem cá estavas, *carne* do diabo? E ha quem te gaste, e te goste? Acharam todos muita graça ao *Toucinho*, e disse a *Vacca*, que pois elle era o tempero de todos os guisados de *carne*, que podia compadecer-se do *Cabrito*, para que não fosse sermão sem Santo Agostinho. Eu (replicou o *Toucinho)* não quero que o *Bode* á minha custa tire as *barbas* de vergonha; lá se avenha, lá se haja. A isto accrescentou o *Carneiro*, que ainda que

o *Capado* queria equivocar-se com elle, bem conhecido era o cusinho do *bode*. O cusinho! (reparou o *Cabrito)* isso será para o *Porco*, que nós somos mais limpos que isso: se não, veja-se se de *leite* de *porcas* se fez algum dia *guisado*, ou *se da* sua *pelle* se revestiu o melhor licor das mesas?

FABULA SETIMA

Dos pescados

Requestava um *Escolar*, alargando o rabo com escamado *donaire*, a uma *Corvina;* e lhe encarecia que se havia de fazer em *postas* pela servir. Ella, que era do *alto*, disse que não lhe agradavam senão *Douradas*. Pois não imagine (tornou o *Escolar)* que sou algum *peixote*, que deixe comer a *isca*. Suppunha que era eu algum *enche tunas?* A *Corvina*, que até ali estava mui *concha*, ouvindo isto, ficou *embuziada*, e disse, que não levantava algum motim na mesa, por não dar uns calções; mas que soubesse que a *Corvina* era amiga do *Curvo*, e parenta do *Curvino*, que ella os avisaria, que a todos dissessem que não comessem *Escolar*, pois tinham achado em Hypocrates e Galeno ser-pre-

judicial á republica. A menina (tornou elle) parece que quer que sáia; pois se vêm saida, a quem deu o *bribigão* que lhe ponha os calções; pois que eu com quem de direito se estende como um *atum*, cá para traz como o *caranguejo* com estes *donaires*. A *Corvina*, que naturalmente é *carregada*, tanto lhe pesou este dito, que ficou fervendo em ira, e espumando; e o *Escolar* ultimamente lhe disse: Se fosse deitar de *molho*, que não fosse *cação*, e que lhe daria com um rabo de *arraia*.

Chegava n'isto uma *Sarda*, toda de guardapé, e sáia aberta, a quem um *Chicharro* quiz levar á *escalla*, e ella achando-o *secco*, lhe disse que se vinha *assado* para a lograr, trouxesse chorume e vêl-a-ia uma manteiga. Elle, reparando no chasco, lhe perguntou: Com que pós apolvilhava o monete, se era com *sal*, que havia de custar-lhe caro, porque vinha *ardida* e fedendo a ranço. Que é isso lá de fedendo e *ardida?* (acudiu o *Salmonete)*. Em Alcacer falta *sal* para os *monetes?* Quem de si mesma é pouco cheirosa, nem a puro *sal* póde ter graça. Ameaçou a *Sarda* ao *Salmonete* com uma carregação de *Sardinha*, mas apenas o *Chicharro* lhe deu o fumo, convocou os *Carapaos*, os quaes disseram que ainda que os *frigissem* não haviam desavir-se com as *Sardinhas*, que eram seus similhantes. Tambem eu com a *Sarda* me pareço (replicou o *Chicharro)*; mas não consentirei

que ao peixe, que não fede, qual o *Salmonete*, se atrevam umas fedorentas.

Acharam-lhe razão os *Carapaos*, e havia de haver uma do diabo, se não acudira ao desafio a *Eiroz* e o *Congro*, dizendo que se mettessem mão á *Espada*, haviam de ser seus *verdugos*. A esta voz se metteram as *Sardinhas* umas com as outras, que pareciam de *tigelada*. As *Eirozes* se enroscaram como *cobras*, e os *Congros* estavam com o seu *arroz*, cousa que aos *peixes Espadas*, que são mui *enjoados*, provocou a dizerem cobras e lagartos.

Só o *peixe Anjo* o estava na materia, que é um seraphim, porém certas *Agulhas* ferrugentas, tinham entre o *Badejo* e *Bacalhao* mettido tal enredo, que dizia o *Bacalhao:* Ha quem faça melhor cozimento ao estomago que eu? Arre com o *Badejo*, que a puro azeite é que vai escorregando. A mim ninguem me *albarda* (respondeu o *Badejo)*, e saiba que o podem enfiar pelo fundo de uma *agulha*. Ha cousa como o *Badejo* e o *Atum branco*, gordos, que escusam manteiga, e brandos como ella mesma? Se não, diga-me, só *Bacalhao*, ha alguem que o não traga entre dentes?

Estavam as *Agulhas* picando a uns e a outros, cozendo a dous cabos e jogando com pao de dous bicos; mas descozeu-lhe as costuras a *Lamprea*, dizendo, quem a mettia com os *peixes salgados*, sendo ella a que de um dia para o ou-

tro estava podre, pois não havia no mar *peixe* mais em-*sosso?* Olhe quem fala (respondeu a *Agulha)*, boa *prea* temos: venha buscar *lã*, irá tosquiada. Vossê é que fala *em-sosso?* Como vem *sonsa!* Quer *escabeche?* Fale com os estudantes de Coimbra, que lhe vão aos quartos. Olhem as charamellas da Universidade a allegando instrumentos de *genere!* Quem são vossês, mondongueiras do Mondego? São de agua doce, ou sabem que cousa é sal? Tinham as *Agulhas agudeza* natural nos ditos, e sem que puzessem as linhas de casa, não davam ponto sem nó em os chistes.

Os *Saveis* é que foram uns selvagens em não acudir pelas *Lampreas*, mas estavam postos na *espinha*, que os tinha *escalado* a Quaresma passada. O *Goraz* e o *Cachucho* competiam sobre as frigideiras, e dizia o *Goraz*, que lhe tinha *gorado* o melhor, que eram as *ovas;* porém que apostaria que só uma *posta* sua valia mais que quantos *Cachuchos* havia. Respondiam os *Cachuchos*, que elles pela *capucha* se mettiam inteiros na mesa.

Que é isso lá de *capucha?* (acudiram os *Antoninhos)*. Se pela nossa franciscana nos introduzimos, vossês *enfarinhados* em letrados não são mais que *frijas:* nós por inclinados a ouvir sermões, conseguimos nomes de santos. Não sejam vossês *mexilhões* (tornaram os *Gorazes)* que quem escuta, de si ouve; e se Santo Antonio

não bastou para os converter, a que não fossem amigos de escutar, seja castigo ouvirem-se chamar *cabras*, quando mais se presumem de *ruivos*. A este remoque doeu o cabello aos *Antoninhos*, temendo que o habito pardo, de que se prezavam, viesse a dar em *borra*, despedidos da religião.

Divertiu o argumento a *Pescada*, que a este tempo chegava pela *posta* em busca do *Bacalhao*, para que fosse com ella a casa de uma engommadeira a saber qual era a razão, porque ás *voltas* dos bandarras ora chamavam *postas* de *pescada*, ora *bacalhaos?* Riram todos do sutaque, com que a *Pescada* entrou *pescando* ao *Bacalhao*, e elle lhe disse, que só quando lhe nomeavam o nome, tinham as regateiras razão, e falavam verdade, porque fôra *pescada viva*, ainda que depois a vendessem podre; e se se prezava de *pescada*, que toda a gente do mar era *pescada*. Gente do mar, *pescada!* (admirou a *Tainha)* parece *pasquim*. Digo, os *peixes* (tornou elle) que tambem são gente. D'isso me rio eu (continuou a *Tainha)*: basta serem do mar para não serem gente; e se não, olhe: os homens do mar como se chamam? *Marabutos*, que vale o mesmo que *mar* e *brutos*.

FIM.

INDICE

Pag.

PRELIMINARES..... V

PARTE PRIMEIRA

Pag.

DIALOGO I. Em metaphora de cabellos..... 1
§ 1.º » » de cabeça..... 3
§ 2.º » » de testa..... 5
§ 3.º » » de cara..... 6
§ 4.º » » de rosto..... 9
§ 5.º » » de faces..... 9
§ 6.º » » de olhos 10
§ 7.º » » de narizes..... 13
§ 8.º » » de boca..... 16
§ 9.º » » de dentes..... 17
§ 10.º » » de beiços..... 20
§ 11.º » » de lingua..... 21
§ 12.º » » de queixo..... 22
§ 14.º » » de orelhas..... 24

Pag.

DIALOGO II. Em metaphora de corpo..... 27
§ 1.° » » de pescoço..... 29
§ 2.° » » de hombros 32
§ 3.° » » de braços..... 32
§ 4.° » » de mãos..... 34
§ 5.° » » de dedos 37
§ 6.° » » de unhas 38
§ 7.° » » de peito..... 39
§ 8.° » » de mama 41
§ 9.° » » de barriga 41
§ 10.° » » de estomago 42
§ 11.° » » de pernas 43
§ 12.° » » de pés 44

DIALOGO III. Em metaphora de coração..... 47
§ 1.° » » de sangue..... 48
§ 2.° » » de tripas..... 49
§ 3.° » » de bucho, etc... 50
§ 4.° » » de figado, etc... 51
§ 5.° » » de pelle, etc.... 53
§ 6.° » » de carne, etc... 55
§ 7.° » » de humores..... 57

DIALOGO IV. Em metaphora de alma..... 59
§ 1.° » » de potencias.... 63
§ 2.° » » de sentidos..... 67
§ 3.° » » de vêr..... 68
§ 4.° » » de ouvir 71
§ 5.° » » de cheirar..... 72

Pag.

§ 6.° Em metaphora de gostar..... 75
§ 7.° » » de palpar..... 77

DIALOGO V. Em metaphora de acções..... 80
§ 1.° » » de chorar..... 82
§ 2.° » » de rir..... 83
§ 3.° » » de comer..... 87
§ 4.° » » de beber..... 90
§ 5.° » » de cuspir..... 91
§ 6.° » » de coçar..... 92
§ 7.° » » de andar..... 95
§ 8.° » » de falar..... 96
§ 9.° » » de dormir..... 98

DIALOGO VI. Em metaphora de cama..... 101
§ 1.° » » de camisa..... 103
§ 2.° » » de vestido..... 107
§ 3.° » » de calçar..... 111
§ 4.° » » de espada..... 114
§ 5.° » » de chapeo..... 117

PARTE SEGUNDA

Pag.

DIALOGO I. Em metaphora de Deus..... 123
§ 1.° » » de ceo..... 128
§ 2.° » » de anjos..... 131
§ 3.° » » de fogo..... 134
§ 4.° » » de agua..... 139
§ 5.° » » de ar..... 146
§ 6.° » » de terra..... 148